

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC

RAFAEL REBOUÇAS BRANDÃO

O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO A PARTIR DO PENSAMENTO
GRAMSCIANO

São Bernardo - SP

2020

RAFAEL REBOUÇAS BRANDÃO

O ENSINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO A PARTIR DO PENSAMENTO
GRAMSCIANO

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO, do núcleo sediado pela Universidade Federal do ABC (UFABC), como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ensino de Filosofia.

Orientador: Dr. Silvio Ricardo Gomes Carneiro

São Bernardo - SP

2020

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do ABC Elaborada pelo
Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da UFABC com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Rebouças Brandão, Rafael

O ESINO DE FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO A PARTIR DO
PENSAMENTO GRAMSCIANO / Rafael Rebouças Brandão. — 2020.

129 fls.

Orientador: Silvio Ricardo Gomes Carneiro

Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal do ABC, Mestrado
Profissional em Filosofia - PROF-FILO, São Bernardo do Campo, 2020.

1. Espontaneísmo. 2. Senso Comum. 3. Bom senso. 4. Crítica. 5.
Atitude filosófica. I. Ricardo Gomes Carneiro, Silvio. II. Mestrado
Profissional em Filosofia - PROF-FILO, 2020. III. Título.

**Este exemplar foi revisado e alterado em relação à versão original,
de acordo com as observações levantadas pela banca examinadora
no dia da defesa, sob responsabilidade única do(a) autor(a) e com
a anuênciā do(a) (co)orientador(a).**

SÃO BERNARDO DO CAMPO, 04 de DEZEMBRO de 2020.

Rafael Rebovese Brandão Rafael X. Brandão
Nome completo e Assinatura do(a) autor(a)

J. Gonçalves
Nome completo e Assinatura do(a) (co)orientador(a)



SIGAA - Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas
UFABC - Fundação Universidade Federal do ABC
Programa de Pós-Graduação em Filosofia
CNPJ nº 07.722.779/0001-06
Av. dos Estados, 5001 - Bairro Santa Terezinha - Santo André - SP - Brasil
ppg.prof-filo@ufabc.edu.br



FOLHA DE ASSINATURAS

Assinaturas dos membros da Banca Examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato RAFAEL REBOUÇAS BRANDÃO, realizada em 18 de Agosto de 2020:

A handwritten signature in black ink, appearing to read "Silvio Ricardo Gomes Carneiro".

Dr. SILVIO RICARDO GOMES CARNEIRO, UFABC

Presidente - Interno ao Programa

A handwritten signature in black ink, appearing to read "Alex Sandro Calheiros de Moura".

Dr. ALEX SANDRO CALHEIROS DE MOURA, UNB

Membro Titular - Examinador(a) Externo à Instituição

A handwritten signature in black ink, appearing to read "Márcia Aparecida Jacomini".

Dr. MÁRCIA APARECIDA JACOMINI, UNIFESP

Membro Titular - Examinador(a) Externo à Instituição

Dra. MARINE DE SOUZA PEREIRA, UFABC

Membro Suplente - Examinador(a) Interno ao Programa

Dra. SUZE DE OLIVEIRA PIZA, UFABC

Membro Suplente - Examinador(a) Externo ao Programa

Dedico esta dissertação a todos os meus familiares e amigos, em especial a todos os jovens das periferias, que são privados de um ensino de qualidade.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior — Brasil (CAPES) — Código de Financiamento 001, que tornou possível esta pesquisa por meio da Bolsa de estudos — Demanda Social, concedida pelo Programa de Mestrado Profissional em Filosofia (Prof-Filo).

Agradeço a todas as pessoas que de alguma forma fizerem parte deste projeto.

] Agradeço ao meu professor e orientador, Dr. Silvio Ricardo Gomes Carneiro, pela dedicação, paciência ao longo dessa etapa, sempre me orientando para melhorar a pesquisa e o meu aprendizado.

Agradeço à Prof. Dra. Márcia Aparecida Jacomini, a Dra. Débora Cristina Goulart e a Prof. Dra. Fernanda Carlos Borges, que compuseram a banca de qualificação, pelos comentários e orientações. Agradeço aos professores e professoras, que, aceitaram o convite para participarem deste momento fundamental em meu processo, são os professores (as): Prof. Dr. Alex Sandro Calheiros de Moura, Prof. Dra. Márcia Aparecida Jacomini, Prof. Dra. Marinê de Souza Pereira, Prof. Dra. Suze de oliveira Piza.

Agradeço aos meus colegas do mestrado, do núcleo PROF-FILO, Adriana, Cristiano, Fúlvio, Maria, Fabiano, Priscila, Eder e Jeferson que com seus comentários durantes as aulas colaboraram com essa pesquisa.

Agradeço aos meus familiares.

Ao Gilmar e ao Léo, pelo socorro nos momentos de dificuldade.

Agradeço a todos os professores do Programa de Mestrado – Prof-Filo – UFABC.

A Capes pelo apoio financeiro concedido.

Agradeço a todos os meus alunos e ex-alunos, desejo que saibam que o motivo dessa pesquisa existir são vocês.

Por fim, agradeço a todos aqueles que direta, ou indiretamente, colaboraram, rezaram por essa pesquisa.

RESUMO

A pesquisa aborda o ensino de Filosofia partindo do senso comum em busca do bom senso, uma filosofia que parte do espontaneísmo, que é um senso comum acrítico; onde aparecem as opiniões sem uma elaboração crítica, sem reflexão e, que são recebidas automaticamente pelo indivíduo. São opiniões atropeladas pelos acontecimentos e pela ausência de um bloco unificador e organizado, pois, o senso comum da classe subalterna possui opiniões vindas de diversos tempos. Assim, com a presença de uma opinião organizada, se consegue formar um bloco para o exercício comum e para a formação de uma classe popular forte e determinada, para exercer a luta social, dessa forma, deve estar organizada para transformar a sua história e poder exercer uma luta pela hegemonia, uma filosofia das massas.

O espontaneísmo e o senso comum estão presentes de diversas maneiras em todas as classes sociais. O objetivo dessa pesquisa é o desenvolvimento da reflexão crítica a partir do senso comum dos alunos, permitir suas ideias, o ponto de vista do aluno, a sua fala, o que ele pensa, o que concorda etc., utilizando-se disto, para posteriormente, desenvolver através da filosofia, as críticas, as reflexões e intervenções, para que possibilitem ao estudante elaborar um senso crítico, um novo pensamento, de buscar constantemente uma atitude filosófica diante da sua realidade e, assim, aprimorar cada vez mais, uma postura consciente dos problemas que os cercam como sujeito social, portanto, transformando o senso comum recebido automaticamente, em busca do bom senso, um senso crítico e melhor elaborado. Para isso será analisado primeiramente o senso comum, partindo do pensamento espontâneo, como recurso nas aulas de Filosofia. A elaboração crítica e consciente é considerada um ponto importante dentro do processo de aprendizado filosófico. Para isso, se especificarão os elementos constituintes do senso comum, elementos de crenças e identificando a presença de modelos sociais conservadores, míticos, enrijecidos por concepções de mundo de uma elite dominante. A fim de analisar como se dá essa dominação e a contribuição de uma atitude e leitura filosófica para a criação de um senso crítico e sistematizador, se faz importante o ensino de Filosofia nas escolas, principalmente na rede pública de ensino, onde ocorre um sucateamento no processo de desenvolvimento humano do aluno da periferia. No primeiro capítulo será abordada um breve relato da vida de Antônio Gramsci. No segundo capítulo, a

questão do senso comum em Gramsci, um filosofar a partir do senso comum acrítico, desorganizado, com o objetivo de transformar esse senso comum em um bom senso, em opiniões críticas, reflexivas e organizadas, em vista de uma emancipação do aluno. No terceiro capítulo traremos a prática, com exemplos de aulas produzidas a partir do senso comum. A prática filosófica nas aulas será a partir de aulas em roda de conversa e de exposição dos pensamentos dos alunos sobre diversas questões. Estas consistem na ampla liberdade para os alunos falarem, escreverem, desenharem ou qualquer outra forma que venham a se manifestar, bem como da atenta participação do professor diante de todo o processo, discutindo, provocando, trazendo contextos sociais etc.

Palavras-chave: Espontaneísmo. Senso comum. Bom senso. Crítica. Atitude. Ensino de Filosofia.

ABSTRACT

The research approaches the teaching of Philosophy starting from common sense in search of common sense, a philosophy that starts from spontaneism, which is an uncritical common sense; where opinions appear without critical elaboration, without reflection, and which are automatically received by the individual. These are opinions run over by events and the absence of a unifying and organized bloc, since the common sense of the subaltern class has opinions from different times. Thus, with the presence of an organized opinion, a block can be formed for the common exercise and for the formation of a strong and determined popular class, to exercise the social struggle, thus, it must be organized to transform its history and power exercise a struggle for hegemony, a philosophy of the masses.

Spontaneism and common sense are present in different ways in all social classes. The objective of this research is to develop critical reflection based on students' common sense, to allow their ideas, the student's point of view, their speech, what they think, what they agree with, etc., using this, to later, develop through philosophy, the criticisms, reflections and interventions, so that they allow the student to develop a critical sense, a new thought, to constantly seek a philosophical attitude towards his reality and, thus, to improve more and more, a posture aware of the problems that surround them as a social subject, therefore, transforming the common sense received automatically, in search of common sense, a critical and better elaborated sense. For that, common sense will be analyzed first, starting from spontaneous thinking, as a resource in Philosophy classes. Critical and conscious elaboration is considered an important point within the philosophical learning process. For this, the constituent elements of common sense, elements of beliefs and the presence of conservative, mythical social models, stiffened by worldviews of a dominant elite, will be specified. In order to analyze how this domination occurs and the contribution of a philosophical attitude and reading to the creation of a critical and systematic sense, the teaching of Philosophy in schools is important, especially in the public school system, where there is a scrap in the human development process of students from the periphery. In the first chapter, a brief account of the life of Antonio Gramsci will be discussed. In the second chapter, the question of common sense in Gramsci, a philosophizing based on uncritical, unorganized common sense, with the

aim of transforming that common sense into good sense, into critical, reflective and organized opinions, in view of the emancipation of the student. In the third chapter we will bring the practice, with examples of classes produced from common sense. The philosophical practice in classes will be based on classes in conversation and exposure of students' thoughts on various issues. These consist of ample freedom for students to speak, write, draw or any other form that may be manifested, as well as the attentive participation of the teacher in the whole process, discussing, provoking, bringing social contexts, etc.

Keywords: Spontaneism. Common sense. Common sense. Criticism. Attitude. Philosophy teaching.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 O PENSAMENTO DE GRAMSCI E AS PRIMEIRAS IMPLICAÇÕES NA EDUCAÇÃO.....	18
CAPÍTULO 2 A PRAXIS DO ENSINO DE FILOSOFIA EM GRAMSCI.....	22
2.1 O Senso comum em Gramsci.....	22
2.2 A escola como concepção capitalista para as classes subalternas.....	30
2.3 A filosofia da práxis como instrumento da educação emancipatória....	34
2.4 A filosofia a partir do senso comum.....	45
CAPITULO 3 APLICAÇÃO DE GRAMSCI NA APRENDIZAGEM DOS ALUNOS QUE ESTUDAM FILOSOFIA.....	57
3.1 Teoria e prática.....	57
3.2 Filosofia da periferia.....	60
3.2.1 Pressupostos de um Ensino de filosofia.....	65
3.2.2 Um método no Ensino de Filosofia.....	66
3.2.3 Experiência da aula.....	72
3.2.4.1 O processo de coleta, de levantamento do senso comum, presente nos alunos.....	73
3.2.4.2 Aula dois.....	76
3.2.4.3 Aula três.....	83
3.2.4.4 Aula quatro.....	92
3.2.4.5 Aula cinco.....	94
3.2.4.6 Aula seis.....	97
3.2.4.7 Aula sete.....	99
3.2.4..8 Aula oito.....	101
3.2.4.9 Aula nove.....	106
3.2.4.10 Aula dez.....	107
3.2.4.11 Aula onze.....	110
3.2.4.12 Aula doze.....	111
3.2.4.13 Aula treze.....	116
3.2.4.14Aula quatorze.....	118
CAPITULO 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	125

- INTRODUÇÃO

A questão que me provocou para a elaboração deste trabalho surgiu, em um primeiro momento, de uma reflexão sobre o lugar da filosofia no ensino público da rede estadual de educação de São Paulo. Como poderia ser a prática deste ensino, a partir do lugar de professor de Filosofia atuando em uma periferia da zona sul - bairro do Campo Limpo? Cheguei ao tema refletindo sobre a desigualdade entre os mundos dos jovens da elite e os jovens da periferia; ou ainda, sobre o senso comum contido, absorvido pelos jovens da periferia, que em sua maioria não trazia um senso crítico-reflexivo, questionador, um senso de classe, de união etc. De outro modo, eles traziam sonhos e falas provenientes de uma cultura da elite, uma repetição de vidas, ideias, sonhos, visão de mundo e da vida. Um fazer automático, sentimentos de vazio existencial, também estavam nos afetos daqueles jovens. Diante deste cenário, percebi também a ausência de uma filosofia da periferia, uma visão de mundo original, no sentido que Gramsci traz, ou seja, uma classe subalterna que construa o governo de si mesma e que não seja governada por outra classe. Notei o medo e a vergonha que vinham deles, quando falavam da periferia, do lugar que moravam, da vida ali etc. Muitos desses jovens, apresentam falta de um senso crítico, de uma noção de pertencimento e agente de transformação, de mudança, de organização, de identidade social e cultural.

Então, fui percebendo que não adiantaria fazer em princípio, logo no início do primeiro contato desses jovens com a filosofia na escola, uma abordagem apenas trazendo a história da filosofia, um uso do ensino de filosofia trazendo a sua história, trazendo diretamente a história da filosofia, evitando uma colonização do pensamento, mas, buscar captar, entender o senso comum presente nos jovens, pois, a visão que eles têm do mundo, as suas opiniões são filosofias, são concepções de mundo, de vida, de felicidade, de liberdade, de ciência, enfim, nas opiniões dos jovens existem filosofias e concepções.

Assim, não seria pertinente trazer naquele momento, os problemas filosóficos logo de primeira, fazendo com que os alunos identifiquem, na história geral e da filosofia, nas escolas filosóficas, os dogmas filosóficos, as escolas tradicionais, as crenças, as ideias e os sistemas de opressão presentes ali, nas teorias filosóficas etc. Entre tantas outras formas de usar a filosofia no ensino médio, escolhi o caminho por

meio do senso comum, do qual julgo ser o mais próximo desta realidade. Então pensei nos elementos desse senso comum: a realidade, o próprio pensamento, a visão de mundo, de vida do jovem, a realidade que ele percebe, as coisas que acontecem e como ele percebe, como ele nota essas coisas a sua volta, nos acontecimentos gerais. O que este jovem pensa sobre algo, tinha que tirar dele, deixá-lo falar, escrever, pensar, provocá-lo também, criar debates, encenações sobre acontecimentos da vida real, debatê-las, refletir etc. Enfim, partir do espontaneísmo, de um senso comum muitas vezes acrítico e desorganizado.

Todo professor e professora sempre devem procurar refletir e se questionar sobre a sua prática, sobre o seu lugar e sobre o mundo em que está. Assim, por exemplo, o que um professor de filosofia pode fazer dentro de uma sala de aula, no caso aqui, seria eu esse professor, pois, partindo da minha realidade, onde cada sala tem uma média de 40 alunos e uma média de 10 a 15 salas de aula por período.

O que um professor de filosofia e o ensino de filosofia, podem fazer para contribuir na construção daquela micro sociedade presente em sala de aula e consequentemente, para o seu redor. O professor de filosofia da periferia de São Paulo (sendo o meu caso: que moro ao lado da escola e círculo nos ambientes sociais do bairro em geral), mesmo que não queira, uma hora ou outra terá que se confrontar, questionar-se e buscar entender, conhecer, aproximar-se e levantar o senso comum dos jovens daquele lugar, onde eles estão inseridos. Assim, partir de diversas realidades, com o objetivo de transformá-lo, criticá-lo, organizar e construir um novo senso comum. Não dá para pensar que ensinar filosofia, em uma rede pública de ensino, nunca entrará em atrito com as opiniões correntes e que não terá que lhe dar com diferentes e inesperadas situações, próprias de uma realidade plural, dispersa e diversa, como é uma grande periferia de São Paulo. Daí o papel do ensino de filosofia, o de um filosofar com o rosto da periferia, uma posição de ter como objetivo, o de criar um senso comum, com intensa e constante postura crítica, com consciência de classe, com atitudes e consciência de sujeito, autor do processo histórico etc.

Dessa maneira, é fundamental a presença e o ensino de filosofia no ensino público. Este é o lugar de onde eu parto. Pensando, refletindo em como deveria ser esse ensino, como deveria ser a relação da filosofia com os jovens e vice-versa, com tal intuito, que me empenhei em elaborar esse trabalho e cursar um programa especializado para refletir e questionar tal fazer. A filosofia deve falar com o jovem,

para isto deve ter atenção para não se mostrar superiora, distante e algo só para alguns, deve-se começar com a filosofia no primeiro ano a partir de opiniões, de diversos assuntos, realidades, visões de mundo do próprio jovem, existe vida ali, existe mundos, etc.

O que os jovens pensavam ser a filosofia e o que a filosofia pensa sobre o jovem da periferia de São Paulo e qual o papel da filosofia no ensino e no processo filosófico durante o percurso do jovem. Portanto, julgo, não ser de primeira importância, partir, apenas de um ensino enciclopédico da filosofia, digo isto ao primeiro contato do jovem para com a filosofia dentro da escola pública, não deve ser, em um primeiro contato, a partir da história da filosofia ou de simplesmente fazer com que os alunos decorem filosofias, o que disse tal filósofo e filósofa, decorar conceitos. De outro modo, parece mais necessário em primeiro momento que seja elaborado um processo, de mergulho no senso comum acrítico, desorganizado, para que, a partir dele, aproveitando o espontaneísmo (que é um senso comum recebido de forma acrítica, com ideias dispersas, fragmentadas, as quais não deixam de conter, entretanto, a possibilidade de se tornar matéria para crítica consciente e organizada), presente nas massas populares, buscar uma reflexão, sobre as diversas concepções de mundo manifestas em seus fragmentos.

Nosso trabalho parte desse senso comum acrítico, sem reflexão, fragmentado, com ideias e concepções de mundo separadas, desse espontaneísmo presente nas massas populares, nas classes oprimidas que convivem numa coletividade. Decerto, ainda que lhes falte um conjunto uniforme, agregador de concepção de mundo, paradoxalmente é tal falta que lhes torna pertencentes à mesma classe ou segmento social, o que ocorre na periferia. Formular questões a partir desse senso comum presente, dar espaço para o jovem falar, expor o pensamento, a visão de mundo, a sua concepção de mundo.

O professor deve permitir que o senso comum apareça, o professor deve provocar para que seja exposto e debatido constantemente as opiniões, as crenças, os valores, as religiões, as opiniões políticas, dos alunos e conjuntamente dentro do processo, o professor deve questionar e fazer críticas sobre as opiniões dos alunos bem como as suas próprias. É fundamental essa abertura, pois, é justamente por meio desse espontaneísmo que irá aparecer o tipo de senso comum presente naquele senso comum das massas populares, dos subalternos, mostrando que existem

diversos senso comuns, visões de mundo, concepções, e filosofias desagregadas, acríticas, sentidos comuns que se repetem, e são assimilados e aceitos pela classe subalterna, sem se dar conta do processo de dominação da classe dominante, aceitando concepções de mundo que não a dela própria, não elaborado por ela. No entanto, a despeito dessa assimilação, é possível dizer que tais visões não se estabelecem de maneira única: são fragmentos de uma totalidade.

A filosofia e o seu ensino têm um papel fundamental na educação e na transformação da sociedade como um todo. A sociedade brasileira, em especial, marcada pela hierarquização, resultado de um processo de dominação e opressão, que ocorreu por um longo processo histórico. Decerto, uma parcela desta sociedade lutou e luta para manter a sua hegemonia e a sua dominação sobre os subalternos. As camadas subalternas, quando não passam por um processo crítico e elaborado de transformar o senso comum, possuem concepções dispersas de mundo, crenças recebidas automaticamente, das quais foram assimiladas acriticamente, aceitas sem nenhum senso reflexivo-crítico, sendo assim, não procurando sistematizar tais concepções. E esse tipo de senso comum quando presente, vindos de opiniões de todo tipo, vindas de todo lugar, concepções desagregadas, desarticuladas, onde aparece a ausência de consciência de classe popular, ausência de vontade e falta de senso, a falta de ter a consciência que sua condição é um produto histórico e a falta de noção de que ele que é o sujeito histórico transformador. Sendo assim, transformar o senso comum das camadas subalternas é criar a sua própria concepção de mundo, é tornar a consciência de classe popular crítica, e atuante para a luta.

O exercício filosófico pode abrir essa possibilidade, em oposição a essa consciência da classe subalterna, que se alinha à classe dominante. Sendo assim, muitos inimigos da filosofia foram e são contra a sua presença no ensino público, argumentando que ela não serve para nada, que não se deve perder tempo e dinheiro investindo nessa disciplina, que os jovens devem se formar para a vida futura, devem ser um bom cidadão, um bom funcionário. Em contrapartida, os inimigos da filosofia estão cheios de manuais dizendo a estes jovens e aos profissionais da educação como se deve educá-los. Tais inimigos impõem, implícita e explicitamente, qual deve ser o caminho certo para se dar bem na vida, concepções de mundo e de vida que não são da maioria, mas de uma minoria que acaba impondo à maioria como deve ser as coisas. Estes não querem que as grandes massas da sociedade se libertem

das concepções de mundo que possuem, da condição de subalternidade, de maneira acrítica, um senso comum que é produto de uma elite dominante com o objetivo obscuro de manter sua hegemonia.

O ensino de filosofia na rede pública de ensino, deve partir do senso comum, e elaborar uma crítica consciente para que esses senso comuns sejam transformados, naquilo que Gramsci denominaria “bom senso”, que é um novo senso comum, próprio, criado pelos próprios indivíduos, mas sempre pensando no todo social em que estão inseridos. Assim, o papel da filosofia carrega consigo o intuito de criar um senso comum, crítico-reflexivo e atuante. Daí a importância de um ensino a partir do senso comum. É em relação a esse material que se pode operar o contato com a tradição, com as escolas de pensamento, tornadas objetos de críticas e contraste com o bom senso, em vista de se elaborar uma reflexão mais bem apurada dos processos de dominação etc. Busca-se com esta atitude elaborar críticas, reflexões ou ajustes em tais pensamentos, tomar consciência e conhecimento dos processos de dominação, tanto dos processos sociais, históricos, culturais etc. Além disso, é possível que o estudante, ao enfrentar o seu próprio senso comum, passe a elaborar o próprio pensamento, conquistando uma consciência cada vez mais crítica, elaborando criticamente a própria concepção, criando cultura, buscando sua originalidade, o seu ser. Um saldo do que podemos chamar com Gramsci de uma “filosofia da práxis”.

Daí a importância de o professor ter uma concepção, de que todos e todas são filósofos(as), pois, todos possuem concepções, ainda que fragmentadas, produzidas pelo senso comum estabelecido. Porém, sem um trabalho filosófico crítico, essas concepções são tomadas como verdades absolutas, e esse professor especialista, partindo da concepção da práxis crítica, pode provocar nos alunos a percepção das influências impostas à condição subalterna e, contrário a isso, elaborar críticas e reflexões produzindo um pensamento e concepção melhor aprimorados e um senso mais crítico.

"Todos os homens são filósofos", diria Gramsci (*apud* COUTINHO, 2011, p. 145), mas não no sentido que todos são especialistas - o que será mais bem explicado no decorrer do trabalho. De outro modo, essa afirmação explicita que todos possuem uma concepção de mundo, pois, todos estão inseridos em um grupo dentro de um espaço-tempo na sociedade, e nasceram já inseridos em tais grupos e que já possuíam concepções, conservavam valores, culturas, folclore, senso comum,

crenças, filosofias e concepções de seus antepassados, possuem uma linguagem, possuem elementos conceituais, culturais, de crenças, valores nessas formas de linguagens, etc.

Por isso, também, a importância de o professor de filosofia ser próximo da comunidade, entender seus problemas, suas questões, onde ele se encontra enquanto sujeito naquele espaço. Não obstante, problematizando a questão do ensino de filosofia e o seu papel para com os jovens da periferia de São Paulo, na zona sul, e tendo em vista todo o debate de como as ideias se estabelecem numa condição periférica e subalterna, acompanha nesta pesquisa a necessidade de o próprio ensino de filosofia ser um problema filosófico. Assim, entendemos que o objetivo do ensino de filosofia, tem a necessidade de analisar neste trabalho a própria noção e o papel da filosofia no senso comum e como se dá a passagem deste para o bom senso, ou seja, para a filosofia da práxis.

Para isto, partimos da concepção de senso comum do filósofo e político, Antônio Gramsci. Entre as diversas preocupações do filósofo desde seus primeiros textos estão problemas que introduzimos aqui como o senso comum, a classe subalterna, a concepção de mundo e a filosofia, acreditamos que por meio de suas contribuições poder-se-á, primeiramente, partir de uma análise do senso comum dos alunos e ir de encontro a suas concepções, filosofias, e além dos muros da escola. Com isso, é possível fazer do pensamento e da prática, uma constante atitude crítica e coerente, visando a transformação da sua condição e da sociedade, de seus valores, da sua cultura, da política, da sua ação.

Procuramos por meio dessa pesquisa, compreender o senso comum e o seu caráter na sociedade, na escola, sua aceitação acrítica e a importância de se elaborar um ensino para uma atitude filosófica crítica e, sistematizadora dos elementos da filosofia, da cultura e mesmo da história. Nisso, o nosso ensino possibilita identificar concepções, crenças, valores, cultura, que oprimem o sujeito histórico, reduzindo-os a concepções de mundo de uma elite dominante. Em outras palavras, o ensino de filosofia, com base na práxis crítica, deve carregar consigo o intuito de transformar e elaborar um novo senso comum, com bom senso e com atitude filosófico-crítico, visando elaborar a sua própria concepção, criar cultura, saber que deve lutar conscientemente (pois, você pode, de maneira acrítica, lutar em uma luta que não é a sua), e assim tornar-se um sujeito criador da história.

Nesse sentido, desenvolvemos nossa pesquisa em duas partes: no primeiro e no segundo capítulo, será abordada a questão da filosofia da práxis gramsciana, como fundamento do ensino de filosofia. Dessa maneira, um ensino de filosofia, que parte de uma concepção gramsciana, tendo como objetivo, a ação para a organização e a formação dos jovens da periferia. O professor de filosofia, que atua na periferia, que luta e trabalha pela consciência de uma classe, pela união dos jovens da periferia, pela construção de um senso crítico, organizado e consciente de seu papel como construtor do seu futuro.

O papel da filosofia da práxis no ensino de filosofia, tem como objetivo organizar, de modo consciente, o senso comum dos jovens da periferia, aprimorá-la, buscando constantemente a sua originalidade, a realização da sua própria filosofia, ou seja, dirigente de si mesmo, não mais em uma condição de governado, mas, uma classe governante de si. Assim, partindo, desse pressuposto gramsciano, do ensino de filosofia na periferia, ele se torna o exercício de uma filosofia contra a ideologia da classe dominante, que, essa mesma classe dominante, que, em um ambiente de ensino, acaba por exercer a sua atividade, de impor a sua ideologia, também, nas escolas públicas, influi por meio das leis da educação, das provas, dos livros, das apostilas, da forma como apresenta e direciona o jovem para o mercado de trabalho, da estrutura das escolas, da alimentação dos jovens. Dessa forma, a classe dominante cimenta a sua ideologia, impondo a sua concepção para toda uma sociedade e não deixando o jovem destruir e construir concepções de mundo.

No terceiro capítulo, desenvolvemos a parte prática. Um processo que tem como objetivo desenvolver e colocando em prática, um ensino de filosofia. Assim, partindo dos pressupostos de Gramsci, usar o espontaneísmo, usar e buscar conhecer o senso comum presente nos alunos, com a intencionalidade de transformá-lo em um bom senso, algo feito de maneira consciente, crítica e elaborada.

1 CAPÍTULO 1 – O PENSAMENTO DE GRAMSCI E AS PRIMEIRAS IMPLICAÇÕES NA EDUCAÇÃO.

Gramsci foi um homem que buscou incansavelmente conhecer profundamente o seu povo, o povo da qual fazia parte e que a muito tempo eram oprimidos, subjugados, usados por outros povos e classes dominantes. Como intelectual de seu tempo, buscou transformar “as condições de vida do povo, exprimiu as aspirações das massas populares, formulou os objetivos de liberdade, de justiça, de emancipação social a que tende a luta secular dos oprimidos contra os opressores” (TOGLIATTI, 1950).

Preso devido ao seu engajamento contra o fascismo de Mussolini, desenvolveu no cárcere, de 1926 a 1935, uma imensa produção intelectual, registrada em trinta e três cadernos que foram fornecidos pelas diretorias das prisões por onde passou. Vinte e nove cadernos destes, possuem apontamentos e notas elaborados ao longo de uma década de reflexão e constituem o cerne de seu pensamento. Na noite de 25 de abril de 1937 sofre um derrame cerebral, vindo a morrer dois dias depois, no dia 27 de abril de 1937. Tatiana Schucht, sua cunhada, fez com que o material produzido na prisão fosse preservado e o levou a Moscou, deixando-o sob a responsabilidade do Partido Comunista (PCUS), que confiou a Palmiro Togliatti a responsabilidade de organizá-lo e prepará-lo para publicação. Os primeiros escritos dos *Cadernos do cárcere* vieram a público na Itália, entre 1948 e 1951, através do empenho de Togliatti, que agrupou cuidadosamente os textos por temas e publicou-os em seis volumes distintos (GRAMSCI, 1999, v1, p. 7-9).

Percebemos a importância da ação e do pensamento de Gramsci para a organização e formação da grande massa do proletariado italiano. O pensador lutou pela consciência de uma classe, pela união dos trabalhadores e a sua libertação da condição de subalternos e pela construção de um senso crítico, organizado e consciente de seu papel como construtor de seu futuro. Um povo que lutou contra muitas opressões, contra um sistema de exploração das massas trabalhadoras, existentes em enorme quantidade.

No Brasil, este autor se afirma como um dos principais influenciadores para nosso pensamento crítico. Seu olhar aprofunda uma crítica ao quadro social que passou por diversas situações de exploração da mão de obra escrava em um

processo de violenta colonização e que, em tempos de democracia, desenvolveu um severo processo de sucateamento da educação brasileira. Com efeito, foi instaurada a elitização na qualidade de ensino, baseada nos interesses de uma minoria, comandada e dirigida por uma classe dominante externa e interna, de uma política dirigente em favor desta classe dominante, causando diversos problemas sociais e econômicos.

Assim, podemos ver por meio das lutas dessas classes subalternas e a sua luta na busca de sua organização, a importância de cada vez mais lutar de modo consciente e dirigente de si mesma, transformadora e construtora da sua própria história. O povo brasileiro foi originado a partir da miscigenação entre diferentes etnias. A população, a cultura brasileira é bastante miscigenada, isso ocorreu em razão da mistura de diversos grupos humanos que aconteceu no país, inúmeras raças que formaram o povo brasileiro. E as futuras periferias da grande capital se tornam o despejo, a selva capitalista que em nome do progresso atropela a todos que não possuem folego capital. Com muito esforço, a classe subalterna acaba por ter que lutar por sua sobrevivência, sendo oprimida e empurrada às margens da sociedade, obrigando-os a irem para periferia. Essa condição foi causada por um longo processo histórico desigual e dirigido por uma elite dominante.

Ocupando um lugar especial nessa história de dominação social, a escola acaba sendo uma trincheira de combate contra a classe dominante. De um lado, a educação pública serve aos interesses da elite dominante para que os jovens e os professores reproduzam todo o seu aparelhamento ideológico como forma de manter a sua hegemonia, utilizando-se do medo e da ameaça contra os professores. Em especial, aqui habita um discurso contra a área de humanas, como a filosofia e a sociologia, que, segundo o Estado hegemônico autoritário¹, são espaços para que professores acabem usando suas aulas para doutrinar os alunos, com teorias alienantes. Exemplos não faltam até mesmo a partir dos próprios alunos da periferia, com a colaboração dos próprios familiares, que incentivam aos seus filhos para que produzam vídeos, gravações das falas, das aulas dos professores, que são considerados esquerdistas e doutrinadores. O que acaba criando um clima pesado e amedrontador para o professor exercer a sua atividade filosófica, que tanto precisa

¹ Apontamos os recentes ataques feitos pelo ex-ministro da educação, Weintraub.

fazer-se do uso da crítica e da palavra, para o seu exercício profissional. Uma realidade que vemos hoje, por exemplo, na escola sem partido, que na verdade tem um partido e um objetivo, o de impedir as críticas ao seu projeto e a sua política, dessa forma, continuar fazendo uso da educação, para perpetuarem jovens, cidadãos e eleitores acríticos e subalternos. Esse sistema também, fomenta em uma divisão em categorias da classe dos professores.

Muito do senso comum produzido pela classe dominante acaba sendo absorvido automaticamente, sem uma postura crítica, pela classe subalterna, periférica. Esta, por sua vez, acaba tomando muito desse senso comum para si, o que traz para a classe subalterna a fragmentação própria de crenças e concepções de mundo diversas e dispersas. Conforme absorvidas como ideias comuns, elas acabam sendo creditadas pelos subalternos como verdades absolutas. Como por exemplo, a crença no mérito pelo trabalho na frase: “Deus ajuda quem cedo se levanta”, muitas vezes, reproduzida pela classe subalterna como verdade absoluta e inquestionável. Assim, um certo senso comum da classe dominante é espalhado através dos muitos aparelhos do Estado e instituições que estão a serviço dessa hegemonia, por meio da qual agem, com o intuito de buscar o consenso para a ação da conservação de sua hegemonia.

Ao solidificar a sua hegemonia, a classe dominante busca pavimentar os conflitos sociais, por meio de suas ideologias: um cimento social com o qual procura convencer as pessoas, criando um consenso de modo autoritário e alienante para a solidificação de sua ação política, utilizando-se dos diversos meios e canais do seu sistema, o que transforma os poderes como mecanismos da ação. O que afeta a classe subalterna, e que acaba por causar desorganização, fazendo com que em muitos momentos, a classe subalterna, fique reproduzindo a concepção de mundo da classe dominante.

Contra toda essa instrumentalização social e política orquestrada pela classe dirigente, que, se faz necessário um método de ensino de filosofia na escola da periferia, e com a concepção de uma filosofia da práxis, o que faz da sala de aula, uma trincheira de luta e de ação na intervenção das concepções dos alunos da rede pública de ensino, em uma periferia de São Paulo.

Como professor de filosofia, busco ser um intelectual orgânico, com a intenção de organizar o senso comum da classe subalterna, e constantemente provocar uma

ação-reflexão e uma reflexão-ação, da organização e transformação das visões de mundo, que flagradas através do senso comum dos alunos, aparecem fragmentadas. Diante deste material por vezes confuso, o professor de filosofia deve organizá-lo buscando articulação, das filosofias. É o que Gramsci opera com a filosofia da práxis, cujo objetivo é organizar o senso comum da classe subalterna, aprimorá-la, buscando constantemente a sua originalidade, a realização da sua própria filosofia, a de sua periferia, a sua visão de mundo, com senso crítico, reflexivo, organizado e dirigente de si mesmo, não mais em uma condição de governado, mas, uma classe governante de si.

2 CAPÍTULO 2 - A PRÁXIS DO ENSINO DE FILOSOFIA EM GRAMSCI

2.1 O SENSO COMUM EM GRAMSCI

Risorgimento, como Spaventa²: basta recordar suas observações sobre aqueles que pretendiam, com a desculpa de que o momento da autoridade é imprescindível e necessário, conservar sempre o homem no “berço” e na escravidão (GRAMSCI, 1999, c 10 § 6, p. 293).

As classes dominantes, aqueles que ocupam o poder político e econômico, atuam com autoridade sobre a vida do povo, procura a todo tempo e por diversos instrumentos exercer o domínio por meio de forças e instituições manipuladas. Essa classe dominante parte do pressuposto de superioridade da elite, de ganância pelo poder e riquezas, atuam por meio de sistemas econômicos desenfreados, que resultam em realidades desordenadas e desiguais. Na miséria produzida por esse sistema em desequilíbrio, oprimem os mais necessitados, os quais acabam arrastados a “participar” desta engrenagem faminta e insaciável.

Como professor de filosofia de uma periferia, percebo o resultado desse mecanismo social, quando meus alunos não trazem quase nenhuma esperança ou expectativa em relação ao futuro de suas vidas. Muitos alunos falam do sonho e do que desejam fazer profissionalmente, academicamente, mas, ao mesmo tempo, esses alunos também trazem esse questionamento sobre as condições e as diferenças entre os filhos da elite e os filhos da periferia, que precisarão contar com a sorte, com um esforço dez vezes maior em relação ao do filho da elite. Em contraste a isso, capacitar esse aluno para o enfrentamento dessa realidade periférica é fundamental. Afinal, a filosofia ajuda no processo de análise e crítica dessa realidade, e utilizando-se de diversos caminhos possibilita a organização do senso comum dos alunos gerará um maior e constante senso crítico sobre tais realidades. Trata-se, pois, de uma atividade

² Spaventa: para ele o Espírito era imanente na história da filosofia. Sua interpretação era libertar a cultura filosófica italiana de seu provincialismo, espalhando o idealismo alemão, em particular hegeliano, na península.

Spaventa também foi deputado do Reino da Itália em três legislaturas: ele era um defensor de uma política secular e vinculado a um forte senso de Estado, considerado a fonte dos princípios e valores inspiradores de um desenvolvimento civil harmonioso, do qual indivíduos e a comunidade, eles devem obter os alimentos necessários para o crescimento "ordenado e correto".

de reflexão crítica diante do senso comum dos alunos periféricos, imersos em sua condição ideológica de subalternos. O senso comum da classe subalterna facilmente se deixa convencer pelos ideais produzidos por uma classe dominante e conservadora, uma classe dominante que produz uma perspectiva sobre o senso comum (VACCA, 2016), um recorte que aprofunda ainda mais as camadas de dominação.

De acordo com Gramsci, “[...] senso comum, que é a ‘filosofia dos não filósofos’, isto é, a concepção do mundo absorvida acriticamente pelos vários ambientes sociais e culturais” (*apud* COUTINHO, 2011, p. 148), podemos afirmar que o senso comum é o conhecimento obtido por tradição, aqueles herdados por meio dos antepassados e todas as experiências que aquela determinada coletividade viveu; é o conhecimento de todos, homens/mulheres comuns, não-especialistas.

Mas também, é uma forma de conhecimento universal, pois, todos e todas, em qualquer área do conhecimento e de sua especialidade, é também um ser humano comum e que faz uso de um certo conhecimento espontâneo em diversas ocasiões e situações de seu dia a dia. É todo o imenso e variável conjunto de ideias que fazem com que os seres humanos interpretem a realidade. Assim, segundo Gramsci, “Todavia, o ponto de partida deve ser sempre o senso comum, que é espontaneamente a filosofia das multidões, que se trata de tornar ideologicamente homogênea” (*apud* COUTINHO, 2011, p. 150).

Quando não é refletido, criticado e analisado, o senso comum se encontra misturado às crenças que não se sabe de onde vêm, preconceitos de todas as espécies, visões de mundo fragmentadas. Assim, quando esse senso comum é recebido acriticamente, é um conhecimento espontâneo e fragmentado, o que resulta, sob o manto ideológico da classe dominante, em um saber conservador e simplista, que mantém a todos neste limite de saberes. No entanto, em meio a este processo, que opera tanto um saber tradicional quanto ideologias dominantes, o ser humano se encontra juntamente com seus contemporâneos e com o grupo social da qual faz parte e que traz a herança de conhecimentos anteriores, tradicionais, às vezes com elementos de mudanças e incorporações. Algo que é possível perceber com Gramsci, que:

demonstra acreditar que existem vários 'senso comuns', diferenciados por conotação social e área geográfica. Mas ele usa a expressão também com uma conotação não positiva. De fato, escreve que 'todo estrato social tem seu

senso comum, que é, no fundo, a concepção de vida e a moral mais difusa [...]. O senso comum não é algo rígido e imóvel, mas se transforma continuamente, enriquecendo-se de noções científicas e opiniões filosóficas introduzidas no costume (LIGUORI; GUIDO, VOZA; PASQUALE, 2017, p. 722).

Assim, percebe-se que, para Gramsci existem diversos sensos comuns que estão dispersos e fragmentados. É desse modo que esses sensos comuns aparecem em sala de aula, com algumas concepções que os alunos nem sabem de onde surgem nem quais são suas razões. Pois, em uma sala de aula da periferia, estamos com jovens vindos de diversas e diferentes culturas, de regiões geográficas, cada qual com concepções variadas de bem e mal, de religião e moral. Algo que, à primeira vista, faz com que esses sensos comuns se mostrem dispersos e desorganizados; concepções de mundo que os alunos trazem, que, em alguns casos, percebemos que acaba por ter incorporado acriticamente e acaba por recebê-lo como verdade absoluta e única. Decerto, tal presença acrítica do senso comum é o que Gramsci (2017; p.722) procura apresentar com o significado negativo, “não positivo” do senso comum. Assim, no senso comum, de todas as classes, estão inseridos automaticamente elementos de crenças vindas não se sabe de onde, de opiniões científicas diversas, de visões de mundo que acabam sendo introduzidas no costume, o que acaba por moldar a vida dessas pessoas, que vivem e interagem em torno naquele modo de vida, daquelas normas e regras morais, na cultura daquele determinado estrato social, na sua religião.

E é aqui que o senso crítico, a análise do senso comum deve ser feita, e em sala de aula com a filosofia, coletando e separando, identificando os sensos comuns. Com isso, o professor parte desta perspectiva comum, buscando pontos de análises tanto positivas quanto negativas, as influências e as contradições do senso comum. E essa postura do professor não é a de uma colonização do pensamento, mas seu oposto: é a descolonização de sensos comuns inseridos na comunidade de maneira acrítica e fragmentária. Movimento importante para a crítica da ideologia hegemônica em defesa de uma filosofia da periferia, por uma concepção de mundo que seja crítica e autêntica, com a sua cultura.

Existem inumeráveis formas de senso comum, percebemos em diversas culturas traços racionais misturados e ao lado de mitos, crenças e folclore. Diante

disso, podemos dizer que a história, a vida dos povos, das pessoas, teria uma constante transformação do senso comum, fazendo a história.

Portanto, o senso comum vai transformando, e por isso, cria consigo futuras crenças, folclore e mundos. Em resposta a isso, Gramsci (*apud* COUTINHO; 2011, p. 150), opera uma “filosofia da práxis”, aquela que transforma, critica e analisa a si mesma e a todas as demais filosofias, de modo a transformar o senso comum.

Pensar então o ensino de filosofia como uma filosofia da práxis é tanto a análise crítica e coerente das correntes filosóficas como também a atitude de transformar e organizar os senso comuns fragmentados, uma vez que, na sala de aula, existem diversos senso comuns que devem ser organizados e analisados. Podemos dizer, pois, que o ensino de filosofia incide em uma crítica do folclore, de modo a operar um exercício descrito por Gramsci da seguinte forma:

[...] o folclore foi estudado até agora (na realidade até agora apenas foi coletado material cru). Seria preciso estudar o folclore, ao contrário, como “concepção do mundo e da vida”, em grande medida implícita, de determinados estratos (determinados no tempo e no espaço) da sociedade, em contraposição (também está, na maioria dos casos, implícita, mecânica, objetiva) às concepções do mundo “oficiais” (ou, em sentido mais amplo, das partes cultas das sociedades historicamente determinadas) que se sucederam no desenvolvimento histórico (GRAMSCI; ANTONIO, 1999, c 27 § 1, p. 133).

É preciso olhar para o senso comum e para todas as suas formas como uma concepção de mundo, como uma filosofia, mas, como uma filosofia que transforma o senso comum, uma filosofia que transforma as outras filosofias. Não se trata, pois, de uma filosofia que apenas interpreta as demais correntes de pensamento, mas aquela capaz de transformar as visões de mundo, modificar a realidade, criar um sentido comum, uma nova concepção de mundo. E por isso mesmo, consciente de ser sujeito da própria história e não objeto submetido à história de outros. Um conflito, pois, contra a ideologia dominante, a partir das camadas populares.

Quando, individualmente, um elemento da massa supera criticamente o senso comum, ele aceita, por este mesmo fato, uma filosofia nova: daí, portanto, a necessidade, numa exposição da filosofia da práxis, da polêmica com as filosofias tradicionais (COUTINHO; CARLOS, 2011, p. 150).

A ideologia da camada subalterna da sociedade, uma filosofia da periferia, é fundamental na organização do senso comum, de modo a produzir uma contra ideologia.

Daí ser importante um ensino de filosofia na periferia com a concepção de um ensino filosófico crítico. Pois a própria escola pública é parte ideológica do depósito e distribuição do senso comum da classe dominante, com o intuito de reproduzir e formar o bloco ideológico. E quais instituições e órgãos fazem parte dessa estrutura? “Dela fazem parte: bibliotecas, as escolas, os círculos e os clubes de variado tipo, até a arquitetura, a disposição e os nomes das ruas” (LIGUORI; GUIDO, VOZA; PASQUALE, 2017, p. 400).

A despeito desse conjunto ideológico, deve-se analisar e criticar o senso comum das classes subalternas e dominantes, não aceitando tudo que aparece como senso da periferia.

A sala de aula de filosofia se apresenta, então, como uma trincheira de combate contra hegemonia dominante, um espaço cheio de contradições. E nessa sala de filosofia, nessa trincheira, o professor como um intelectual orgânico, pode organizar o senso comum, e assim, formar outros intelectuais orgânicos saídos da periferia, que ao partirem dali, atuarão em outras trincheiras do sistema, criando ao longo do tempo, através de um longo processo, o elemento necessário para a filosofia contra hegemônica, uma cultura própria da periferia, da classe subalterna. Um combate feito na própria trincheira da ideologia, contra a própria ideologia dominante:

É graças à ideologia que um sujeito coletivo se torna consciente de si e, portanto, pode contrapor-se à hegemonia adversária: a ideologia como lugar de constituição da subjetividade coletiva. Se não se entende que este sujeito – que se tornou consciente de si – deve munir-se de um próprio 'aparelho hegemônico' ('ideológico') para travar sua luta nas concretas 'fortalezas e casamatas' do Estado 'integral', permanecer-se-á preso a uma concepção idealista e ao mesmo tempo racionalista-iluminista (LIGUORI; GUIDO, VOZA; PASQUALE, 2017, p. 400).

O senso comum contém, pois, esse conjunto de costumes, valores, lendas, conceitos, provérbios, manifestações artísticas em geral, preservado por um povo ou grupo populacional, por meio da tradição oral e que produzem modos de ver e de agir próprios a um “folclore filosófico” (GUIDO; PASQUALE, 2017, pag. 307). Isto é, uma concepção de mundo e da vida que não é da classe subalterna, uma vez que não foi

construído por ela mesma, mas por relações de dominação. Assim, uma visão de diversos fragmentos, pedaços soltos e espalhados durante o processo histórico, da mesma forma, que hoje vemos diversos e diferentes estratos dentro de uma classe social ou da classe trabalhadora, o proletariado. Conforme os comentadores:

É uma justaposição mecânica de várias concepções do mundo, ou até mesmo um museu de fragmentos de todas as concepções do mundo e da vida que se sucederam na história. Também o pensamento da ciência moderna fornece elementos ao folclore (LIGUORI; GUIDO, VOZA; PASQUALE, 2017, pag. 307).

As camadas de baixo da sociedade assimilam roboticamente, automaticamente, alienadamente visões de mundo, acumulam coisas antigas, do passado, entulhos diversos, vindos de todas as partes e tempos da vida humana e do globo terrestre, a própria ciência e a ideia de progresso acabam por serem produtos que alimentam tal concepção das classes subalternas, "o pensamento e a ciência moderna fornecem continuamente novos elementos ao 'folclore moderno'" (COUTINHO, 2011, p. 151), o tempo e o espaço se modificam e as formas e adaptações do senso comum, igualmente. A sociedade vai se transformando e assim, parte do senso comum permanece e parte se transforma, ficando fragmentado pela história.

O folclore deteriora-se, empobrece-se, e vai [...] livrando-se de elementos que se tornaram supérfluos e inúteis, recebendo outros fatos necessários e preciosos, modificando seu legado, trocando-o de lugar em lugar, variando formas e aspectos, evoluindo no tempo, diversificando-se no espaço; até o ponto em que novas superstições intervêm, enquanto que a série parecia encerrada (LIGUORI; GUIDO, VOZA; PASQUALE, 2017, p. 308).

Dessa deterioração do folclore resulta que o senso comum, como conhecimento espontâneo, é assistemático e disperso, é um tipo de conhecimento também empírico, baseando-se na experiência do dia a dia das pessoas, um tipo de conhecimento não-crítico segundo Gramsci (2017; p. 308-309), um saber que não se coloca como problema e não se questiona enquanto saber, possui crenças e postura reacionária, conservadoras, resistente às mudanças.

O professor de filosofia, agindo no senso comum, nas diversas opiniões dos alunos, vai perceber que o senso comum é contraditório, o senso comum é

polimórfico, está sujeito a mudar de forma ou se apresentando de diversas formas, agir e trabalhar no senso comum e desenvolver, aprimorar, elaborar as suas oposições, suas polarizações, suas discordâncias, com a intenção de transformá-lo, modificá-lo. Tal movimento desdobra-se em uma práxis, por meio do qual, o professor de filosofia, como o intelectual orgânico responsável por essa organização em sala de aula, atua em prol da classe proletária, a classe da periferia, seus alunos.

E essa batalha é por tomada de posição, a luta pela hegemonia cultural e ideológica por meio do senso comum dos alunos e do professor. Portanto, transformar e modificar o senso comum, organizá-lo é uma ação, uma filosofia da práxis. E em muito do senso comum, que aparece em sala de aula, e, que, em diferentes graus, também, está presente em muitas outras camadas da classe dominada, que é a crença e a sensação, de que não a o que fazer para mudar situações sociais e que deve ser o sujeito, responsável pela sua própria história, enquanto classe. Seria a partir daí que podemos apreciar uma filosofia, que segundo Gramsci, opera junto ao senso comum:

O senso comum não é uma concepção única, idêntica no tempo e no espaço: é o “folclore” da filosofia e, como o folclore, apresenta-se em inumeráveis formas; seu traço fundamental e mais característico é o de ser uma concepção (inclusive nos cérebros individuais) desagregada, incoerente, inconsequente, conforme à posição social e cultural das multidões das quais ele é a filosofia (GRAMSCI; ANTONIO, 1999, c 11 § 13, p. 114).

Todas as diferentes formas do senso comum, seus diferentes traços apresentados pelas desagregadas visões de mundo das massas populares da sociedade, são produtos e resultados da força de pressão e do sistema hegemônico coesão da classe dominante. O que gera visões de mundo fragmentadas, a partir do qual os subalternos se encontram também dispersos para elaborarem a sua consciência enquanto classe. Com isso, as massas populares, sua vida, as concepções de mundo, assimiladas aleatoriamente, acabam por ser organizadas pela classe dominante, em um processo de hegemonia, conceito central da filosofia de Gramsci. Segundo o autor:

Estes sistemas influem sobre as massas populares como força política externa, como elemento de força coesiva das classes dirigentes, e, portanto, como elemento de subordinação a uma hegemonia exterior, que limita o

pensamento original das massas populares de uma maneira negativa, sem influir positivamente sobre elas, como fermento vital de transformação interna do que as massas pensam, embrionária e caoticamente, sobre o mundo e a vida (GRAMSCI; ANTONIO, 1999, c 11 § 13, p. 114-115).

Esse sistema acaba por abafar e não permitir uma organização do pensamento original das classes subalternas, sistemas que estão na sociedade, por meio de leis e instituições contrárias à emancipação dos subalternos.

Dessa forma, temos o papel das ideologias como cimento social de uma sociedade dividida. Mas Gramsci nos alerta sobre a dinâmica da ideologia nas sociedades, operando em seus dois tipos. Segundo o autor, é preciso diferenciar ideologias historicamente orgânicas e ideologias arbitrárias:

Enquanto são historicamente necessárias, as ideologias têm uma validade que é validade “psicológica”: elas “organizam” as massas humanas, formam o terreno no qual os homens se movimentam, adquirem consciência de sua posição, lutam etc. Enquanto são “arbitrárias”, não criam mais do que “movimentos” individuais, polêmicas etc. (GRAMSCI; ANTONIO, 1999, c 7 § 19, p. 237).

A ideologia historicamente necessária são aquelas ideias e conjunto de questões, organizados para serem o chão onde será o que garantirá o movimento em conjunto. As arbitrárias, são aquelas ideias desconexas, individualistas, que dizem algo que não serve a uma grande massa de pessoas, por isso, sem força.

Dessa forma, Gramsci, ao dividir o conceito de ideologia, apresenta aquela com maior força histórica. A ideologia é diferente do senso comum. Não é uma noção de realidade da classe subalterna. Embora ambas sejam práxis sociais que produzem visões de mundo, cada qual produz efeitos diversos na vida social. O senso comum é um conjunto de valores que organiza a vida social e, numa sociedade de classes, produz uma visão fragmentada. A ideologia é a operação que produz a liga.

É o passo fundamental para a classe dominante manter seu status. Assim, a ideologia é: “o significado mais alto de uma concepção de mundo que se manifesta implicitamente na arte, no direito, na atividade econômica, em todas as manifestações de vida individuais e coletivas” (GRAMSCI, 1986, p. 16). Tendo como caráter e intenção conservar a unidade de todo o bloco social, a ideologia, enquanto concepção de mundo, possui a função positiva de atuar como “cimento” de toda a estrutura social.

Assim, a partir com um fragmento que se aproxima da concepção de Gramsci, Marilena Chauí afirma:

a ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (ideias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar, o que devem valorizar, o que devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. Ela é, portanto, um corpo explicativo (representações) e prático (normas, regras, preceitos) de caráter prescritivo, normativo, regulador, cuja função é dar aos membros de uma sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais, sem jamais atribuir tais diferenças à divisão da sociedade em classes, a partir das divisões na esfera de produção. Pelo contrário, a função da ideologia é a de apagar as diferenças, como as de classes, e de fornecer aos membros da sociedade o sentimento da identidade social, encontrando certos referenciais identificadores de todos e para todos, como, por exemplo, a Humanidade, a Liberdade, a Igualdade, a Nação, ou o Estado (CHAUI; MARILENA, 1980, p. 113).

Percebemos, então, que a função de uma ideologia é espalhar o caráter ideológico de uma classe social sobre a outra classe, para movimentar, formar o seu domínio de forma alargada. No exercício da ideologia da classe dominante, ela exerce a sua atividade, em escolas públicas, influindo por meio das leis da educação, das provas, dos livros, apostilas, da forma como apresenta e direciona o jovem para o mercado de trabalho, da estrutura das escolas, da alimentação dos jovens. Impondo a sua ideologia ali, na escola, a classe dominante cimenta a sua ideologia - não enxergando um todo, mas impondo a sua concepção para toda uma sociedade.

2.2 A ESCOLA COM CONCEPÇÃO CAPITALISTA PARA AS CLASSESSUBALTERNAS

Vejamos esse debate sob o ponto de vista da escola, uma instituição como um piso ideológico, onde se prática e divulga visões de mundo, concepções por exemplo de cidadania, de educação, de liberdade, de bem, etc. Exigem uma cidadania de cima para baixo, lotam as salas de aula, colocam profissionais não especialistas para dar aulas, exploram a mão de obra do professor, que está na linha de frente e é muito mal remunerado, enquanto outras profissões, com um menor impacto na vida social, acaba por ganhar dez vezes mais. Para observarmos isso, basta olhar para a grande

parte do nosso sistema político, que, alimenta cargos que nada fazem, ganhando absurdos, além do nosso sistema judiciário, que ganham em um ano, o que um trabalhador demora a vida toda para ganhar. Também, o professor do ensino básico, que tem que trabalhar em várias escolas, para tentar ter uma vida digna.

A escola, dentro de um contexto capitalista, faz desta instituição, que deveria ser um local de formação igualitária e de espaço de transformação das desigualdades, e da organização das contradições sociais, e isto envolve todas as dimensões da vida do ser humano. O que a classe dominante toma por escola pública e o uso que se deve ser feito dela, é a de ser um campo de exercício de sua ideologia, acaba por ser utilizada como um lugar, um campo e um local estratégico para a formação de seus empregados, dos futuros e atuais colaboradores da grande empresa, uma escola focada e direcionada por interesses de classes.

Assim, a escola deve formar indivíduos preparados e capacitados para consolidar a hegemonia. E existe uma escola para cada especialidade, um ramo complexo e dividido. A cada desenvolvimento da divisão do trabalho, a escola aprofunda suas especializações. Conforme Carlos Coutinho:

A tendência atual é a de abolir qualquer tipo de escola 'desinteressada' (não imediatamente interessada) e 'formativa', ou de conservar apenas um reduzido exemplar, destinado a uma pequena elite de senhores e mulheres que não devem pensar em preparar-se para um futuro profissional, bem como a de difundir cada vez mais as escolas profissionais especializadas, nas quais o destino do aluno e sua futura atividade são predeterminados (COUTINHO; CARLOS, 2011, p. 213).

Assim, portanto, por todo esse processo de divisão e subdivisões, de especializações, temos escolas voltadas e direcionadas intencionalmente para classe dominante. A escola capitalista é um lugar em que ocorre a formação para ele seguir a subserviência, em um modelo técnico-industrial, mercadológico-bancário, favorecendo aos ideais neoliberais presentes na visão econômica que orienta a política-educacional³, “o essencial repousa na capacidade do trabalhador de continuar a aprender o que lhe será útil profissionalmente” (LAVAL, 2004, p. 49)

³ Existe uma diferença de tempo entre o conceito de escola capitalista e a escola na visão neoliberal, porém, o intuito permanece, ou seja, formar “cidadãos preparados para o trabalho, para o mercado de trabalho e assim garantir a mão de obra necessária para a manutenção do Estado burguês.

A escola deve olhar para o geral, para tudo o que implica a vida humana de qualidade e que estivesse a serviço de todas as pessoas, que garantisse ao menos mecanismos que ajudassem igualmente a todos a se realizarem enquanto seres humanos. A ideia do capital é: quanto mais bens materiais, diplomas, fama, reconhecimento, você conquista melhor você é, e mais valor você tem, logo, mais importância você tem. Laval destaca que o interessante para a escola hoje, segundo o discurso neoliberal, é o “aprender a aprender” em um sentido de ter “criatividade, desembaraço, flexibilidade e autonomia” no modo do trabalho, devendo a escola “abandonar tudo o que se pareça com uma “acumulação de saberes supérfluos” (LAVAL, 2004, p. 49), assim, um ensino de filosofia não pode ser crítico e transformador, mas deve formar o jovem com os pressupostos dos ideais de cidadania do sistema vigente.

O problema é que não há a possibilidade de todos serem bem-sucedidos aos moldes da ideologia burguesa-capitalista, ocorrendo dessa forma uma corrida desenfreada, desorganizada, injusta e desigual aos melhores lugares da sociedade capitalista.

E é óbvio que a população das periferias, os jovens das escolas públicas, pela própria lógica interna do sistema, terão que se virar e desvirar-se para alcançar um lugar ao sol. Em nosso contexto social, que instiga a cultura do individualismo, do psicologismo burguês da autoajuda e da cultura motivacional, da resiliência, acabam na verdade, isolando e dividindo a sociedade como um todo, uma cultura que gera e fabrica competidores, pessoas competindo o tempo todo, em todos os níveis e setores da sociedade e da cultura dominante.

Numa escola baseada na divisão de classes, a classe subalterna foi impedida de ajudar na construção de uma sociedade emancipada, na construção de um ser humano com concepções de mundo mais justas, igualitárias, de empatia, de bem comum e liberdade. É justamente partindo dessa concepção de mundo, que se faz necessário lutar conscientemente e constantemente para transformar a sociedade e a cultura como um todo, na construção de um ser humano demasiadamente humano. Eis aqui um espaço em que Carlos Nelson Coutinho reconhece uma educação abrangente.

[...] escola única inicial de cultura geral, humanista, formativa, que equilibre de modo justo o desenvolvimento da capacidade de trabalhar manualmente (teoricamente, industrialmente) e o desenvolvimento das capacidades de trabalho intelectual (COUTINHO; CARLOS, 2011, p. 214).

Vemos a concepção de um preparo para a vida social diversa, uma escola com a tarefa de inserir o jovem na vida social, de prepará-lo com afínco humano, explorando todas as suas potencialidades enquanto sujeito. Ou seja, uma educação para a capacidade do desenvolvimento de sua total autonomia e desenvolvimento enquanto ser humano. Portanto, uma criação não somente prática, mas uma formação prática em diálogo com a intelectual, humana, para que o indivíduo crie e tenha a sua própria iniciativa, uma ação na sociedade uma ação crítica-reflexiva, intelectual e autônoma.

Uma forma igualitária de dar oportunidades iguais para todos. Para tanto, Coutinho sustenta que:

A escola unitária requer que o Estado possa assumir as despesas que hoje estão a cargo da família no que toca à manutenção dos alunos, isto é, requer que seja completamente transformado o orçamento do ministério da educação nacional, ampliando-o enormemente e tornando-o mais complexo: a inteira função da educação e formação das novas gerações deixa de ser privada e torna-se pública, pois somente assim ela pode abarcar todas as gerações sem divisões de grupos ou castas (COUTINHO; CARLOS, 2011, p. 215).

Este tipo de concepção, tem no horizonte, uma economia política voltada para a educação de todos, de forma igualitária, por meio de políticas públicas. Assim, uma concepção de escola que não reflete criticamente seu contexto social, acaba por reproduzir continuamente a hegemonia de uma sociedade competitiva, e os abismos entre diversas camadas sociais.

Esse modelo escolar passa a ser justamente o contrário no capitalismo. Como parte desse modo de produção, a escola capitalista para a classe subalterna acaba sendo um lugar somente de formação técnica, quando muito. O que também significa dizer um treinamento para uma cidadania acrítica. Formam tecnocratas, obedientes servis, civilizados, competidores, cumpridores de tarefas, copistas e jovens cheios de sonhos capitalistas, como ter uma bela casa, um belo carro, uma bela conta bancária, ser o melhor custe o que custar. Seguem, a palavra e o conceito da moda.

Passando a ideia de que estão preparando-os para a vida, para a realidade tal como ela só pode ser, os profissionais da educação hegemônica levam à camada subalterna a acreditar que realmente estão oferecendo a melhor educação para seus filhos, pensando em seu bem, em sua autonomia. No entanto, tais profissionais somente continuam a engrenagem social burguesa concepção de mundo egoísta, competitiva, meritocrática.

No limite, o ser humano dessa educação ganha o seu valor pela utilização de sua energia vital, como um produto e uma peça a ser usada para a sua máquina funcionar corretamente.

Somos frutos da cultura ocidental, que nega o direito à palavra do outro e impõe a sua pelo uso da força ou da domesticação das consciências, tornando hegemônica a palavra do opressor, sua ideologia, sua concepção de mundo como fato natural, determinado (FREIRE *apud* SOUZA, 2015, 2015, p. 88).

A peça que quebrar ou não funcionar direito, aquela que não se enquadra nos modelos, simplesmente é trocada por outra que servirá, exercendo funções práticas e automáticas, repetindo o movimento social da força hegemônica operada e instrumentalizada pela classe dirigente e dominante.

2.3 A FILOSOFIA DA PRÁXIS COMO INSTRUMENTO DA EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA

Desde a independência nacional, a educação brasileira demora-se longamente para sair dos quintais de uma classe dirigente, privilegiando a formação de uma casta da sociedade em detrimento de outra. No entanto, há um longo processo de muitas lutas em prol do construir o que poderia vir a ser um cidadão, no sentido de sermos autores de nossa cultura. Busca dessa forma, uma conscientização conjunta (FREIRE, 2015, p. 213).

Ninguém deixa seu mundo, adentrado por sua raiz, com o corpo vazio ou seco. Carregamos conosco a memória de muitas tramas, o corpo molhado de nossa história, de nossa cultura; a memória, às vezes difusa, às vezes nítida, clara, de ruas da infância, da adolescência, (...) a mão que se apertou, o sorriso que se perdeu num tempo de incompreensões, uma frase (...) Uma

palavra por tanto tempo ensaiada e jamais dita, afogada sempre na inibição, no medo de ser recusado que, implicado a falta de confiança, em nós mesmos, significa também a negação do risco (FREIRE *apud* SOUZA, 2015, p. 188).

As mudanças ocorreram, as transformações foram sendo feitas com muito custo e luta.

Trata-se aqui de um bom modo de introduzir a filosofia da práxis. A questão é que a filosofia da práxis se organiza como algo transitório, sendo por isso mesmo, transformadora da realidade. A filosofia da práxis se difere de todas as outras concepções filosóficas, justamente porque ela é transitória, o que a torna capaz de transformar a si mesma e às demais filosofias mediante a crítica. Contraria, pois, às filosofias tradicionais, que buscam se manter em suas concepções como verdades absolutas. Segue aqui Marx, na tese XI sobre Feuerbach (1845), quando afirma que os filósofos até aquele momento tinham apenas lançado diversas e diferentes interpretações sobre o mundo (MARX, 1969, p. 26-28). Entretanto, enquanto apenas interpretam o mundo, não conseguiram se tornar filosofias concretas. De outro modo, uma filosofia que se prestasse à ação política trataria de transformar mundo. Nesta frase, Marx não abandona a filosofia como um mero idealismo interpretativo. De outro modo, ele modifica o status da filosofia, conferindo-lhe, um novo sentido, a saber: concebe uma “filosofia da práxis”. Segundo Coutinho (2011, p. 165-166), não é uma filosofia isolada, absoluta em seus sistemas. De outro modo, a filosofia da práxis tem uma pretensão de universalidade. Dessa forma, torna-se uma filosofia capaz de transformar a realidade. Assim, continua Coutinho:

Mas cada sistema filosófico, tomado em si mesmo, não foi a expressão consciente destas contradições, já que tal expressão só poderia ser dada pelo conjunto dos sistemas em luta entre si. Todo filósofo está e não pode deixar de estar convencido de que expressa a unidade do espírito humano, isto é, a unidade da história e da natureza; de fato, se tal convicção não existisse, os homens não atuariam, não criariam uma nova história, isto é, as filosofias não poderiam transformar-se em ‘ideologias’, não poderiam assumir na prática a granítica e fanática solidez daquelas ‘crenças populares’ que têm a mesma energia das ‘forças materiais’ (COUTINHO; CARLOS, 2011, p. 165 - 166).

Ora, sob este ponto de vista, a história é contraditória e a filosofia da práxis busca constantemente estar livre das diversas concepções e posturas que possuam

uma visão única, recortada, de uma parte apenas, o que a tornaria dogmática. De outro modo, a filosofia da práxis deve estar atenta a uma consciência dos demais elementos de contradição que constitui a própria realidade histórica do homem, das sociedades.

É necessário conhecer como são constituídas as relações entre os homens, “ninguém educa ninguém, ninguém tampouco se educa sozinho, os homens e mulheres se educam entre si mediatizados pelo mundo” (Freire *apud* SOUZA, 2015, p. 190). Essa tomada da consciência crítica por sua vez resulta no seguinte movimento, descrita por Coutinho:

[...] a filosofia da práxis busca liberar-se de qualquer elemento ideológico unilateral e fanático, é a consciência plena das contradições, na qual o próprio filósofo, entendido individualmente ou como grupo social global, não só comprehende as contradições, mas coloca a si mesmo como elemento da contradição, eleva este elemento a princípio de conhecimento e, consequentemente, de ação. O 'homem em geral' é negado, qualquer que seja a forma em que se apresente, e todos os conceitos dogmaticamente 'unitários' são ridicularizados e destruídos enquanto expressões do conceito de homem em geral ou 'natureza humana' imanente em cada homem (COUTINHO; CARLOS, 2011, p. 166).

Decerto, as filosofias que ignoram as contradições de concepção tradicional, dogmática, imutável e intransigente partilham da história hegemônica de uma classe dominante. É o que havíamos dito sobre o contexto da educação nas escolas periféricas.

Diante desse cenário, a filosofia da práxis é uma necessidade. Ainda mais no contexto atual, na atualidade da política educacional e social, submetida ao discurso de uma escola que não tenha partido, em que propõe aos alunos das periferias uma visão de liberdade e sociedade sem contradição alguma, uma postura adestradora diante dos professores com infinitas ameaças de exonerações, vídeos na internet, gravações, um estado educacional policialesco. Procuram, em contrapartida, passar a ideia aos alunos de que não existe nada a ser transformado na sociedade, que os professores críticos estão errados, que existe espaço para todos e é só se esforçar para obter o melhor desempenho. De acordo com esse discurso, o problema não está no governo, na história dos dominantes, no sistema econômico e, portanto, a sociedade é justa. O problema está no indivíduo que não se esforçou e não se esforça

como deveria, a meritocracia que não olha para todo o processo, do sistema desigual a décadas. A escola sem partido acusa a constituição de controlar a população, que deveria estar livre às regras do mercado. Portanto, não defendem que todos possuam direitos iguais e, sequer a constituição, quando se coloca dessa maneira. Portanto: “Num momento em que impera entre nós a globalização neoliberal, a ideologia do pensamento único, a ideologia do mercado acima da Vida, em que se decretou o fim das Utopias, momentos de fatalismos e de sentimento de impotência [...]” (Freire *apud* Souza, 2015, p. 67).

Há aqui um contraponto. Contrário à neutralidade que a hegemonia tenta impor, a filosofia da práxis apresenta o conflito como parte inerente das instituições. Sem a dimensão conflituosa, a classe dominante acaba por criar uma distopia, que está carregada de um falso valor político, que é fazer os alunos acreditarem que nada pode ser transformado, que não existem contradições. Entretanto, a filosofia da práxis, baseada no conflito, também opera uma dimensão transformadora. Conforme Coutinho (2011, p. 167), isso “não significa que a utopia não possa ter um valor filosófico, já que ela tem um valor político e toda política é implicitamente uma filosofia, ainda que desconexa e apenas esboçada”. Algo que se vale da contradição inerente ao senso comum e suas variações na forma ideológica.

Assim, existe a contradição na ideologia da classe dominante, que atravessa inúmeras condições, ou nas palavras de Paulo Freire: “o sexo só, não explica tudo. A raça só, também. A classe só, igualmente (...) Além da cor da pele, da diferenciação sexual, há também a 'cor' da ideologia” (Freire *apud* Souza, 2015, p. 189).

Na ideologia dominante, vale a ideia de que existe um grupo social mais capacitado e forte, que busca a igualdade, a fraternidade e a liberdade de todos na sociedade. Criam um estado de coisas e de verdades absolutas onde a ideia é a manutenção e assegurar jovens pacíficos hoje para manterem uma sociedade futura cada vez mais obediente e que mantenha o consenso ao seu sistema hegemônico.

As ideias não podem ser entendidas fora do contexto histórico e social. Enquanto na verdade, a sala de aula deve ser o espaço, a trincheira, onde é necessário e deve ocorrer a manifestação, a organização, a expressão das contradições históricas, buscando a consciência destas contradições em nossa sociedade atual e em sua formação. Em defesa do conflito que apresente as contradições, no entanto, a sala de aula deve ser um campo de batalha, de estratégias

para a formação e organização da classe subalterna, da camada periférica e para a organização de uma filosofia que combata a filosofia da classe dominante, denunciando e conhecendo os seus elementos, os seus pressupostos.

O professor de filosofia, por sua vez, é o intelectual orgânico que tem a sua ação política dentro da sala de aula, criando espaço para a crítica do senso comum, da sua análise, sair desse folclore, uma ação política que deve organizar a filosofia da classe subalterna, para transformar a sociedade. Para tanto, o professor deve ter atenção ao senso comum dos alunos, utilizá-los e estar em relação de aprendizado, de troca de saberes com os alunos. Com efeito, trata-se de um professor disposto a aprender sempre, mas, sem esquecer-se de seu papel como professor, que é o formador de uma consciência, que está como um especialista ali, que tem uma práxis filosófica, uma teoria e uma prática com a filosofia, um saber mais aprimorado, mais técnico, um saber teórico e prático.

O professor de filosofia, por ter esse percurso filosófico é o especialista, o que tem uma organização crítica dos saberes filosóficos e técnica. Apesar de ser o especialista ali em sala de aula, o professor não deve ter a sua postura em sala, como se fosse um patrão falando ao seu empregado. Um discurso de autoritarismo não deve fazer parte das aulas de filosofia. Pelo contrário, “deve ir transformando-se com o povo. E isso implica no respeito ao 'saber de experiência feito' (...) somente a partir do qual é possível superá-lo” (Freire *apud* SOUZA, 2015, p. 187), respeitar a experiência de vida, de mundo, a opinião do aluno, superar o senso comum em busca do bom senso, é uma ação política, dessa forma: (Freire *apud* SOUZA, 2015, p. 187), “[...] perceber criticamente a importância do senso comum e o que nele há de bom senso”.

Há aqui um ponto de vista caro para a reflexão gramsciana, que de certo modo, defende a filosofia que existe no senso comum. Pois, o que diferencia o fato de “todos os seres humanos serem filósofos (as)”, da ideia de que “qualquer um pode ensinar filosofia” no lugar do professor de filosofia? Se todos são filósofos, qualquer professor pode assumir as aulas de filosofia? Não partimos dessa lógica, mas, do sentido que Gramsci diz:

O filósofo profissional ou técnico não só 'pensa' com maior rigor lógico, com maior coerência, com maior espírito de sistema, do que os outros homens, mas conhece toda a história do pensamento, isto é, sabe explicar o

desenvolvimento que o pensamento experimentou até ele e é capaz de retomar os problemas a partir do ponto onde eles se encontram após terem sofrido a mais alta tentativa de solução etc. Ele tem, no campo do pensamento, a mesma função que, nos diversos campos científicos, têm os especialistas. Entretanto, existe uma diferença entre o filósofo especialista e os demais especialistas, a saber, a de que o filósofo especialista se aproxima mais dos outros homens do que os demais especialistas.[...] Com efeito, é possível imaginar um entomólogo especialista sem que todos os outros homens sejam 'entomólogos' empíricos, ou um especialista da trigonometria sem que a maior parte dos outros homens se ocupem da trigonometria etc. (podem-se encontrar ciências refinadíssimas, especializadíssimas, necessárias, mas nem por isso 'comuns'), mas é impossível pensar em um homem que não seja também filósofo, que não pense, precisamente porque o pensar é próprio do homem como tal (a menos que seja patologicamente idiota) (GRAMSCI; ANTONIO, 1999, c 10, II, § 52; 1, p. 410-411).

O professor de filosofia é esse técnico, o profissional especialista em um constante exercício de busca de um rigoroso pensar. Ele procura estudar com rigor os processos das diferentes formas do pensamento. Consegue ter o senso do movimento do pensamento até a sua realidade, é capaz de retornar a questões de onde esses problemas surgiram bem como ver em que ponto essas questões se encontram no presente, após diversas tentativas em solucioná-los. Ele é o especialista no pensamento, preocupa-se e ocupa-se a todo momento com isso, da mesma forma que um outro especialista de outro ramo ocupa-se com sua atividade.

No entanto, isso não significa tornar a filosofia da práxis distante das contradições. O especialista da filosofia não é um técnico neutro. Pelo contrário:

[...] Se a filosofia da práxis afirma teoricamente que toda 'verdade' tida como eterna e absoluta teve origens práticas e representou um valor 'provisório' (historicidade de toda concepção do mundo e da vida), é muito difícil fazer compreender 'praticamente' que tal interpretação é válida também para a própria filosofia da práxis, sem com isso abalar as convicções que são necessárias para a ação (COUTINHO; CARLOS, 2011, p. 167).

Existem no ambiente político social diversas dificuldades, em relação à filosofia da práxis. A ideologia da classe dominante contrapõe o filósofo ao homem de ação. No entanto, o filósofo é um homem de ação, o professor de filosofia no ensino médio é o intelectual orgânico, que deve organizar uma filosofia e isto é ação, é filosofia. No entanto, ao partir da filosofia da práxis, o professor de filosofia se depara com as camadas presentes no senso comum. Na sala de aula estão, de certo modo, todas as

relações sociais que são construídas na história da humanidade. Deduz-se desse estado de coisas, muitos dramas morais, culpas e sofrimentos, bem como certo sentimento de superação. O ensino de filosofia, construído a partir da práxis, depara-se, pois, com estes dilemas. Decerto, tal postura traz muitas vezes complicações e reclamações a quem quer que questione esses tabus, assuntos que para eles eram intocáveis, verdades indiscutíveis, referenciais acertados e absolutos.

A filosofia da práxis opera, pois, com um caráter histórico. A ação política empreendida pela filosofia da práxis, que vai se opor às culturas hegemônicas produzidas pela classe dirigente, carrega consigo as contradições historicamente postas pela ideologia hegemônica, o modo como a ideologia se efetiva. “A hegemonia realizada significa a crítica real de uma filosofia, sua real dialética” (COUTINHO; CARLOS, 2011, p. 167).

A partir disso, é possível à filosofia da práxis operar uma transformação da realidade, reconhecendo as contradições históricas e a possibilidade de mudança dos eixos que norteiam a sociedade. Trata-se, pois, de, desde a posição da classe subalterna, abrir-se para uma nova concepção de mundo, uma ação filosófica que cria um bom senso, uma nova organização das relações sociais a partir da crítica concreta de uma filosofia, da crítica ao senso comum estabelecido acriticamente. Uma elaboração constante e paciente de crítica, portanto. Seguimos aqui Paulo Freire, que afirma:

Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente aos 25 anos. A gente vai amadurecendo todo dia ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é um processo, é um vir a ser (FREIRE, PAULO *apud* SOUZA, ANA INÊS, 2015, p. 205).

Logo, a filosofia da práxis tem em si mesma, o propósito de fazer a camada subalterna progredir para uma consciência de uma vida melhor. Assim, precisa-se que os intelectuais estejam em contato direto com essa camada da sociedade e esse movimento orienta-se não para manter a classe subalterna na opressão, mas para construir um bloco intelectual e moral em vista da possibilidade de um progresso intelectual de massa, construir e organizar um consenso e não somente de uma pequena parte da sociedade, de pequenos grupos.

A questão é que o subalterno, na divisão social estabelecida, carrega consigo concepções do passado que acolhe de modo acrítico. Muitas vezes, coisas e concepções que são e foram passadas entre gerações nunca foram questionadas. É necessário que os alunos no ensino de filosofia entrem em conflitos sobre ideias políticas, éticas, sobre a sua maneira de conceber a realidade. Assim, ele será provocado a buscar uma consciência política, onde a teoria e a prática se unirão para ocorrer a luta. Com isso:

[...] a filosofia da práxis é uma filosofia independente e original que tem em si mesma os elementos de um novo desenvolvimento para passar de interpretação da história a filosofia geral. É preciso trabalhar justamente neste sentido [...] A filosofia da práxis é o coroamento de todo este movimento de reforma intelectual e moral, dialetizado no contraste entre cultura popular e alta cultura (COUTINHO; CARLOS, 2011, p. 176).

É, pois, a superação e o desenvolvimento de uma nova cultura, que traz consigo o horizonte de uma igualdade dos acessos aos bens culturais e políticos. No exercício crítico pela superação das divisões sociais acontece o movimento, o vir a ser de uma nova cultura, de uma nova moral, de novas relações sociais.

A sala de aula deve também acompanhar esse movimento, provocado pela dialética em que uma teoria é também uma ação e uma ação também é uma teoria. Conforme Coutinho:

[...] é uma filosofia que é também uma política e uma política que é também uma filosofia. Ainda atravessa sua fase popular: suscitar um grupo de intelectuais independentes não é coisa fácil, requer um longo processo, com ações e reações, com adesões e dissoluções e novas formações muito numerosas e complexas: é a concepção de um grupo social subalterno, sem iniciativa histórica, que se amplia continuamente, mas de modo inorgânico, e sem poder ultrapassar um certo grau qualitativo que está sempre aquém da posse do Estado, do exercício real da hegemonia sobre toda a sociedade, que, só ele, permite um certo equilíbrio orgânico no desenvolvimento do grupo intelectual (COUTINHO; CARLOS, 2011, p. 176-177).

Entre a teoria e a ação, a filosofia no ensino médio público nas periferias é uma ação política que segue em um contínuo processo de construção e desafios. Como colocado anteriormente, o professor de filosofia se depara com momentos de reações de jovens que repulsam outra concepção de mundo que não a dele.

Nesse sentido, é muito interessante quando em sala de aula o professor capta que a maioria dos alunos não possuem a noção de que pertencem a uma condição comum. Paradoxalmente, a ausência desta noção é um fator que os une. Dela vem a força para fazer ser um futuro bloco social orgânico. Por exemplo, o grêmio estudantil pode ser a experiência deste elemento social, quando se organizam e percebem que são fortes unidos, que colocam a teoria em prática, quando buscam o conhecimento das questões e colocam esse conhecimento em prática nas ações em benefício da escola, da convivência deles ali. Desde essa elaboração, os alunos notam que pertencem a um mesmo lugar.

A partir de uma visão crítica, os discentes podem inclusive mudar as opiniões do corpo docente, da direção. Com efeito, o poder não é algo estático, mas é uma relação histórica e pode ser mudada. Há uma luta contra hegemônica posta aqui. A visão crítica faz com que a comunidade escolar perceba que podem formar e fazer parte de um organismo social, de algo vivo, de onde estabelecem relações com os demais.

A filosofia em sala de aula e o professor de filosofia no seu uso por meio da filosofia da práxis, precisa se empenhar por elaborar a crítica ao senso comum acrítico. Com isso, elabora-se um bom senso, uma ação de conscientização. Pois, antes de transformar a realidade, é preciso tomar primeiro consciência da realidade, dos processos que desvelaram as relações. Dessa forma (Freire *apud* Souza, 2015, p. 197), opera-se aqui um “ato de conhecimento, não só dos conteúdos, mas dá razão de ser dos fatos econômicos, sociais, políticos, ideológicos, históricos”, pois todas essas dimensões ajudam a explicar a submissão e a condição de subalternidade.

Cabe, então, ao professor de filosofia elaborar provocações, trabalhos, aulas que ajudem na elaboração de uma consciência de classe e na crítica geral das concepções de mundo, na consciência dos direitos e na luta pela construção de novos direitos, na ampla discussão de todas estas questões.

Tendo isso em vista, o professor atua uma filosofia em sala de aula, utilizada como instrumento da educação emancipatória, com a intenção de formar jovens que governem a si mesmos, “o homem que caminha sobre as próprias pernas” (COUTINHO; CARLOS, 2011, p. 177).

Na condição de professor de filosofia da periferia de São Paulo, na constante construção por uma educação emancipatória, passa a ser fundamental levar todo o

conhecimento possível e geral para dentro das aulas de filosofia utilizando-se do conhecimento do senso comum dos alunos, de suas visões de mundo, de tê-los como sujeitos do conhecimento, em uma relação de sujeito-sujeito. Como na concepção de Paulo Freire:

Possibilitar nas classes populares o desenvolvimento de sua linguagem, jamais pelo blablablá autoritário e sectário dos 'educadores', de sua linguagem que, emergindo da e voltando-se sobre sua realidade, profile as conjecturas, os desenhos, as antecipações do mundo novo (FREIRE, PAULO *apud* SOUZA, ANA INÉS, 2015, p. 203).

É esse sentido que uma concepção de filosofia da práxis, em sala de aula, na periferia, deve ser utilizada, como um instrumento de transformação. Nela, está a intencionalidade de organizar esse conhecimento presente no senso comum – um movimento em busca do senso mais bem apurado, criticado e analisado e, assim, consciente. Pois, é esse sentido de superação que se trata, não é ter acesso ao senso comum e forçar para que permaneçam nele, conservando-o em todos os seus pontos, mas é analisá-lo com o intuito de cultivar o “caroço” de bom senso que o senso comum possui.

Se acaso o professor de filosofia, apenas reproduzir o senso comum, achando que não se deve criticá-lo, analisá-lo e organizá-lo, na verdade, reproduz a postura autoritária da classe dominante, e dessa maneira, reproduz, sem saber ou sabendo, a filosofia burguesa. Com isso, deixa de perceber e investigar com afinco, as diversas e complexas contradições de partes que estão presentes no senso comum da classe subalterna. Assim, estará por fazer, o que busca perpetuar na classe subalterna, a classe dominante. Mas, é necessário conhecê-lo e respeitar o senso comum dos alunos, ou melhor, deve-se entrar em contato com o senso comum. Não se trata de um encontro desinteressado, mas, como professor de filosofia, parte de uma concepção da práxis, e buscar ultrapassar o senso comum estabelecido.

Ou seja, o senso comum não pode ser ignorado jamais. É necessário que o professor conheça o senso comum dos alunos e se relacione com ele de forma democrática e simples, assim, de acordo com Paulo Freire (2015, p. 187), “O que não é possível (...) é o desrespeito ao saber de senso comum; o que não é possível é tentar superá-lo sem, partindo dele, passar por ele”. Ou, como nos afirma Gramsci:

A filosofia da práxis não busca manter os “simples” na sua filosofia primitiva do senso comum, mas busca, ao contrário, conduzi-los a uma concepção de vida superior. Se ela afirma a exigência do contato entre os intelectuais e os simples não é para limitar a atividade científica e para manter uma unidade no nível inferior das massas, mas justamente para forjar um bloco intelectual-moral que torne politicamente possível um progresso intelectual de massa e não apenas de pequenos grupos intelectuais (GRAMSCI; ANTONIO, 1999, c 10, II, § 12; p. 103).

Deste ponto de vista, a filosofia da práxis não é somente uma unidade entre teoria e prática, mas é a expressão histórica das classes populares, dos subalternos, que querem educar a si mesmos na arte do governo. Uma práxis que está fundamentada nas relações que atua ao mesmo tempo passiva e ativamente. Ela é a expressão teórica do esforço feito pelas classes populares para educarem a si mesmas a arte do governo, sempre com a atitude crítica, estando atenta, refutando e contestando todos os desvios ideológicos, inclusive aqueles aceitos e dados pela própria camada subalterna. Portanto, de acordo com Gramsci:

Uma filosofia da práxis só pode apresentar-se, inicialmente, em atitude polêmica e crítica, como superação da maneira de pensar precedente e do pensamento concreto existente (ou mundo cultural existente). E portanto, antes de tudo, como crítica do “senso comum” (e isto após basear-se sobre o senso comum para demonstrar que “todos” são filósofos e que não se trata de introduzir *ex novo* uma ciência na vida individual de “todos”, mas de inovar e tornar “crítica” uma atividade já existente); e, posteriormente, como crítica da filosofia dos intelectuais, que deu origem à história da filosofia (GRAMSCI; ANTONIO, 1999, c 10, II, § 12; p. 101).

Por isso, a transformação do senso comum passa por debater o senso comum presente nos alunos da periferia, com a intenção de superar as maneiras de se pensar anteriormente e, que, trazem traços de um conservadorismo e ao mesmo tempo traços da maneira de pensar contemporânea. É no meio desse debate que a filosofia passa a se mostrar em sua práxis. Algo que Gramsci percebe quando se questiona:

Com efeito, não existe filosofia em geral: existem diversas filosofias ou concepções do mundo, e sempre se faz uma escolha entre elas. Como ocorre esta escolha? E esta escolha um fato puramente intelectual, ou é um fato mais complexo? E não ocorre frequentemente que entre o fato intelectual e a

norma de conduta exista uma contradição? Qual será, então, a verdadeira concepção do mundo: a que é logicamente afirmada como fato intelectual, ou a que resulta da atividade real de cada um, que está implícita na sua ação? E, já que a ação é sempre uma ação política, não se pode dizer que a verdadeira filosofia de cada um se acha inteiramente contida na sua política? (GRAMSCI; ANTONIO, 1999, c 10, II, § 12; p. 96-97).

Uma filosofa no ensino público, que parte do senso comum, porque seria importante tal ensino de filosofia em meio a uma periferia, aliás, uma filosofia que parte de dentro de periferia? Por que uma filosofia partindo desse espaço poderia ser contemplada em escolas da classe dominante? De que maneira, que, ao se fazer filosofia partindo do senso comum é uma ação política?

2.4 A FILOSOFIA A PARTIR DO SENSO COMUM

Em um contexto italiano do século XX, a classe dominante, dizia-se e atribuía um valor acadêmico e ideal em relação a quem era considerado ou não, um intelectual. Esta classe dominante, afirmava-se provedora do conhecimento e a única capaz para tal elaboração, julgando o filho do proletariado como inferior intelectualmente em relação ao filho burguês.

Assim, fazia-se uma educação de primeira qualidade somente para a classe burguesa, enquanto para a camada subalterna destinava uma escola voltada para a formação de proletariados para a sociedade industrial. Com efeito, a classe dominante utiliza a escola como lugar para perpetuar a condição subalterna das massas e, assim, permanecer com a sua atividade hegemônica. Gramsci não deixa de registrar essa marca, no seguinte relato:

O que o senhor faria para educar moralmente um papuano⁴?’, perguntou um de nós, alunos, há muitos anos, ao Prof. Labriola⁵, numa de suas lições de Pedagogia, objetando contra a eficácia da Pedagogia. ‘Provisoriamente (...)

⁴ Povos aborígenes papuanos que vivem na Indonésia. Os primeiros habitantes de Papua Nova Guiné, provavelmente migrantes do arquipélago indonésio, chegou a cerca de 50.000 anos atrás.

⁵ Labriola nasceu em Cassino e era filho de um professor. Em 1861, ele se matriculou na Universidade de Nápoles. Em 1874, foi nomeado professor de filosofia na Universidade de Roma, onde passaria o resto de sua vida. Embora ele fosse crítico do liberalismo desde 1873, sua abordagem ao marxismo foi gradual e não expressou explicitamente um ponto de vista socialista até 1889.

eu faria dele um escravo; e essa seria a pedagogia adequada à circunstância, deixando para depois saber se, com seus netos e bisnetos, seria possível começar a usar algo da pedagogia moderna' [...] Deve ser aproximada também do modo de pensar de Gentile⁶ no que se refere ao ensino religioso nas escolas primárias [...] Poder-se-ia recordar o que disse Bertrando Spaventa sobre aqueles que gostariam de ver os homens sempre no berço (ou seja, no momento da autoridade, que, não obstante, educa para a liberdade os povos imaturos) e pensam que toda a vida (dos outros) se passa num berço (GRAMSCI; ANTONIO, 1999, c 11, II, § 1; p. 85 - 86).

A classe dominante, a fim de conservar o seu sistema de opressão, acaba fazendo da educação, o seu campo de influências e disseminação de sua cultura. Para Gramsci, continuando o raciocínio anterior de seu relato:

[...] o problema deve ser colocado historicamente de outro modo: ou seja, se uma nação ou um grupo social que atingiu um grau superior de civilização pode (e, portanto, deve) "acelerar" o processo de educação dos povos e dos grupos sociais mais atrasados, universalizando e traduzindo de modo adequado a sua nova experiência (GRAMSCI; ANTONIO, 1999, c 11, II, § 1; p. 86).

Ainda de acordo com nosso autor, ele nos lembra que, para efetiva esse salto, "[...] é necessário, ao contrário, que exista uma luta a respeito, e essa luta é precisamente a condição para que os netos e bisnetos do papuano sejam libertados da escravidão" (GRAMSCI, 1999, c 11, II, § 1; p. 86-87).

Fazendo-se uma analogia em relação à atividade filosófica em sala de aula de uma periferia, podemos dizer que o ensino dessa disciplina nesse contexto, partindo do senso comum, tem como pressuposto, demonstrar que todos as pessoas são filósofos (as); que todos temos opiniões, conhecimento sobre algo, o que mobiliza um trabalho inicial de coletar as opiniões e visões de mundo daquela turma. A este, segue um segundo momento: o de mobilizar críticas, reflexões, análises, e organizar o pensamento e o senso comum, em vista de renová-lo com uma melhor apuração e, portanto, de modo consciente. De acordo com Gramsci (1999, c 11, II, § 12; p. 93), o ensino de filosofia deveria ser tal que:

⁶ Giovanni Gentile (1875-1944). Autointitulado filósofo do fascismo, foi ministro da Instrução Pública entre 1922 e 1925 (já no governo de Mussolini foi autor de importante reforma do ensino. Membro do grande conselho fascista, permaneceu fiel a Mussolini até o final (GRAMSCI, 1999, c 11, pag. 85-92). Sua crítica parte pelo fato de que tanto Croce como Gentile continuamente em suas filosofias cortejar o senso comum popular (GRAMSCI, 1999, c 11, pag. 457-470).

Após demonstrar que todos são filósofos, ainda que a seu modo, inconscientemente — já que, até mesmo na mais simples manifestação de uma atividade intelectual qualquer, na “linguagem”, está contida uma determinada concepção do mundo —, passa-se ao segundo momento, ao momento da crítica e da consciência, ou seja, ao seguinte problema: é preferível “pensar” sem disto ter consciência crítica, de uma maneira desagregada e ocasional, isto é, “participar” de uma concepção do mundo “imposta” mecanicamente pelo ambiente exterior, ou seja, por um dos muitos grupos sociais nos quais todos estão automaticamente envolvidos desde sua entrada no mundo consciente (e que pode ser a própria aldeia ou a província, pode se originar na paróquia e na “atividade intelectual” do vigário ou do velho patriarca, cuja “sabedoria” dita leis, na mulher que herdou a sabedoria das bruxas ou no pequeno intelectual avinagrado pela própria estupidez e pela impotência para a ação), ou é preferível elaborar a própria concepção do mundo de uma maneira consciente e crítica e, portanto, em ligação com este trabalho do próprio cérebro, escolher a própria esfera de atividade, participar ativamente na produção da história do mundo, ser o guia de si mesmo e não mais aceitar do exterior, passiva e servilmente, a marca da própria personalidade?.

Esta perspectiva particularmente interessa nessa pesquisa. Mas, por que Gramsci nos cadernos do cárcere de número 11, ao abordar a filosofia e o seu ensino, fala do senso comum e a implicação no ensino de filosofia? Ora, já falamos um pouco sobre o senso comum, ideologia e sua tendência a consolidar uma hegemonia. Agora vamos partir do senso comum de modo a abordar a práxis do ensino da filosofia.

Vimos que no senso comum se estabelecem condicionantes ideológicos, visões desagregadoras, concepções eternas, deterministas e imutáveis. Existe nele, “[...] um caráter de conservadorismo: ele é levado a acreditar que aquilo que existe hoje, sempre existiu” (LIGUORI; GUIDO, VOZA; PASQUALE, 2017, pag. 723). No entanto, o senso comum não é o território dos preconceitos cristalizados apenas. Gramsci elabora uma crítica a Benedetto Croce⁷ e Giovanni Gentile que pode nos ajudar a pensar melhor a respeito desse lugar do senso comum no exercício da filosofia. O debate aqui nos interessa para uma reflexão mais detida sobre a passagem que nos interessa entre a filosofia e o senso comum. Quanto ao primeiro:

⁷Benedetto Croce (1866-1952) de família rica, influente e conservadora. Inicialmente Croce chega a apoiar o governo fascista de Mussolini, mas depois se opõe ao regime. O confronto com o materialismo histórico e a filosofia de Hegel levou-o a elaborar seu próprio conceito filosófico, o Idealismo Dialético, interpretado como uma visão otimista da história da humanidade, como uma evolução dialética rumo ao progresso do espírito objetivo e como uma história da liberdade.

Gentile fala de 'natureza humana a-histórica e de 'verdade do senso comum', como se no 'senso comum' pudesse se encontrar tudo e como se existisse um 'único senso comum' eterno e imutável (LIGUORI; PASQUALE, 2017, pag. 723).

Segundo Ligouri, para Gramsci, Croce e Gentile se associam ao senso comum por interesses de classe, de perpetuação para manter os demais em condições de subalternidade. De acordo com Guido (2017, p. 723), "Croce e Gentile se associam tática e estruturalmente ao senso comum, porque querem que os subalternos continuem a ser subalternos". O que Gramsci está querendo dizer, não é que não exista nenhuma verdade no senso comum, mas que ele é algo confuso, contraditório e que tem aversão às mudanças. Segundo Gramsci (1999, pag. 118), "precisamente porque o senso comum é grosseiramente misoneísta e conservador, e ter conseguido inserir nele uma nova verdade é prova de que tal verdade tem uma grande força de expansividade e de evidência". Dessa forma, no senso comum existe de tudo, e no meio deste tanto também traz elementos de verdade, pois, justamente, também por isto, existe a possibilidade de uma tese se tornar um bom senso.

Daqui, surge a tão conhecida ideia gramsciana de que todos são, de determinado modo, filósofos. Segundo nosso autor:

É preciso destruir o preconceito, muito difundido, de que a filosofia é algo muito difícil pelo fato de ser a atividade intelectual própria de uma determinada categoria de cientistas especializados ou de filósofos profissionais e sistemáticos. É preciso, portanto, demonstrar preliminarmente que todos os homens são "filósofos", definindo os limites e as características desta "filosofia espontânea", peculiar a "todo o mundo" (GRAMSCI; ANTONIO, 1999, c 11 § 12, p. 93).

É preciso, pois, acabar com a ideia de que à filosofia é reservada aos que possuem uma inteligência elevada e é reservada somente para os filósofos profissionais. É preciso antes, saber, que "todos são filósofos". Portanto, quando Gramsci afirma que é preciso "demonstrar" que todos os homens são filósofos, o que isso quer dizer? Justamente porque todas as relações possuem uma filosofia enquanto visão de mundo, então implícita ou explicitamente, todos tiveram, tem e terão em algum momento de suas vidas contato com a cultura filosófica. De acordo com Gramsci (1999, c 11 § 12, p. 93), isso pode acontecer:

1) na própria linguagem, que é um conjunto de noções e de conceitos determinados e não, simplesmente, de palavras gramaticalmente vazias de conteúdo; 2) no senso comum e no bom senso; 3) na religião popular e, consequentemente, em todo o sistema de crenças, superstições, opiniões, modos de ver e de agir que se manifestam naquilo que geralmente se conhece por “folclore”.

Ou seja, uma questão essencial é a de que nascemos fazendo parte de um mundo, de uma cultura, de diversas visões de mundo, de conceitos pré-estabelecidos, pela estrutura de uma linguagem, por novos sensos comuns e bons sensos, por todo um sistema de crenças, religiões em geral, por valores já determinados.

Nesse sentido, Gramsci nos faz entender que o senso comum é o “folclore” da filosofia, reconhecendo:

Por ciência popular – ou folclore, conhecimento popular – o conhecimento empírico, ou fundado no senso comum, que tem sido uma característica ancestral, cultural e ideológica dos que se acham na base da sociedade. Esse conhecimento lhes tem possibilitado criar, trabalhar e interpretar, predominantemente com os recursos naturais diretos oferecidos ao homem (FALS, ORLANDO; BRANDÃO, CARLOS RODRIGUES (Org.), 1984, p. 45).

Com base nesse “folclore”, em que se imerge num imenso oceano de concepções formuladas por gerações e gerações, comprehende-se que “todos os homens são filósofos”, pois todos de algum modo “estão” em uma concepção de mundo, mesmo que não saibam disso ou que nunca pensem sobre tal questão. É a partir do encontro com o senso comum, que Gramsci (1999, c 11 § 12, pag. 93) pode seguir com sua perspectiva crítica, afinal:

Após demonstrar que todos são filósofos, ainda que a seu modo, inconscientemente — já que, até mesmo na mais simples manifestação de uma atividade intelectual qualquer, na “linguagem”, está contida uma determinada concepção do mundo —, passa-se ao segundo momento, ao momento da crítica e da consciência.

Daí nosso pressuposto de estabelecer um ensino de filosofia a partir do senso comum: pois existe uma semente de bom senso, algo de espontâneo, no senso comum, na “filosofia dos não-filósofos”, na visão de mundo recebida de modo não-crítico, recebido como verdades absolutas, imutáveis, permanentes, indubitáveis, anacrônicas e por muitos tomadas como verdades, como uma religião.

Estaríamos aqui em consonância com Gramsci (1999, c 11 § 13, p. 114), quando este afirma:

Destinado essencialmente a uma comunidade de leitores que não são intelectuais de profissão, deveria partir da análise crítica da filosofia do senso comum, que é a “filosofia dos não-filósofos”, isto é, a concepção do mundo absorvida acriticamente pelos vários ambientes sociais e culturais nos quais se desenvolve a individualidade moral do homem médio. O senso comum não é uma concepção única, idêntica no tempo e no espaço: é o “folclore” da filosofia e, como o folclore, apresenta-se em inumeráveis formas; seu traço fundamental e mais característico é o de ser uma concepção (inclusive nos cérebros individuais) desagregada, incoerente, inconsequente, conforme à posição social e cultural das multidões das quais ele é a filosofia.

Portanto, Gramsci (COUTINHO; CARLOS, 2011, p. 128-150), admitia que o senso comum possuía um “caroço de bom senso”, a partir do qual poderia desenvolver o espírito crítico. Advertia, contudo, para o risco de uma superestimação do senso comum, cujos horizontes, afinal, são inevitavelmente muito limitados. Como temos insistido, o “senso comum” é, em si mesmo, difuso e incoerente. A percepção da realidade, no âmbito desse campo visual estreito, não poderia deixar de ser, segundo o teórico italiano, drasticamente empírica, restrita à compreensão, imediata e superficial.

Apesar do senso comum ser limitado em si mesmo, quando não se apresenta como conservador, é possível encontrar nele uma dimensão utópica e libertadora que pode ser ampliada através do senso crítico. Dessa forma, o caminho para uma melhor e mais aprimorada consciência crítica é o senso comum, pois, através dele temos contato com a história das classes oprimidas e das concepções que se tornaram hegemônicas e foram assimiladas acriticamente. Existe um conhecimento popular, espontâneo no homem comum. Haveria no senso comum a possibilidade de uma “filosofia espontânea” de não-filósofos, a possibilidade de uma crítica sobre este material cultural e, por conseguinte, de sua transformação.

Comecemos examinando as contribuições do conhecimento popular, ou folclore, a ciência do homem comum. Ela é o conhecimento prático, empírico, que ao longo dos séculos tem possibilitado, enquantomeios naturais diretos, que as pessoas sobrevivam, criem, interpretem, produzam e trabalhem. Gramsci mostrou um caminho quando reivindicou que existe nas classes trabalhadoras uma “filosofia espontânea” contida na linguagem (como um complexo de conhecimentos e conceitos), no senso comum e no sistema de crenças que, embora incoerente e disperso em nível geral, tem valor na

articulação das práticas cotidianas (FALS, ORLANDO; BRANDÃO, CARLOS RODRIGUES (Org.), 1984, p. 47-48).

Dessa forma, não se despreza totalmente o modo de pensar do senso comum, mas se enfatiza que é preciso superar um primeiro momento, estágio de conhecimento, em direção a uma abordagem crítica, coerente. Pois, existe algum bom senso no senso comum, existe um espontaneísmo e é por essa brecha que o professor de filosofia vai seguir, como um intelectual orgânico, para a elaboração crítica e consciente dos pressupostos impostos e recebidos acriticamente pelo homem.

Desde então, conforme Gramsci (1999, c 11, § 12, p. 93-94):

[...]passa-se ao segundo momento, ao momento da crítica e da consciência, ou seja, ao seguinte problema: é preferível “pensar” sem disto ter consciência crítica, de uma maneira desagregada e ocasional, isto é, “participar” de uma concepção do mundo “imposta” mecanicamente pelo ambiente exterior, ou seja, por um dos muitos grupos sociais nos quais todos estão automaticamente envolvidos desde sua entrada no mundo consciente (e que pode ser a própria aldeia ou a província, pode se originar na paróquia e na “atividade intelectual” do vigário ou do velho patriarca, cuja “sabedoria” dita leis, na mulher que herdou a sabedoria das bruxas ou no pequeno intelectual avinagrado pela própria estupidez e pela impotência para a ação)[...].

Partindo das diversas formas do senso comum, iniciam-se as críticas às concepções do senso comum. Com isso, busca-se a consciência dos fatores, dos mecanismos, dos ideais implícitos e explícitos em diversos campos nas estruturas da sociedade, na história, nas filosofias, na cultura. Ou seja, buscam-se os pressupostos da práxis social, suas condições de dominação, as formas resultantes de alienação, as divisões de classes e suas injustiças correspondentes, bem como o ponto de vista do subalterno que vive nas periferias. Começa-se a refletir e criticar as visões de mundo que durante todo o processo histórico do homem foram sendo impostas, assimiladas e recebidas acriticamente e automaticamente pelas massas populares.

Como um saldo da crítica ao senso comum, Gramsci (1999, c 11 § 12, p. 93-94) propõe um exercício contra hegemônico, quando conclui:

a própria esfera de atividade, participar ativamente na produção da história do mundo, ser o guia de si mesmo e não mais [...] é preferível elaborar a própria concepção do mundo de uma maneira consciente e crítica e, portanto,

em ligação com este trabalho do próprio cérebro, escolher reiterar do exterior, passiva e servilmente, a marca da própria personalidade[...].

Ou seja, a proposta gramsciana resiste a ficar passivamente na produção da história do mundo. De outro modo, o senso comum não é aceito de maneira passiva, mas precisa ser transformado em bom senso, que é a elaboração coerente do saber e como explicitações das intenções conscientes dos indivíduos livres.

Esse bom senso é o núcleo sadio do senso comum. Algo que vem com o reconhecimento do lugar social em que este senso comum se estabelece. Segundo nosso autor (GRAMSCI, 1999, c 11 § 12, p. 94):

Pela própria concepção do mundo, pertencemos sempre a um determinado grupo, precisamente o de todos os elementos sociais que compartilham um mesmo modo de pensar e de agir. Somos conformistas de algum conformismo, somos sempre homens-massa ou homens-coletivos. O problema é o seguinte: qual é o tipo histórico de conformismo, de homem-massa do qual fazemos parte?

Com efeito, após o mapeamento do senso comum e das ideias que circulam nele, o exercício passa a ser tomar consciência do grupo a que pertencemos e da forma em que pensamos e agimos a partir desse lugar social. Passo fundamental para elaborarmos conscientemente a nossa concepção e nossas escolhas, buscando superar o que estava simplesmente dado pelo senso comum, buscando saber, em contrapartida, os motivos de tais ideias nesta visão de mundo. Pois, se vivemos e nunca fizemos uma crítica coerente das ideias que nos rodeiam, acabamos por simplesmente participar de visões fechadas, preconceituosas, ou mesmo adotamos filosofias e visões de mundo desconexas com nossa própria realidade.

É possível inclusive de, sem a crítica, defender e passar a ter a mesma visão de mundo (por exemplo, de um grupo que nos oprime), passando até mesmo a acreditar que uma classe ou um grupo de pessoas realmente devem comandar, orientar, dirigir toda uma massa. Seríamos assim a parte acrítica da massa, como afirma Gramsci (1999, c 11 § 12, p. 94):

Quando a concepção do mundo não é crítica e coerente, mas ocasional e desagregada, pertencemos simultaneamente a uma multiplicidade de homens-massa, nossa própria personalidade é compósita, de uma maneira bizarra: nela se encontram elementos dos homens das cavernas e princípios

da ciência mais moderna e progressista, preconceitos de todas as fases históricas passadas estreitamente localistas e intuições de uma futura filosofia que será própria do gênero humano mundialmente unificado. Criticar a própria concepção do mundo, portanto, significa torná-la unitária e coerente e elevá-la até o ponto atingido pelo pensamento mundial mais evoluído.

Qualquer ser humano, não sendo dominado, possui toda essa capacidade de autocrítica, de compreender e criticar, em uma relação contínua com atitudes que transformem sua condição e de todo um grupo. Um exercício que se desdobra em tarefas mais profundas. Gramsci aqui não apenas aplica o exercício crítico ao senso comum, como também à filosofia tal como apresentada pela ideologia hegemônica. Nesse sentido, significa também:

Criticar toda a filosofia até hoje existente, na medida em que ela deixou estratificações consolidadas na filosofia popular. O início da elaboração crítica é a consciência daquilo que é realmente, isto é, um “conhece-te a ti mesmo” como produto do processo histórico até hoje desenvolvido, que deixou em ti uma infinidade de traços acolhidos sem análise crítica. Deve-se fazer, inicialmente, essa análise (GRAMSCI; ANTONIO, 1999, c 11 § 12, p. 94).

Conhecer a ti mesmo é conhecer todo o desenvolvimento do processo histórico do homem, da luta de classes, a maneira como se deram as relações sociais, o modo como se estabeleceram, o que foi desenvolvido pela classe dominante como mecanismo de opressão sobre a classe subalterna, utilizando-se da própria filosofia, da história do pensamento, como instrumento ideológico, para o aparelhamento de sua hegemonia, em vista do domínio de pensamento por meio da práxis social burguesa sobre a classe subalterna. Dessa maneira, o “conhece-te a ti mesmo” é reconhecer-se enquanto pessoa inserida em uma classe social e, portanto, conhecer-se enquanto classe, consciente do pertencimento a um ser comum. Daí um ensino de filosofia de Gramsci, a partir de um “conhecer-te a ti mesmo” capaz de recuperar o senso da consciência de classe, de luta consciente, de práxis social.

Assim, o ensino de filosofia da práxis, em uma periferia, tem como ação concreta, organizar e elaborar uma filosofia popular, uma construção conjunta e articulada de uma cultura própria, de uma filosofia da periferia, uma atividade filosófica em busca do bom senso. É criticar e analisar todo o senso comum presente, organizá-lo, buscando ter a consciência de valores assimilados acriticamente, por isso, uma

concepção, não pertencentes àquela classe social e, organizar valores próprios. É organizar uma filosofia da própria periferia, onde todos se envolvam e sejam sujeitos históricos e assim, façam, filosofia. Uma organização crítica que reúna teoria e prática, bem como confira organicidade que movimenta ao bom senso, a consciência filosófica.

No caso das escolas e do ensino de filosofia, é preciso – como temos insistido - ouvir, debater e perceber o senso comum dos alunos. Enfim, é preciso deixar vir à tona o senso comum dos alunos para poder trabalhá-los filosoficamente. Significa partir das opiniões e dos pensamentos espontâneos, acríticos, não refletidos.

Aqui, mais uma vez, cabe a advertência: todo esse conhecimento e capacidade que estão no senso comum e nas classes subalternas devem ser valorizados, mas, com o cuidado de não os ter como concepção final, e sim como meio para se desenvolver a elaboração sistemática e crítica das formas de opressão e desagregação que se manifestam por meio dele. É preciso uma elaboração crítica que reúna teoria e prática, bem como confira organicidade ao bom senso.

Vejamos neste exemplo que o próprio Gramsci (1999, c 11, § 12, p. 100) nos apresenta:

O idealismo também se manifestou contrário aos movimentos culturais de “ida ao povo”, expressos nas chamadas Universidades populares [...] eles tiveram êxito, no sentido em que revelaram, da parte do “simples”, um sincero entusiasmo e um forte desejo de elevação a uma forma superior de cultura e de concepção do mundo. Faltava-lhes, porém, qualquer organicidade, seja de pensamento filosófico, seja de solidez organizativa e de centralização cultural; tinha-se a impressão de que se assemelhavam aos primeiros contatos entre os mercadores ingleses e os negros africanos: trocavam se coisas sem valor por pepitas de ouro. De resto, a organicidade de pensamento e a solidez cultural só poderiam ocorrer se entre os intelectuais e os simples se verificasse a mesma unidade que deve existir entre teoria e prática, isto é, se os intelectuais tivessem sido organicamente os intelectuais daquelas massas, ou seja, se tivessem elaborado e tornado coerentes os princípios e os problemas que aquelas massas colocavam com a sua atividade prática, constituindo assim um bloco cultural e social.

É preciso, pois, que os intelectuais façam esse intercâmbio, essa dialética entre a teoria e a prática. Intelectuais que organizem as massas, que ajude na elaboração e apresente os problemas delas a partir delas e junto a elas. Diferente do autoritarismo

do líder fascista, os intelectuais orgânicos, saídos das próprias massas populares conhecem e saberão organizar as massas. Isto é, a filosofia espontânea não é um Anti-intelectualismo, mas um exercício crítico de superação concreta da divisão de classes. Segundo Gramsci (1999, c 11, § 12, p. 100):

Tratava-se, pois, da mesma questão já assinalada: um movimento filosófico só merece este nome na medida em que busca desenvolver uma cultura especializada para restritos grupos de intelectuais ou, ao contrário, merece-o na medida em que, no trabalho de elaboração de um pensamento superior ao senso comum e cientificamente coerente, jamais se esquece de permanecer em contato com os “simples” e, melhor dizendo, encontra neste contato a fonte dos problemas que devem ser estudados e resolvidos? Só através deste contato é que uma filosofia se torna “histórica”, depura-se dos elementos intelectualistas de natureza individual e se transforma em “vida”.

Mas ainda resta uma questão: como se dá a passagem do senso comum para a filosofia? Na filosofia evidencia-se principalmente os aspectos de construção, criação, concepção individual do pensamento. No senso comum, evidenciam-se os aspectos dispersos, confusos de um pensamento genérico, comum de uma determinada época em um determinado grupo popular. Portanto, toda filosofia pode virar bom senso de um grupo social. Assim, trata-se de criar uma filosofia que, estando ligada à vida prática, acaba por fazer do senso comum um bom senso. E essa transformação só ocorre com o contato direto e constante com a cultura das massas, do povo. O caráter espontâneo da filosofia, portanto, não é passivo. É necessária uma constante atitude crítica, no modo de superar as filosofias conservadoras, passadas. Exercício de combate às ideologias que está presente na filosofia da práxis.

Como “todos” são filósofos, devido à concepção de mundo que cada um assimilou (mesmo quando acriticamente), não se trata de reformar ou somente interpretar as concepções, mas, de fazer da crítica constante uma atividade e atitude em vista de uma postura permanente, que situe os sujeitos de maneira consciente reflexiva-criticamente diante das mais variadas visões de mundo e suas correspondentes filosofias. É, portanto, fundamental esse processo filosófico e a atitude consciente e inovadora do povo como sujeito ativo de transformação e criação da história. Isso implica na seguinte visão gramsciana do estudo da filosofia:

E assim, portanto, que uma introdução ao estudo da filosofia deve expor sinteticamente os problemas nascidos no processo de desenvolvimento da cultura geral, que só parcialmente se reflete na história da filosofia, a qual, todavia, na ausência de uma história do senso comum (impossível de ser elaborada pela ausência de material documental), permanece a fonte máxima de referência para criticá-los, demonstrar o seu valor real (se ainda o tiverem) ou o significado que tiveram como elos superados de uma cadeia e fixar os problemas novos e atuais ou a colocação atual dos velhos problemas (GRAMSCI; ANTONIO, 1999, c 11 § 12, p. 101).

Diante deste quadro, qual a função da filosofia na escola, principalmente para as camadas subalternas, sobretudo para aqueles que vivem nas periferias das grandes capitais? Nossa aposta baseia-se no exercício crítico sobre o senso comum que circula nesse território. Eis a tarefa que Gramsci (1999, c 11 § 12, p. 103) inspira em nosso trabalho:

[...] a filosofia da práxis não busca manter os “simples” na sua filosofia primitiva do senso comum, mas busca, ao contrário, conduzi-los a uma concepção de vida superior. Se ela afirma a exigência do contato entre os intelectuais e os simples não é para limitar a atividade científica e para manter uma unidade no nível inferior das massas, mas justamente para forjar um bloco intelectual-moral que torne politicamente possível um progresso intelectual de massa e não apenas de pequenos grupos intelectuais.

3 CAPÍTULO 3 - APLICAÇÃO DE GRAMSCI NA APRENDIZAGEM DOS ALUNOS QUE ESTUDAM FILOSOFIA

3.1 TEORIA E PRÁTICA

A história é um tempo onde se cruzam caminhos e depende de onde você está e do que você sabe para ter em vista o horizonte de possibilidades. No caso das classes subalternas, vai também depender de onde elas estão, o que elas sabem, como e o quanto elas estão organizadas ou desorganizadas, depende também das relações hegemônicas que existem e disto alguns caminhos se destacam para levar o passado até o futuro. Ou seja, a história está aberta. Como vimos sob o ponto de vista gramsciano, a estrutura das relações de forças históricas são sempre estruturas móveis. Onde há forças, reside uma pluralidade de fatores, de atores presentes da possibilidade de mudança.

Esse modo mais detido ao contexto histórico é muitas vezes contrário ao modo como a filosofia é apresentada: como algo somente para algumas pessoas ociosas e “intelectualizadas”, por vezes burgueses, idealistas, que vivem no mundo da lua e não sabem o que é a realidade, que imaginam e falam de coisas que não existem. De certo modo, neste senso comum, a filosofia é como uma atividade de e para loucos. E de fato é o que muitos alunos ao iniciar as aulas pensam ser filosofia. Algo muito presente quando introduzo a filosofia para minhas turmas.

Sendo assim, o primeiro ponto é questionar e criticar tais concepções. Como tenho muitas salas de primeiros anos, faço logo no início a exploração de suas concepções, procurando, conforme havíamos notado com Gramsci, destruir qualquer preconceito sobre a filosofia, sendo preciso tirar a ideia de que ela é algo para poucos. É possível até mesmo encontrar entre professores acadêmicos de filosofia a oposição do ensino de filosofia no ensino médio, alegando que a disciplina não é para os jovens, que não é para ela estar no ensino básico, pois, os alunos não possuem capacidade, possibilidades, ferramentas intelectuais para entendê-la.

Diante do que diz Gramsci (COUTINHO; CARLOS, 2011, p. 128-140), tal visão elitista da filosofia não percebe o germe crítico do bom senso e a possibilidade de que “todos são filósofos”. Em meu ensino de filosofia, parto dessa concepção gramsciana, deixando as ideias de o senso comum virem à tona. Portanto, apontando para isto desde as primeiras aulas, busco colocar em prática todas estas concepções do senso

comum sobre a filosofia, sempre provocando os alunos, questionando, elaborando críticas e reflexões sobre tais concepções sobre a filosofia. É neste exercício que aproximo a turma do campo da filosofia: todos são filósofos. Pois todas as pessoas, ainda que submetidas a uma ideologia hegemônica, têm uma filosofia espontânea, um germe de filosofia a partir das concepções de mundo fragmentadas de seus próprios senso comuns. Eis um trabalho fundamental da Filosofia nas escolas: o exercício crítico sobre o senso comum estabelecido.

E essa filosofia espontânea está contida dentro de um sistema. Pois, como notamos anteriormente, o espontâneo não quer dizer algo que é sem regras, sem direcionamento. Lembramos aqui, o que dissemos: o caráter espontâneo do pensamento, base para uma crítica do senso comum, resulta de uma elaboração detida sobre os materiais ideológicos. Além disso, o espontâneo afirma um nível básico da criatividade de uma filosofia, um nível básico e que pertence a todo mundo. E este nível básico está inserido dentro de um sistema, que se exerce dentro de regras. Como isso ocorre?

A filosofia espontânea está presente na linguagem mesma, que é um conjunto de noções, um conjunto de concepções e não apenas o jogo de regras gramaticais. Como nos diz Gramsci (1999, c 11 § 12, p. 93):

Após demonstrar que todos são filósofos, ainda que a seu modo, inconscientemente — já que, até mesmo na mais simples manifestação de uma atividade intelectual qualquer, na “linguagem”, está contida uma determinada concepção do mundo—, passa-se ao segundo momento, ao momento da crítica e da consciência.

A linguagem tem dentro de si mesma um conteúdo, ela é um conjunto de forma e conteúdo. Isto é, uma maneira de falar também significa uma maneira de pensar. Dessa forma, inovar a linguagem é inovar o pensamento, é criar uma nova maneira de pensar, pensar de maneira nova o que os outros já haviam pensado de maneira velha.

De que modo o espontaneísmo está dentro de um sistema? Ora, na linguagem, no senso comum e nas demais instituições sociais, como a religião popular, sempre se forma um conjunto de condições que permite ou não pensar as coisas. E como se definem essas condições? Elas se definem graças a uma hegemonia.

Ora, um sistema hegemônico é um sistema com um conjunto de regras que permitem pensar ou não pensar coisas, de ver o mundo de uma determinada maneira. Nesse caso, a linguagem, o sentido comum e as instituições sociais são o depósito de uma hegemonia concreta. Nestes campos estão contidos o sistema de inclusão ou exclusão que se cristalizam sob a forma hegemônica dominante. Assim, no sentido comum se deposita materialmente o sistema de subordinação determinado pela hegemonia dada, como temos insistido. E o caráter espontâneo do pensamento deriva, pois, deste conjunto hegemônico e sua dinâmica social, suas contradições, suas afirmações absolutas.

Como exercício crítico do senso comum, a filosofia se realiza concretamente como sistema contra hegemônico.

A verdade da crítica, portanto, está na possibilidade de um bom senso. Ou seja, o problema não é substituir uma concepção por outra (por exemplo, substituir uma concepção de mundo religiosa, por uma científica – a ideologia hegemônica pode permanecer nesta transição). A questão é se perguntar em que medida o senso comum, a linguagem, a religião popular e as demais instituições sociais podem dar lugar a uma agrupação coerente orgânica das massas populares, que podem ser capazes de atuar autonomamente na história mediante sua consciência de classe. Portanto, algo bem diverso de uma atuação enquanto sujeito individualista e que se torna um sujeito treinado para a competição e a meritocracia, tão corrente no discurso hegemônico presente.

Aqui nos deparamos com um segundo passo para a consciência de classe, quando se encontra o limite da filosofia espontânea. Pois, aqui o nível espontâneo ainda resguarda uma hegemonia que foi decidida pela classe dominante, sendo a representação ideológica da sistematização de forças desta classe. Não é, pois um senso comum de concepções de mundo organizadas autonomamente, uma concepção de mundo que não pode oferecer às classes populares uma imagem de si mesmas como capazes de atuar historicamente de modo autônomo e independente. Pelo contrário, como vimos, você tem desorganização e dispersão. Daí a importância fundamental, das classes subalternas terem que criticar o senso comum, devendo organizar-se para obter a sua autonomia.

Ainda que o caráter espontâneo do pensamento seja uma reação por parte da classe subalterna, não é possível a mudança. Nesta etapa inicial, o senso comum da

classe dos subalternos é limitado porque tal atitude pode ser apenas uma reação – importante, mas insuficiente – interna à opressão feita pela classe dominante. Uma reação que ainda se dá no interior de forças hegemônicas, mas sem a menor possibilidade de transformação da condição histórica estabelecida.

É preciso, então, avançar do espontaneísmo para o pensamento crítico. Isso significa se orientar para a ação organizada para se libertar de tal condição, de pensar e agir de maneira consciente e criticamente em vistas de uma consciência de classe. Retomemos a questão de Gramsci, quando afirma (*apud* COUTINHO; 2011, p. 129): “Somos conformistas de algum conformismo, somos sempre homens-massa ou homens-coletivos. O problema é o seguinte: qual é o tipo histórico de conformismo, de homem-massa do qual fazemos parte?”. Fazer esta pergunta é lembrar que se luta por dentro do sistema de hegemonia: a contra hegemonia se faz por dentro do sistema, ocupando as trincheiras do Estado, as instituições, em ações políticas organizadas coletivamente. A questão aqui é: participamos de qual conformismo? – um outro modo de dizer que somos sempre homens coletivos. Somos conformistas de algum conformismo, somos sempre homens-massa ou homens-coletivos.

3.2 FILOSOFIA DA PERIFERIA

Neste momento procurar-se-á construir esse lugar da filosofia na periferia. Para tanto, traremos ao trabalho os exemplos da prática em sala de aula. Trata-se das tentativas de uma prática do professor de filosofia, na busca por uma práxis que sabe fazer fazendo do ensino de filosofia. A ideia é possibilitar que o jovem aluno do primeiro ano do ensino médio em seu primeiro contato com a filosofia na escola quebre muitos paradigmas e concepções de mundo e da filosofia hegemônica (que, ainda que não conheça seus cânones, opera em seu senso comum). Mediante este primeiro exercício, o ensino de filosofia se torna um instrumento de emancipação conjunta e unificada, de elaboração de um constante senso crítico e em defesa de uma forte e concreta consciência de classe.

Essa ação, conforme temos insistido, ocorrerá a partir do senso comum deste grupo de alunos iniciantes, de seu espontaneísmo, dos diversos aspectos que se mostram desagregados. Assim, das concepções acríticas existentes com maior densidade no senso comum dos primeiros anos, procuramos um processo para

chegar ao bom senso. Desde então, segue-se para uma concepção de mundo que se transforme em atitude crítica, sistematizadora e refletida conscientemente. Trata-se, pois, de acompanhar os passos descritos na filosofia da práxis de Gramsci. A sua aplicação em sala de aula, por sua vez, ocorrerá em minha realidade no ensino público na periferia de São Paulo, através de uma filosofia do ensino de filosofia.

Dentre as salas do ensino médio que tenho, (anualmente uma média de 12 salas de primeiros anos), foi escolhida em razão da necessidade dessa pesquisa a etapa do primeiro ano. A ideia é aproveitar este momento de introdução do grupo ao território da filosofia. Foram escolhidas apenas duas salas para o desenvolvimento deste trabalho, desenvolvido no ano letivo de 2019. A escola em que atuo como professor de filosofia é constituída apenas de Ensino Médio nos três períodos. O bairro em que a escola está localizada é o Campo Limpo, zona sul de São Paulo, parte da periferia da capital paulista. As aulas ocorrem no período da tarde, com duas aulas semanais, com uma média de 40 alunos por sala. São salas com alunos presentes, não costumam faltar. Uma grande maioria deles faz outras atividades extraescolares, como teatro, cursos técnicos, esporte, alguns trabalham em casa pela internet. Nossa pesquisa, pois, trata das salas do período da tarde, as quais não possuem nenhum repetente, o que significa dizer, que, a filosofia era novidade para todos.

Será exposto aqui, pequenos exemplos produzidos em sala de aula no primeiro semestre do ano letivo de 2019, com o objetivo de apresentar a prática do ensino de filosofia a partir da concepção proposta neste trabalho.

Nesta parte do trabalho vou expor alguns exemplos realizados desta prática de ensino de filosofia, a partir de questionamentos dirigidos aos alunos.

Portanto, parto da perspectiva dos estudantes sobre o que eles dizem tratar a filosofia, o que procuro extrair por meio de questionamentos, através da fala do aluno. Essa parte inicial é de fundamental importância, pois é a forma como o professor vai trazer a filosofia pela primeira vez aos alunos, mas também a forma como ele vai responder, interagir e escutar, de modo a acrescentar algo sobre o senso comum dos alunos. Neste instante, acabam surgindo várias indagações, diversas concepções, muitas questões, enfim, aparecem diversas visões sobre a filosofia e sobre os (as)filósofos (as), bem como, algo não de menor importância, sobre o que significa e para que serve a “presença” da filosofia naquela etapa.

Em meio a essas tantas questões e provocações que vão surgindo, vez ou outra, vou interferindo e buscando provocá-los, vou analisando o momento e, desde o início, procuro fazê-los compreender, por meio da experiência concreta que aprendemos uns com os outros. Uma passagem fundamental para instaurar desde o início o horizonte de uma coletividade, base fundamental para a crítica do individualismo e da competição que circula no senso comum desse grupo. Além disso, nessa apresentação, insisto que o ambiente das aulas de filosofia deve ser algo comum e um espaço aberto para diversas questões.

Dessa forma, será apresentado aqui um programa de aula, por mim elaborado e colocado em prática, em vista de um objetivo, através de algumas tentativas em construir e elaborar um sistema, com a intencionalidade de constantemente buscar uma organização do ensino de filosofia na realidade em que estou inserido, participando dela e tentando transformá-la constantemente.

Então, como já mencionado anteriormente, é fundamental que neste início, sobretudo, (claro, não somente aqui, mas, em todos os momentos), o professor de filosofia coloque em prática a dimensão e o caráter filosóficos, no esforço contínuo por uma postura investigativa, autocrítica. Isso exige uma desconstrução do professor de filosofia, contrária à imagem de um deus possuidor do saber, um mago que tem resposta para tudo.

De outro modo, trata-se de apresentar de início, o docente em sua postura crítica, que tenha consciência da relação intersubjetiva no aprendizado e no ensino de filosofia, sem deixar de provocá-los e gerar desconfortos quanto às posturas, opiniões, concepções, filosofias etc. Trata-se de uma difícil medida, pois tais atitudes críticas devem evitar dizer que o professor seja visto apenas como um exemplo. De outro modo, cabe ao professor mostrar que vive filosoficamente, a sua atitude deve fazer com que os alunos entendam que o professor de filosofia está ali, junto com eles, com o objetivo de interagir, de formar e ser formado, e que todos estão juntos em uma viagem na busca constante pelo saber.

Portanto, as conversas, discussões, críticas, exposições, devem ser amplamente possibilitadas. Enfim, possibiliro de início que as conversas, discussões, sugestões, falas e opiniões aconteçam entre eles, tomando uma dimensão interessante, quando aparecem diversas outras questões, por exemplo, ao redor do significado da filosofia: quanto ganha um professor de filosofia? Ele só pode ser

professor? A filosofia só fala frases e fica viajando nelas? Nesse conjunto de interrogações fragmentadas, vou me relacionando aos poucos, com o decorrer da aula, provoco-os e vou intervindo de modo a provocar ativamente nas opiniões, tentando chamar a atenção deles para o fato de estarem perguntando e elaborando respostas, assim, procurando saber sobre algo que antes não buscavam saber com maior intento.

Ressalto algumas questões e problemas que vão surgindo nesta troca de ideias, sempre aproveitando esse espontaneísmo filosófico gramsciano. Como vimos, cabe ao professor de filosofia certa sistematização. Ainda assim, em uma dessas provocações, sempre surge e se acaba em meio às discussões. Muito do sentido que busco nessas primeiras aulas, acaba escapando. O que motiva a um processo de ensino aberto sempre sujeito à redirecionamentos, reorganizando o sentido, intervindo junto ao grupo, falando, escrevendo, dentre outras práticas.

Com isso, é importante dizer, o professor não precisa ter a convicção de que deverá terminar com as questões levantadas em uma única aula. Pode-se nesta etapa desenvolver este conjunto de questões nas aulas seguintes. Em meu planejamento, minha sugestão é que seja aproximadamente quatro ou seis aulas nesta introdução à filosofia, procurando adequar à realidade da instituição em que estou, pois, o tempo, a realidade de uma escola têm que ser observados. Dizendo de maneira direta, o tempo total de uma aula não é algo em que o professor tenha inteiramente disponível, pois, existem diversas situações e acontecimentos que fazem com que diminua o tempo de aula, somente por uma. Em média, naquele ano de 2019, acabo por ter entre 20 a 25-30- minutos em média de aula.

Sendo assim, seguimos com a experiência. É desse espontaneísmo operante em todos nós, que encontramos nossa entrada no que chamamos, amparados em Gramsci, de senso comum: uma noção que temos das coisas e do mundo, uma concepção de mundo. Mas, uma vez reformulada criticamente essa concepção de mundo e organizada como algo em comum, este senso comum se torna um bom senso.

Quando você tem uma escola sem a presença de um grêmio estudantil, por exemplo, você está no espontaneísmo, no senso comum acrítico e desorganizado, claro, podemos ter um grêmio estudantil que esteja a serviço da gestão da escola ou da secretaria de educação, usados para apaziguarem os ânimos. Porém, quando você

tem em uma escola, um grêmio estudantil que busca se organizar, busca uma autocrítica constante, busca em conjunto com todos os jovens da escola uma consciência de grupo estudantil na escola por exemplo, um bom senso é alcançado; ou seja, temos aqui a possibilidade de uma filosofia, uma concepção de mundo própria, pois transformou um senso comum acrítico e desorganizado. E assim, esse grêmio conquista e constrói força de ação dentro e fora da escola, na história de cada um.

Ao fazer algumas experiências anteriores a partir do modo como seria trabalhado o início da atividade, com a prática em sala de aula, fui percebendo e trabalhando, o como poderia desenvolver as atividades. Como poderia começar? O que poderia fazer parte do início da elaboração que poderia constituir um modelo de aula, um bloco de bimestre? Como poderia organizar um método de ensino de filosofia? Sendo estas, algumas perguntas que me coloquei. Às quais, após algumas experiências, o caminho escolhido e trabalhado em sala será o que apresentarei na sequência deste capítulo.

A experiência produzida através da prática do ensino de filosofia, trouxe um modo de fazer, de elaborar e organizar a apresentação dos resultados deste trabalho. Assim, segue-se uma apresentação que foi consequência da prática de uma experiência que procurou pensar um método de ensino, pensado, a partir de uma concepção de filosofia gramsciana.

A experiência partindo da sala de aula e de acordo com a realidade da escola, da estrutura disponibilizada, do calendário escolar, foi produzido e coletado do próprio experimento em sala de aula.

Como método, foi utilizado mediante diálogos com a sala, a elaboração de perguntas relatadas sob a forma de um registro ao final de cada etapa do processo. Foram elaboradas perguntas para que os alunos respondessem em seu caderno. E para coletar as respostas, às vezes, também eram formuladas questões ao final de uma ou duas aulas. Essa atividade de elaboração não tem uma maneira certa: depende muito de cada processo e de seu andamento. Algo que exige flexibilidade do professor, o qual volta sua atenção para o estágio em que os alunos estão no processo de ensino filosófico. Entre o senso comum e o bom senso das opiniões e questionamentos, o professor se estabelece como uma intervenção nos diálogos de sala de aula.

Portanto, foram utilizados o diálogo, as letras de música, pequenos versos, bem como elementos do cotidiano de cada um e da sociedade em geral, acontecimentos contemporâneos em diferentes eixos da sociedade, acontecimentos factuais usados para ilustrar problemas e contradições. Deste imenso material foi elaborado em conjunto com os alunos, análises, apontamentos.

Em geral, parte-se de uma coleta sobre uma questão, a partir da qual os alunos foram ouvidos e provocados, tanto pelo professor, como por muitos que ali estavam e, ao fim de cada ponto, o professor pede uma atividade em vistas de uma resposta por parte dos alunos diante do quadro de questões apresentado. Após a análise do professor dos trabalhos produzidos pelos alunos, é possível estabelecer um horizonte do senso comum que circula entre os alunos. Vejamos os passos dessa filosofia da práxis.

3.2.1 Pressupostos de um ensino de filosofia

Partimos da concepção gramsciana, da qual, “todos os homens são filósofos”. Colocaremos em prática tal premissa, com o intuito de observar a sua possibilidade no início do ensino de filosofia. Testaremos tal premissa no ensino de filosofia, mediante a construção de um plano de sequência de aulas.

Em um primeiro momento, o professor não vai expor a premissa gramsciana de que todos são filósofos aos alunos. O professor apenas vai utilizá-la como um pressuposto para a sua concepção, de um ensino de filosofia. As opiniões e as visões dos alunos e do professor serão o conteúdo em si. Nossa objetivo nesta primeira atividade de filosofia, busca colocar em prática a concepção de como deve ser uma iniciação ao ensino de filosofia a partir de Gramsci. Sendo assim, buscaremos em meio a uma atividade filosófica, levantar, coletar e buscar conhecer, a visão de filosofia que eles, os alunos trazem, com o intuito de colher o espontaneísmo presente, observar, identificar, expor, anunciar, denunciar e analisar os preconceitos em relação à filosofia, a partir de uma “filosofia espontânea”.

Para tanto, fizemos da seguinte forma. Com as turmas desta experiência, temos 2 aulas semanais, sendo uma na segunda-feira e a outra na quarta-feira no período da tarde. Destacamos o seguinte: uma aula pode durar mais de um dia. Afinal,

a questão introduzida pode não se limitar a um dia, podendo uma aula ter a sua continuidade por outros dias correntes.

Partindo da questão em aberto sobre a noção que o grupo de estudantes tinham sobre a filosofia, e compreendendo a necessidade de uma síntese do debate nas aulas, organizamos as respostas coletadas por proximidade. Senso assim, colocarei as que foram repetidas em maior quantidade bem como, aquelas que foram similares. Então, não será a resposta de um aluno, mas o conjunto de respostas que se aproximam. Ora ou outra, poderá ser utilizada como exemplo, a resposta de um aluno.

3.2.2 Um método em ensino de filosofia

Em minha experiência como professor de filosofia, conforme e por meio do dia a dia em sala de aula, de acordo com o passar dos anos e algumas reflexões sobre o modo, como e de que maneira poderia fazer uso da filosofia sem causar certa repulsa e preconceito aos jovens do primeiro ano, pelo fato, de ter verificado, de acordo com o tempo trabalhando com a filosofia no ensino médio, ter constatado uma tendência geral negativa em relação a filosofia, o seu servir para algo e como ela seria útil na vida do jovem, estes eram alguns questionamentos que recolhia dos alunos durante o meu percurso, uma pergunta que é feita constantemente pelos alunos do ensino médio, e de que maneira o seu ensino serviria para a suas vidas e formação escolar, constatavam o diagnóstico de uma percepção de inutilidade da filosofia na vida escolar daqueles alunos.

Sendo assim, acabei por experimentar alguns meios e caminhos de ensino e aprendizagem em filosofia, com o intuito de romper visões, opiniões obscuras, preconceituosas, acríticas e elitizadas, sobre a filosofia, que, ao decorrer das aulas, os próprios alunos traziam, inclusive alunos do terceiro ano. Por isto, percebi e fiz a escolha pelo primeiro ano, onde um primeiro contato com a filosofia na escola ocorre.

Com o intuito de aperfeiçoar a minha prática docente e dar sentido do seu ensino para os alunos, buscando refletir sobre a mesma, nas tentativas de encontrar um caminho para melhor desenvolver a minha prática docente, comecei a elaborar e experimentar

aulas, deixando em um primeiro momento, os livros, a lousa, a história da filosofia e o seu cânone de lado. Não que os livros e a história da filosofia não tenham importância, mas, o caminho a ser percorrido seria feito de outra maneira, e, a abordagem da história da filosofia e a apresentação das filosofias, ocorreria após um processo inicial. Assim, com a intencionalidade, de durante o processo de ensino de filosofia, descolonizando a via oficial da tradição, não percorreria por meio da tradição e nas vias dos complexos conceitos filosóficos, o caminho seria feito por outras trilhas.

Dessa forma, começo a fazer com maior empenho e uso, a ferramenta do diálogo, os debates, as letras de música, poesias, frases, rodas de discussões, as opiniões dos alunos, as visões de mundo, os ditados populares, as crenças, simulações com os alunos, utilizando casos reais e públicos, que, aconteciam e acontecem nas salas de aula, nas escolas, na sociedade, no dia a dia do bairro e do mundo em geral. Desenvolvendo representações desses casos, como por exemplo, um júri, por meio do qual, os próprios alunos atuavam e participavam, interpretando e se colocando no lugar das pessoas que passaram e passam por determinadas realidades e situações. Trazendo significado e experiências de ensino aprendizagem em filosofia, aproximando-a. Permitindo e partindo do lugar de fala dos alunos, das opiniões, das ideias, das visões de mundo, dos preconceitos, das contradições, da complexidade, das crenças, dos afetos e sentimentos. Assim, partindo do lugar que pisam e por isso, reconhecem com maior facilidade. Por esse meio, o professor faz o caminho com os alunos, participa e interfere, permite interferência e aproximação.

Para a realização dessa pesquisa em ensino de filosofia, fizemos a experiência pedagógica e filosófica em sala de aula, com o primeiro ano do ensino médio, em uma escola pública da periferia, da rede estadual de São Paulo.

Assim sendo, foi colocado em prática um meio de caminhar com a filosofia e desenvolver um processo filosófico. Como se desenvolve esse processo? Como ele foi percorrido e de que forma foi feito? Responderemos a essas e a outras questões: em um primeiro momento, utilizamos o material contido e presente no senso comum, nas contradições, nas opiniões, nas crenças, nos valores, nas culturas, nas religiões, na linguagem, nas visões de mundo, nas filosofias que todos trazemos, mesmo que

não nos damos conta disso, pois, todos trazemos opiniões, valores, crenças e visões de mundo, portanto, filosofias espontâneas.

Dessa forma, partindo do pressuposto filosófico do ensino de filosofia a partir de Gramsci, o que já foi elaborado e explicado no trabalho de pesquisa, pelo qual, defende-se a tese, que todos os seres humanos são filósofos, pois, estão e são inseridos em mundos desde o nascimento, em visões de mundo herdadas da tradição e visões que vão sendo incorporadas conforme o desenvolvimento na vida como um todo, pois, ao ensinar filosofia, ainda mais na realidade de uma periferia de São Paulo, onde essa pesquisa foi desenvolvida, que, é o de criar, desenvolver e fazer do ensino de filosofia, uma luta libertadora e que busca a autonomia do aluno, para que o aluno tenha governo de si mesmo.

Na perspectiva de ressignificar e quebrar paradigmas pedagógicos e o modo de ensinar filosofia e a percepção do alcance da Filosofia no cotidiano, elaboramos um caminho em que os estudantes reflitam, pensem e façam a interpretação da afirmação, por exemplo: “todos somos filósofos” (conforme, Gramsci), em um processo que provoque e estabeleça consciência sobre o que é senso comum, senso crítico, filosofia como reflexão espontânea, filosofia como especialidade acadêmica e bom senso.

Dessa forma, partindo desse pressuposto apresentado, evita-se com maior rigor repetir um ensino tradicional, acrítico, um ensino de memórias, mas, se faz outro caminho, reconhecendo e apontando tais influências e produções da cultura, feitas e elaboradas através da história da humanidade, com isto, se reconhece melhor as relações de dominação e subalternidade na produção intelectual e filosófica na história da filosofia e nos filósofos, assim, como no senso comum de diversos tempos e espaços históricos e culturais do homem. Assim, organizando e desenvolvendo criticamente através do senso comum presente, reconhecendo as marcas de subalternidade, dominações culturais sociais e filosóficas estruturadas na sociedade contemporânea.

Portanto, o professor, reconhecendo e compreendendo que todos foram e são influenciados por visões de mundo externas, que, possuem opiniões absolvidas e

tomadas como verdades absolutas, vindas de todo lugar, posições que são diversas e contraditórias, sendo assim, todos são filósofos, pois, todos possuem uma filosofia espontânea, dessa forma, se parte do mundo em que estamos.

Assim, busca-se coletar o senso comum dos alunos, permitir que ele apareça, se decorra. Permitir o caráter contraditório do senso comum. Durante esse processo, o professor está ali, dialogando, provocando e sendo provocado, manifestando também o seu senso comum.

Durante o percurso se elabora críticas, reflexões, contradições, exemplos na história, do dia a dia, na cultura, na linguagem etc., com o intuito de desenvolver o senso crítico e reflexivo, algo organizado e mais bem elaborado, transformar o senso comum acrílico.

Por meio dessas atividades e práticas, o senso crítico vai se desenvolvendo, ocorrendo mudanças de opiniões e pensamentos, reconhecendo na cultura, na história etc., a existência das relações de dominação, assim, desenvolvendo o processo do bom senso, um senso comum que passa por um processo crítico, analítico, algo mais bem elaborado, crítico/reflexivo, autônomo, uma consciência de classe, de mundo ao qual se pertence.

Após e durante esse processo é introduzido e desenvolvido, junto com os alunos, o material histórico produzido pelos filósofos profissionais, a partir e com um caráter pedagógico ,que, sempre reconhece no aluno, um sujeito, construtor do conhecimento, então, é elaborado e utilizado as filosofias dos filósofos profissionais, as grandes filosofias, escolas filosóficas, com exercícios analíticos e críticos a elas, buscando conhecer, analisar e criticar as relações com o senso comum, onde e como elas aparecem, onde estão o caráter colonizador e opressor e como isso é introduzido na sociedade contemporânea, as visões de mundo produzidas por elas e repetidas acriticamente por nós, as diversas opiniões contidas em nossa sociedade, na política, na religião, na linguagem, nos preconceitos, nas visões de mundo, nas filosofias etc. Dessa forma, com a intencionalidade, de participar ativamente da construção e organização da própria visão de mundo do aluno, com a finalidade por meio da relação entre sujeito e sujeito, o professor de filosofia, participa com o aluno durante o

processo, o sujeito aluno, constituindo-se governante de si mesmo. O aluno precisa ir percebendo, sentindo e compreendendo cada aula como um processo vivido por ele para que, na especificidade da educação escolar, avance, como diz SAVIANI (1987), do "senso comum" à "consciência filosófica", entende-se, do senso comum ao bom senso. Portanto, transformar o senso comum. E transformar o senso comum é uma ação política.

Um processo que, também e conjuntamente, leva o professor a se questionar, desenvolver a autocritica e suas percepções do mundo e do senso comum, das crenças nas verdades pedagógicas que traz consigo, mas um processo que deve ser vividos por alunos e professores, podendo assim contribuir criticamente para o desenvolvimento do saber-fazer docente. Como nos diz Bourdieu e Wacquant, “é necessário questionar as noções, as visões, concepções ou teses com as quais argumentamos, mas sobre as quais nunca argumentamos” (Bourdieu, Wacquant, 2000).

O ambiente de pesquisa é a sala de aula, o laboratório é vivo, complexo, dinâmico, traz os mundos. É um ambiente que foge do carimbo oficial do comum da pesquisa acadêmica, que em muitas vezes e momentos, estiveram distantes desse lugar.

O professor de filosofia, como um filósofo técnico, especialista, que reconhece o desenvolvimento e os processos do pensamento e das filosofias, tem como seu habitat a sala de aula, que é o seu próprio laboratório. Portanto, é necessário repensar e ressignificar o senso comum sobre o próprio fazer do ensino de filosofia, o que e como fazemos; é urgente a auto crítica em relação a forma e o caminho que se percorre. O senso comum precisa ser valorizado e refletido criticamente, para poder melhor saber o fazer, com e a partir de outros métodos, além dos tradicionais e oficializados pela estrutura política.

Os estudantes do ensino médio, partilham de um mundo comum vivido, essa vivência possui reservatório cultural, um saber, porém, disperso em muitos casos e aspectos, por meio da elaboração do bom senso, de uma consciência mais crítica e consciência dos autores do processo de transformação do mundo, um novo sentido comum é estruturado, um saber consciente, que, torna possível a integração de cada indivíduo, formando uma identidade de grupo.

Portanto, esse processo apresentado nesse trabalho de pesquisa, tem como finalidade, o desenvolvimento consciente e de uma percepção crítica da realidade, de seus problemas e contradições. Intensificar nos alunos o desenvolvimento de atitudes de tomada de posição ante os problemas da sociedade, valorizar o senso comum, o saber dos alunos e suas visões de mundo, as suas questões em relação ao mundo e a sociedade como um todo.

Ao pensar sobre o processo de ensino e aprendizagem, considera-se importante que o conhecimento mais aprimorado e crítico seja construído pelo aluno a partir das relações dialógicas, dos debates, das questões do senso comum, etc., que ocorrem em sala de aula, em detrimento a uma perspectiva mecânica da aprendizagem, em que o estudante apenas memoriza conceitos e filosofias, sem, de fato, compreender o seu significado e o seu aspecto de influência na vida em sociedade. Segundo Freire (2016), a partir de uma abordagem dialógica, é possível desenvolver a autonomia no estudante, constituir um bom senso, uma análise crítica dos argumentos e da vida prática na sociedade, das injustiças sociais, das condições de subalternidade, constituindo-o como protagonista na construção de seu próprio conhecimento. Para que isso ocorra, deve-se romper com a visão colonizadora de que ensinar se restringe à memorização dos conteúdos, da ideia de que ser um intelectual é decorar o quanto puder, que com a repetição se ensina e se aprende. Nessa perspectiva, o aluno não recebe, não acata respostas prontas, mas é levado a argumentar e exercitar sua razão na construção do conhecimento, um exercício filosófico buscando um bom senso, governar a si mesmo, um conhece a ti mesmo. Colaborando com os alunos, para que vejam e identifiquem a presença da filosofia no cotidiano.

A partir dessa perspectiva do ensino de filosofia, o aluno do primeiro ano, já apreende que deve desenvolver uma atitude crítica e que deve ter como comum, o hábito de questionar mediante a resolução dos problemas, procurando respostas à suas próprias questões e questões da sociedade contemporânea em que está inserido e participaativamente, ao invés de receber aquilo que foi elaborado pelo outro.

Assim, oportunizando atitude que passa pela crítica e pela reflexão, transformando a sua visão do mundo, o que pode ter um resultado amplo para termos e construirmos um senso civilizatório para uma sociedade mais justa e solidária.

A partir desse processo, o aluno participa da aula, também a conduz e participa da atividade filosófica. A partir das aulas, dos matéria prima presente no senso comum que são utilizados, dos meios usados, dos registros à questão proposta, os alunos produzem um material sobre as questões e sobre a filosofia, sobre a sociedade, o mundo, os valores, as mensagens contidas nas letras de músicas, das filosofias e seus conceitos, dos aspectos do senso comum e do bom senso. A noção e identificação da presença da filosofia no cotidiano, no senso comum, colabora para promover um entendimento mais amplo e atualizado sobre a atividade filosófica no mundo contemporâneo.

3.2.3 Experiência da aula

Primeiro momento: A filosofia espontânea, partindo do senso comum

Fazem parte desta atividade, algumas perguntas, que utilizarei como exemplos de atividades feitas em sala. Destaco aqui as seguintes questões: o que os alunos do primeiro ano sabem sobre filosofia, o que seria a filosofia para eles, qual é a noção que possuem da filosofia fora do ambiente escolar e o que pensam ser a filosofia no ambiente escolar, para que ela serviria, o que teriam escutado sobre a filosofia, entre outras questões semelhantes. O que seria a vida e como a filosofia poderia entrar e participar dela, de que maneira a filosofia, a vida, o mundo, a realidade estão conectados e qual é o sentido de ter filosofia no ensino médio, principalmente em uma periferia. Tais questões, além de servirem como exemplos para essa atividade, foram as que mais se encaixaram a este momento do processo, que procura objetivar melhor o senso comum dos estudantes em torno da matéria da filosofia. Um movimento que também agregou à minha experiência, com o ensino de filosofia em sala de aula, ao constatar maior facilidade utilizando essas questões, apresentadas a cima, para um começo.

Fazem parte deste início do processo a relação de perguntas realizadas pelo professor e respostas dadas pelos alunos, que – como havíamos indicado – serão tratados de maneira geral. Tais respostas serão materiais para atividades futuras e serão desdobradas em debates, conversas, discussões, escritos.

No momento inicial, a resposta não foi o silêncio diante da questão sobre o sentido da filosofia para o grupo de estudantes. Pelo contrário, percebe-se um senso

comum presente nos alunos: todos possuem alguma opinião sobre a filosofia, a vida, dentre outras questões. Todos possuem um senso, uma noção. Assim, partindo de uma filosofia espontânea, pelo senso comum presente nos alunos, iniciamos um processo do ensino de filosofia, no primeiro ano do Ensino Médio.

324.1 O processo de coleta, de levantamento do senso comum, presente nos alunos

Primeiro Momento

O objetivo é coletar alguns tipos de senso comuns sobre a filosofia. A intenção é coletar o senso comum presente nos alunos, em relação a filosofia. As respostas foram organizadas de modo geral, ou seja, foram coletadas as respostas que ocorreram com maior repetição entre os alunos. Ou respostas que sintetizam os debates em torno de diversas questões discutidas.

Começamos da seguinte questão:

Professor: *O que é filosofia? O que pensam sobre ela? Qual é a opinião de vocês em relação a filosofia? Livremente, sem medo de errar. Conforme o tempo, as respostas se manifestam.*

Alunos: *Que os filósofos não acreditam em Deus. Que a filosofia é contra Deus, contra a religião, que a filosofia é perigosa para os jovens, algumas pessoas sempre dizem isso, também meu pastor, minha catequista. Que são tudo doido, que não falam de coisas desse mundo, que só ficam pensando e falando de coisas que não dá para entender, que falam palavras meio que sem sentido, falam de coisas muito difíceis, que viajam nas ideias (no sentido, de que vivem no mundo da lua, o que tal concepção dos alunos já é bem conhecida por alguns professores de filosofia). Eu não sei o que era filosofia e nem sabia que existia. Penso que a filosofia é um estudo apenas de pessoas mais intelectuais. Que é uma matéria como qualquer outra. Que sempre pensei, que a filosofia estuda os filósofos, em como eles eram e o que eles fizeram. Que é algo relacionado com a vida. Que minha mente iria expandir. Nem imaginavam que iriam estudar filosofia em sala de aula.) É algo sem importância, a filosofia*

é para poucas pessoas, pois, é muito difícil, além de não servir para nada, não vamos usar para nada. São teorias loucas e complicadas, são pessoas que vivem que vivem no mundo da lua. É uma perda de tempo. É bom para abrir a mente. Os filósofos falam como as coisas são, tem diversas teorias. Não sei para que, iremos usar a filosofia em nossa vida. Quando escuto falar de filosofia, as vezes é na televisão, em filmes e vídeos, é sempre de filósofos e suas teorias, na maioria das vezes, assuntos que não dão para entender direito, com palavras difíceis, ideias complicadas de se entender. A filosofia faz pensar, refletir sobre as coisas.

Segundo Momento:

Nesse momento, é feito uma outra pergunta, sobre a vida, com o intuito de relacionarmos o mundo da filosofia, com o mundo da própria vida. Dessa maneira, diminuindo o espaço entre a realidade da vida, um senso que todos temos, em relação ao que vivenciamos e experimentamos por meio da própria existência e, a filosofia, criar um sentido para o ensino de filosofia, um encurtamento da distância entre a filosofia e o senso comum dos alunos, nesse momento, e desse modo, aproximando o ensino de filosofia com a realidade da vida dos alunos.

Professor: O que é a vida?

Alunos: *Sei lá, é um mistério. É algo bom de se viver, não tem sentido. É crescer, viver e morrer. É muito difícil. É boa. Não tem como explicar, só vivendo para ver. Me faço essa pergunta, mas não sei a resposta. Ela é feita de momentos, temos que aproveitar. É lutar para ter uma vida boa, um carro, uma casa, poder comprar as coisas. As vezes ela é boa e as vezes ela é ruim. A vida tem muitos desafios, devemos confiar sempre que vai dar certo. A vida é estar aqui, estar com as pessoas, estudar, trabalhar, se divertir, correr atrás dos seus sonhos, ser feliz, é sofrer, dar risada, passar por diversas coisas até a sua morte. A vida é um dom de Deus, ele nos deu e devemos cuidar. É lutar para conquistar as coisas, ter o seu carro, a sua casa, o seu lazer, casa de praia, sua moto, é fazer um bom curso, que de dinheiro, o que não é fácil, mas com esforço e força de vontade, se consegue, ser bem-sucedido.*

Terceiro Momento:

A partir da massa de senso comum apresentada pelo grupo, o professor organiza as respostas, com o objetivo de uma reflexão:

Professor: *Todos nos questionamos, de algum modo, em algum grau e fase, sobre a vida, em geral. Todos temos uma opinião sobre ele, de um modo ou de outro. Então, cada um tem uma percepção, uma opinião sobre a filosofia, da mesma forma, uma percepção em relação a vida. Dessa forma, cada um tem a sua, sente, percebe e questiona-se sobre a vida, em algum momento dela, todos fazemos, mesmo sem darmos conta disto. Isso é um senso filosófico em nós, um espontaneísmo, uma percepção, um perguntar-se, mesmo internamente. Vocês possuem algum conhecimento sobre essas coisas e as coisas a sua volta, sobre o mundo e a vida, possuem crenças e valores que vieram do passado e ao mesmo tempo estão sobre a influência do presente e tudo que ele tem.*

Desse modo, as perguntas podem se estender, podem ser diversas. Após essas duas questões colocadas pelo professor, pode-se perguntar e provocá-los sobre diversas outras questões.

Podendo o processo ser estendido, ficando a critério do professor dar ou não, continuidade ao processo, com perguntas e questionamentos sobre: o que eles pensam sobre a liberdade, a democracia, a religião, sobre deus/Deus, sobre a violência, o preconceito, o prazer, o que é a felicidade, o que significa ser bem-sucedido, o que é o bem, o que é política, o que é o trabalho, entre outras questões, o que depende também, da realidade de cada professor, de onde ele está inserido e de onde pode partir, tal como o contexto da escola e a localização em que ela está inserida, os problemas do bairro. Isso é feito com o intuito do professor, em coletar cada vez mais, a diversidade dos tipos e formas de senso comuns presente nos alunos do primeiro ano do Ensino Médio da rede pública de uma parte da periferia na zona sul de São Paulo.

3242 - O processo de desenvolvimento ao senso crítico

Nessa etapa do processo, o professor de filosofia, elabora críticas às respostas dos alunos, provoca diferentes reflexões, com a intencionalidade de modificar um senso acrítico em direção para um senso crítico, algo mais bem elaborado, com uma consciência ativa dos alunos.

Professor: Vocês possuem algo a dizer sobre a filosofia, mesmo que esse algo a dizer, venha a partir daquilo que, em algum momento, vocês ouviram falar dela. Também dizem algo sobre a vida, trazem uma experiência e, a partir disso, vocês dizem algo a respeito. Muitas vezes acabamos dizendo e repetindo as coisas, emitimos opiniões sem fazer uma crítica, sem uma reflexão, sem um questionamento. Inclusive sobre a filosofia, ou seja, acabamos repetindo muitas coisas e vamos assimilando como verdades únicas e absolutas para nós.

Após essa introdução do problema, apresento a premissa gramsciana: “todos os homens são filósofos (as)”. Porém, é apresentada essa frase com outra linguagem, pois a linguagem demasiadamente técnica, de início, complica a questão, até mesmo, a mudança da linguagem, é uma forma de reinterpretar ao contexto social, cultural, econômico e escolar do qual partimos neste trabalho, assim, possibilitando maior proximidade e reconhecimento ao jovem. Assim, reformulamos a premissa gramsciana, da seguinte maneira.

Professor: *Todos(as) os(as) alunos(as) são filósofos(as), todos os jovens aqui do Campo Limpo são filósofos.*

Alunos: *Todos não, mas deve ter um ou outro. Até porque, como muitos já disseram, a filosofia é distante, é algo muito difícil, com palavras complexas demais. Teorias difíceis de entender Que todo mundo pensa, que todo mundo tem dúvidas sobre Deus, que todo mundo precisa fugir um pouco desse mundo.*

Professor: *Por que somente alguns jovens da periferia seriam filósofos?*

Alunos: *Quase nenhum jovem da periferia poderia ter tal capacidade, as dificuldades são muitas, somos limitados, tem gente que nasce com talentos,*

uns são mais inteligentes do que os outros. Além do que, toda essa dificuldade, faz com que, quase ninguém ou ninguém se interesse por ela. Parece ser algo complexo. Aqui as oportunidades são poucas, mas tem umas frases legais dos filósofos, que faz pensar.

Girando em torno da ideia de que a filosofia é algo para os mais talentosos e inteligentes, aqui percebe-se um senso comum que se mistura com a influência das ideias da classe dominante em relação à classe subalterna-periferia. Uma sociedade dividida entre aqueles com e sem talentos. É um senso comum que reforça o papel de uma elite social, mas que também é partilhado pelo próprio jovem da periferia, que também acolheu o ideal, a visão de mundo da classe dominante, de modo acrítico e que acabou sendo introduzido por ele, como verdade absoluta em relação à filosofia.

Professor: *Isso que pensam sobre a filosofia e os jovens da periferia pode ser estabelecido como um preconceito. Não somente aquele que parte de vocês, mas também de uma pequena parte da sociedade, uma elite, que não quer que vocês pensem de forma crítica, não quer que vocês saibam questionar, não quer que estejam conscientes da importância de suas ações para ocorrer mudanças e, assim, transformem o mundo e o construa. Tal elite deseja que fiquem escravos do modo de vida dela, que reproduzam as crenças, os valores, as filosofias, o modo de vida, que ela quer. Dessa forma, essa ideia que fazem da filosofia, por exemplo, foi introduzida automaticamente, sem uma análise e assim, repetida por vocês, sem uma reflexão, é preciso procurar o que está por de traz disso. Assim, como dizem algumas letras de rap: uma classe dominante, a burguesia quer esmagar a periferia, quer dominar. É uma ideia de alguns poucos, que dominam a nossa sociedade, que acham que são os únicos capazes, que possuem grandes talentos, que são os melhores, e os outros, por serem pobres, são incapazes, pois, não possuem nada disso. Que não sabem pensar por si mesmos, devem ser guiados. Vocês são incapazes? O que vocês teriam a dizer sobre tudo que estamos falando?*

Alunos: *Eu acho que todos pensamos, todo mundo pensa. Todos somos capazes. É que não temos muitas oportunidades. Provavelmente essa ideia que trazemos da filosofia estamos repetindo daqueles que querem realmente, que fiquemos assim, a mesma coisa; quando, de tempos em tempos, querem*

tirar a filosofia do ensino médio, como ocorreu há pouco tempo, exatamente por isso: ficaríamos menos críticos sem a filosofia. Seria mais fácil de continuarmos seguindo um sistema. Essa frase que diz, que todos nós somos filósofos(as), quer dizer que, todo mundo pensa.

Professor: Por aí. Todos temos uma opinião sobre algo. Mas, ainda é uma opinião que se mistura com muitas coisas, desorganizadas, acrítica, sem a elaboração de uma crítica, sem um questionamento. Todos somos filósofos, pois nascemos em um mundo pronto e com culturas estabelecidas, da ideia de certo e errado prontas, com ideias e definições das coisas já elaboradas por outros e fomos aceitando tal mundo. Por exemplo, a frase: “Todo trabalho dignifica, traz respeito e produz felicidade ao homem”, essa ideia de trabalho, presente na frase, é verdade?

Alunos: É importante trabalhar, ter o seu sustento, um homem sem trabalho não sobrevive, não consegue nada. Se eu quiser alguma coisa, tenho que trabalhar. O meu pai ficou desempregado um tempo, não conseguia nada, bebia o dia todo quase. Se você não trabalha nessa sociedade, você não faz nada. A maioria trabalha para sobreviver, trabalha o dia todo e aos finais de semana. Existem trabalhos que são melhores do que outros trabalhos. Tem gente que se mata de trabalhar, outros, já nem tanto. Uma pessoa sem trabalho não consegue nada.

Professor: Boa, mas onde está a dignidade, o respeito a vida, nestas realidades? Por exemplo: 4h:45min da madrugada, os metros, os ônibus e ruas lotadas. Principalmente aqui, vocês já devem ter visto isto. O pobre acorda cedo para ir trabalhar, só a ida ao trabalho já é cansativa. Muitas vezes, ele é humilhado. Se o pobre não vai trabalhar, mesmo doente, além de correr o risco de o patrão trocar ele por outro do dia para a noite, ele também não come, não mora, não se diverte. Diferente do rico, que pode acordar cedo por prazer, por estilo de vida, por ser o patrão e ter tal responsabilidade, mas não por questões de pura sobrevivência e escravidão. O trabalhador que se mata de tanto trabalhar e fica cada vez mais endividado e mais pobre e o patrão, o rico, que, não faz quase um porcento do que a maioria dos trabalhadores fazem e, ficam cada vez mais ricos, graças ao esforço da maioria, que é pobre.

Alunos: Não tinha pensado por esse lado, o sentido da frase. Podemos dizer que a grande maioria das pessoas daqui só trabalham para se sustentarem, ter aquele pouco, fazer o churrasco em um fim de semana, na folga. Juntar um dinheiro por muito tempo, para poder fazer uma boa viagem e ainda ter que torcer e correr atrás de promoções. Realmente é uma humilhação os transportes lotados e fedidos. Mas, também, tem gente que gosta muito de trabalhar.

Deveria (sic) ser dividido os lucros, os salários deveriam ser bem melhores, as condições de trabalho, o tempo que se passa trabalhando na vida, alguém que é pobre, é muito desgastante. Veja o jogador de futebol, ganha milhões, para jogar bola. Diga-se de passagem, que jogar bola não é um trabalho e sim, um lazer. Os trabalhadores trabalham muito mais do que eles, os jogadores e os patrões, fazem coisas muito mais urgentes e diretas para a sociedade e as pessoas, chegam no final da vida, sem uma casa, devendo fundos e mundos, passando necessidade, sem uma aposentadoria digna.

Professor: Concordo com vocês. As pessoas gostam de trabalhar ou foram treinadas e condicionadas, forçadas, a gostarem? Por exemplo, será que se você pudesse, você comeria todos os dias a comida aqui da escola? Ou, comemos isso porque é a única que temos e podemos? Gostamos daquilo que podemos? O nosso gosto, de certa maneira é condicionado, com a nossa realidade socioeconômica? Vocês comeriam todos os dias, arroz e feijão, se pudessem, por exemplo, comprar pizzas, Mc Donald's todos os dias?

Alunos: Ou seja, se pudéssemos, teríamos outros gostos, trabalhariámos com outras coisas, no caso, coisas que nos satisfariam, realmente. Com certeza, teríamos outras escolhas, o que faria de nós, pessoas muito mais satisfeitas com a vida, portanto, mais felizes.

Professor: A mesma linha de raciocínio, muitos aqui, se pudessem, fariam medicina, odontologia, seriam viajantes, cientistas, artistas, ou seja, fariam coisas que realmente tem vontade, desejo, e não o que está ao alcance, devido as dificuldades e custos. Imaginem, quantos bons médicos, cientistas, juízes, artistas, não passaram e passam pela vida, sem exercer o seu talento, a sua

vontade. Inclusive muitos de nós. Muitas frustrações vindas daí geram males sociais.

Alunos: É uma questão difícil, mesmo porque a maioria de nós temos (sic) esses sonhos e objetivos, mas, sabemos (sic) o quanto isso é uma exceção em nosso bairro. Daí a importância das bolsas de estudos também e das cotas sociais, raciais. Isso teria que ser mais bem trabalhado, todos deveriam ter o direito de ter o seu sonho ao seu alcance. Sabemos que não é fácil, mas seria bem melhor, se tivéssemos pessoas satisfeitas com a sua vida.

Professor: Não estamos falando de dinheiro, estamos falando da realização pessoal, social, de um todo que poderia ser a sociedade.

Alunos: O dinheiro é importante, mas não é tudo.

Professor: Se você estiver em uma fila, em algum lugar para entrar, qualquer coisa parecida. Se você tiver dinheiro, perceberem que você tem muito dinheiro, não vão tratar você diferente dos outros? Ou qualquer outra situação semelhante. Inclusive, vocês já devem ter presenciado ou passado por isso, né?

Alunos: Isso é muito presente em nossa sociedade. Claro, temos pessoas com dinheiro que não fazem isso, que são humildes, mas, a maioria faz e se utiliza do dinheiro para conseguirem muitas coisas. Muitos jogadores de futebol, cantores, famosos, se casam e namoram por fama e dinheiro, não porque realmente gosta (sic) da pessoa, gosta (sic) do que ela é, do que ela pode dar. Ou você acha que o Neymar é tão bonito assim? Aqui mesmo, na escola, tem um monte de menino, muito mais bonito do que ele e do que muitos famosos. Então, por que as pessoas não namoram com eles daqui?

Professor: Pois é, é o preconceito de classe social, o status, o preconceito do bairro em que a pessoa mora. O dinheiro constrói, manipula, forja as relações sociais, transforma o modo como as pessoas se relacionam umas com as outras, com o trabalho, com a profissão, com a felicidade, com o próprio dinheiro, com a família, entre outras coisas. Precisamos lutar contra isso? Poderiam usar o dinheiro de outras formas?

Alunos: Com certeza, seria bem melhor um mundo, com mais igualdade, com pessoas se respeitando de verdade. Poderíamos usar o dinheiro para melhorar a vida dos mais pobres, por exemplo. Tem muita coisa que deveria ser mudada. Por exemplo, o salário dos políticos: para que um político precisa ganhar tanto e o lixeiro, o policial, o próprio professor, ganhar muito menos? Sendo que estes, além de trabalharem muito mais, estão muito mais à frente da sociedade. Deveria mudar o modo como as pessoas trabalham, os dias, o horário, o salário.

Professor: Vivemos a vida dos outros. Mas, procuramos de fato repensar nossos valores? Nos questionamos sobre a nossa maneira de viver e da sociedade em que estamos inseridos? Como muitos de vocês disseram, na outra aula, a vida: “É lutar para conquistar as coisas, ter o seu carro, a sua casa, o seu lazer, casa de praia, sua moto, é fazer um bom curso, que de dinheiro, o que não é fácil, mas com esforço e força de vontade, se consegue. É ser bem-sucedido”. Diante disso, a vida é possuir bens? Ser bem-sucedido tem a ver com conquistar bens e ter as coisas? Quer dizer, que o índio, o eremita, o hippie, os pobres, as pessoas desapegadas de bens materiais e que vivem em agrovilas, vivem isoladas, em pequenos grupos sociais, sem quase nada de bens, são malsucedidas e, portanto, são infelizes?

Alunos: Cada um tem a sua visão da vida. Existem pessoas que gostam e lutam muito para conquistarem bens, as coisas que hoje possuem na vida. Elas acham isso importante.

Professor: Isso não é a reprodução de vida, da classe dominante, de uma elite rica, e que os pobres vão atrás, sem pensar, questionar, analisar e criticar? Se não, todas as pessoas pobres, seriam infelizes e todas as pessoas ricas, seriam felizes e bem-sucedidas, o que não acontece.

Alunos: Isso não acontece mesmo, dos dois lados, temos pessoas felizes e infelizes, bem-sucedidas e malsucedidas. Existem pobres que dão risada de tudo, está na pior, mas está rindo. E o rico que tem de tudo e só reclama, toma remédio, atrapalha a vida dos outros da própria família, brigam por herança. O ser bem sucedido é algo que não tem que ver com o dinheiro.

Chegamos em um momento, da qual, podemos observar conforme o desenvolvimento das aulas, muitas questões, que os alunos não se davam conta, tal como, a questão da filosofia, de que também e as razões de serem filósofos(as), a questão do trabalho e o processo crítico, a consciência do sentido da frase e o que ela carrega, e a distância do que ela diz para com a realidade vivenciada. A questão do dinheiro, felicidade e ser bem-sucedido, o trabalho e o lazer, o prazer. Percebemos ao desenvolvimento do senso crítico, da análise da realidade, da sociedade, uma mudança das percepções, da maneira de absorver as questões. Por meio do senso comum presente, levantadas as questões, e o processo de mudança das posições dos alunos, opiniões diferentes ao decorrer do processo foram aparecendo e uma nova maneira de interpretação também. Claro, dependendo do processo, em que o professor com as aulas está, ele pode se estender por muitas aulas e diversas questões, mas, ficaremos por aqui por questões de tempo e delimitação do trabalho.

Seguimos para a última questão desta etapa do processo, o processo de desenvolvimento do bom senso, quando – após um exercício de revisão das ideias sobre filosofia, passamos a uma revisão crítica da percepção imediata do que seria a filosofia para o senso comum da turma. A ideia aqui é verificar qual o deslocamento do senso comum para o senso crítico.

Professor: *Bem, após essas nossas aulas⁸ e um contato de vocês com a filosofia, gostaria de retomar a questão: o que é a filosofia para vocês? Mudou alguma coisa?*

Alunos: *Eu pensava que iríamos falar de coisas difíceis, complicadas, teorias que ninguém entende, que seriam apenas frases, para pensarmos. Que falaríamos sobre qualquer coisa. Mas, percebi que a filosofia tem a ver com coisas da realidade. Questionarmos algo que todos podemos entender e pensar, foi uma quebra daquilo que pensávamos ser. Que tem um raciocínio, que faz desenvolver nossas opiniões. Que fala o que vivemos e abre espaço para filosofarmos também. Todos somos filósofos, isso foi o que mais gostei, estamos todos inseridos, mesmo que não saibamos, em filosofias ou filosofia, mas, agora, temos esse entendimento, temos uma consciência que antes não tínhamos. Acreditávamos nas coisas sem questionar ou criticar, sem perguntar.*

⁸ Total de 10 - 12 aulas.

Repetíamos e acreditávamos em frases, ideias, crenças e não questionávamos, para saber o porquê. Temos essa noção agora, somos filósofos(as), e temos que continuar sempre assim, desenvolvendo um senso crítico.

Por essa etapa do processo, notamos a passagem do senso comum para o senso crítico, uma nova postura e leitura do mundo partindo dos alunos. Percebe-se a mudança de critérios dos alunos, uma consciência que antes não assimilavam, as contradições das frases em relação a realidade, a história, a sociedade etc., dessa forma, organizando e conseguindo elaborar novas opiniões e percepções. Um exemplo, é a postura consciente e crítica das razões de todos e todas serem considerados filósofos(as), o embate contraditório em relação ao ideal por traz do trabalho e a análise da realidade vivida e percebida por eles, apresenta um novo senso, que, partiu da crítica e análise da própria realidade vivida e presenciada por eles, na periferia.

324.3 – O processo de desenvolvimento do bom senso

Após um movimento de reconhecimento e intervenção sobre o senso crítico dos estudantes a respeito da própria matéria da filosofia, passamos a aprimorar o movimento seguinte, a caminho do que Gramsci (*apud* COUTINHO; 2011, p. 128-146)): denominaria “bom senso”. Nessa etapa, portanto, o professor busca fazer com que os alunos, exponham um senso comum modificado, um bom senso, algo mais bem organizado, crítico e consciente do processo filosófico.

Professor: *A filosofia é descartável? Vocês acham que não deveriam ter filosofia? Ela é algo inútil?*

Alunos: *Agora temos outra visão da filosofia, ela tem a ver com as coisas da vida, com a realidade. A maioria de nós tínhamos (sic) outras visões dela, mas, como discutimos, os motivos de alguns não querem que ela faça sentido para nós, nos querem longe mesmo. Daí a importância, de termos aulas de filosofia no Ensino Médio. Ela é muito útil, nos faz questionar o mundo, as coisas. Eu sempre aprendi, que era pecado questionar a Deus, a religião, a igreja, o que*

está escrito na Bíblia, e com a filosofia, aprendi a buscar um maior questionamento e crítica, com argumentos, o que me fez mudar de opinião sobre muitas coisas. Hoje percebo a visão que tínhamos da filosofia e dos filósofos, um preconceito mesmo. E, em relação ao preconceito, a grande maioria de nós achávamos (sic) que preconceito seria apenas de cor, bairro, classe social, modo de se vestir, opção sexual etc. O preconceito pode ser algo social, que vem com a história, vamos repetindo visões e opiniões. Repetimos modos de ser e não percebemos este processo. E devemos lutar contra isso, devemos lutar para podermos ser o que queremos. Na verdade, deveríamos ter filosofia, desde antes, não sei por que não temos. Aliás, hoje desconfio do porquê. Como em algumas aulas passadas, falávamos sobre as faculdades, os cursos universitários etc. Acho até que ela deveria estar em todos os cursos de faculdade, em um ou outro ano, por exemplo.

Professor: Existe preconceito na periferia?

Alunos: Existe sim, alguns podem achar que não, mas existe. Existe de negro contra negro, de pobre contra pobre. Até de mulher daqui que se garante nos caras daqui, e humilham outras meninas e meninos. Pessoas daqui do bairro, que querem mostrar uma coisa, mas não são aquilo que elas mostram porque tem vergonha de serem daqui, ostentam nas redes sociais, só para fazer inveja ao outro. Gostam de contar vantagem sobre os outros. Falam em respeito, mas não respeitam nem o sono alheio. Nem o conhecimento, a busca pelo conhecimento. Veja, aqui mesmo na sala, alguns que só atrapalham, fazem de propósito, não tem consciência. Não respeitam a maioria, que quer estudar. O preconceito está em todo o lugar.

Professor: Eu também percebo isso, escuto reclamações de professores também. Além de morar no bairro também. Falta união, consciência de que estamos na mesma, que somos daqui da periferia e temos que estar organizados. Pois, a classe dominante, a elite, ela é muito bem organizada. O que podemos fazer para melhorar essas coisas, tanto aqui na nossa escola, como em nossas vidas, no lugar onde vivemos, o que podemos fazer? Fazemos parte da mesma classe, somos e vivemos na periferia.

Alunos: As pessoas precisam ter consciência, a maioria aqui busca isso, tem essa visão. Mas existe o medo de enfrentar. Muitos ameaçam. Quem tem coragem de enfrentar tudo isso? Por exemplo, aqui na sala, tem um ou outro que atrapalham (sic), eles sabem que atrapalham. Mas, quem vai bater de frente? O certo deveria sermos organizados mesmo, as oportunidades para nós, lá fora, já são difíceis. E ainda, se não nos esforçarmos, fica mais difícil ainda. É como diz a música do Racionais, que debatemos a letra⁹, ou seja, temos que ser 5 vezes melhores.

Professor: E se organizarem-se, movimentos do bairro, na escola, procurando se unirem para irem contra essas questões?

Alunos: Existem alguns grupos que tentam fazer isso, tem movimentos das igrejas, das ONGs, mas é pouco e muita coisa acontece e fica escondida, não é fácil de se mexer. Teria que ser todo mundo unido e enfrentar juntos, ou seja, buscar lutar para resolver as coisas, todo mundo junto. O problema também, são as drogas: o cara trabalha na biqueira¹⁰ e ganha mais do que a maioria daqui. O jovem daqui acaba não tendo muitas escolhas. Pega o caminho mais fácil. Então, ele pensa: para que estudar? Além do quê, os bons exemplos são poucos aonde (sic) moramos. O que fica mais difícil, muitos nunca tiveram nem uma referência, a referência mais próxima foi o tráfico. O pior é que a maioria sabe disso, busca tentar sair dessa vida, ou, como muitos que sabemos por aí, acabam se arrependendo lá na frente, mas, na maioria dos casos, não conseguem mais sair dessa vida.

Professor: E por que entram nessa vida?

Alunos: Além do que já falamos, falta também: organização, empatia. Muitos se ajudam aqui. Existem diversas instituições no bairro que colaboraram, os projetos e tal. Existem os problemas de desigualdade social, que são grandes no Brasil. Aqui, a vida para o rico é muito mais fácil, em todos os sentidos, o pobre, que vive na periferia, até para se divertir é difícil. Por isso também,

⁹ A letra da música foi usada no início de uma aula, por meio da qual, fizemos uma análise crítica da mensagem da letra em relação aos problemas sociais, culturais e históricos da nossa sociedade.

¹⁰ Local de venda de drogas

a facilidade das drogas, do álcool, de bailes regados de drogas e onde, muitas vezes, acabam terminando em confusão, brigas, rivalidades e mortes. Isso quando a polícia não invade e espanca quem puder. Existem muitas dificuldades aqui. Tem muita coisa boa, muita gente que se superou e serve de lição, muita luta. Tem uma vizinha minha, que o marido está preso, ela tem 3 filhos, ela trabalha em dois empregos, está sempre de bom humor e sempre diz para estudarmos e aproveitarmos. Diz que o marido errou, e que, tanto ele como ela, não tiveram muitas oportunidades na vida e as poucas que tiveram, não deram certo, o que fez ele ir para o crime, mas, que ele se arrependia muito da escolha que fez.

Professor: *Por que ele escolheu o crime e ela não?*

Aluno: *É mais fácil o homem ter essa decisão. Acho que a facilidade é maior e as companhias são diferentes. Aqui tem muito mais homens no crime do que mulheres. Acho que nem é apenas uma escolha, são várias coisas juntas, as dificuldades, a desigualdade, o momento também, a necessidade em alguns casos. A falta de oportunidade. O jeito da pessoa também, tem gente que parece que gosta disso.*

Professor: *Como poderia evitar tais realidades, o que pode ser feito?*

Aluno: *Bom, pode-se melhorar as oportunidades para os pobres, os empregos, as Universidades podem ficar mais acessíveis, os aluguéis mais baratos e melhores condições para morar e viver. Poderiam investir muito mais nas periferias. Os políticos só olham para cá, quando querem voto. Já estamos até acostumados com isso.*

Professor: *Quantos aqui querem cursar medicina? Ou outro curso de alto custo? E não podem fazer o curso, porque o dinheiro não permite, é questão de querer ou, não é?*

Aluno: *Muitos de nós temos esse sonho, e que não poderemos realizar, devido às dificuldades financeiras. Se tivéssemos nascido (sic) ricos, as coisas seriam diferentes.*

Professor: Se o filho da classe dominante, tivesse nascido e vivesse na realidade em que vocês nasceram e vivem. Eles conseguiram o que eles conseguem, na realidade deles? Vocês, se estivessem nascidos no lugar deles, conseguiram, mais facilmente, o que querem na realidade de vocês hoje?

Alunos: Com certeza seria mais fácil, aliás, bem mais fácil. Como diz a música dos Racionais “a vida é desafio”, aqui é mil vezes mais difícil. Com toda a dificuldade daqui, ainda, muitos se superam. Imagina se tivesse condições. E o filho da classe dominante, aqui, passaria pelo que nós passamos, teria a mesmas condições que nós. Ninguém é melhor que ninguém, somos diferentes e temos diferentes oportunidades e essas oportunidades, uns poucos têm mais do que a grande maioria. Como vamos estudar integralmente, ter que comprar material, se manter de modo geral? Impossível para nós. Se acontece, é com um ou outro, é coisa rara. Temos as cotas, o que ajudou e ajuda muita gente, mas é pouco. Precisa de mais coisas para melhorar as condições. Vemos a desigualdade aí também, pois, para o filho do rico é muito simples. Agora, para nós, é muito complicado.

Professor: O que ajudaria a melhorar?

Alunos: Muitas coisas: poderiam diminuir os salários dos políticos, de modo geral, dos juízes; tirar os cargos de gente ali, que só aproveita; ter uma condenação mais justa e firme para crimes, como estupro, pedofilia, essas corrupções; melhorar as escolas, o ensino, ajudar o pobre a fazer um bom curso. Muitas outras coisas.

Professor: As Universidades deveriam ser públicas ou privadas?

Aluno: Com certeza. Se fossem públicas, aí as pessoas fariam o que realmente gostassem (sic) ou outra coisa. Ou se fossem todas pagas, com um valor muito acessível.

Professor: E vocês acham que, com isso que falaram, se todos pudessem ter condições de acesso, por exemplo, os crimes, a violência, muitas coisas ruins que acontecem, diminuiriam? E por quê?

Alunos: Provavelmente sim. As pessoas estariam mais satisfeitas com as suas vidas, existiria mais igualdade. Infelizmente a desigualdade existe e ela causa muitos problemas. Como discutimos em outras aulas, muitos males sociais vêm dessa insatisfação.

Professor: Somos todos iguais de fato?

Alunos: Sim, somos todos seres humanos, sentimos as mesmas coisas.

Professor: Sim, mas somos iguais no sentido social e histórico, ou seja, temos as mesmas condições, as oportunidades são iguais? Por exemplo, os principais vestibulares para medicina por exemplo, o sistema de avaliação, a Fuvest, entre outros, são igualitários? Só pelo fato de você ter terminado o Ensino Médio, assim, como o filho da elite, e dessa forma, ter o direito de poder fazer, significa igualdade? Ou seja, só porque se tem essa regra comum a todos, já é o suficiente, para resolver os problemas de oportunidades iguais e justas? Isso faz desse processo, algo justo para todos? Ou é igual enquanto é semelhante para alguns, dentre aqueles que tiveram as mesmas oportunidades. E é totalmente desigual para o restante?

Alunos: Até porque, pensando melhor sobre isso, e sobre tudo que estamos discutindo nas aulas. Passam somente aqueles que fizeram cursinho, quantos de nós podem fazer um bom cursinho e uma boa escola? Essas escolas, dos ricos, treinam seus alunos desde cedo, para que eles possam passar com certa facilidade nesses cursos. A maioria não precisa trabalhar. Caso precisem de professor particular, contratam. Possuem um quarto somente para estudarem, tranquilos, sem barulho, sem terem que ajudar em casa. Bem diferente de nossa realidade. Aqui não é assim, são os cachorros latindo, as brigas dos vizinhos e na rua, é a polícia entrando na sua sala, é o baile, o som alto, a escuridão, a falta de ambiente, a falta de espaço, a gritaria dentro de casa. Essa prova de vestibular, só seria justa, se fosse diferente para nós, ou, a nossa situação geral, fosse a mesma do filho da elite.

Professor: Estamos falando de dinheiro? De querer ter as coisas, de ostentação, ou, de realização social, pessoal, um bem em poder viver em uma sociedade mais justa e igualitária? Do que estamos falando?

Alunos: É a realização pessoal e social, de todos. Todos merecemos, não é só uma parte da sociedade, como vimos anteriormente¹¹, apenas uma classe dominante, uma pequena parte da sociedade possui acesso a muitas coisas de boa qualidade e, que deveriam estar disponibilizadas para todos. O que vimos, conjuntamente com as outras disciplinas, também, isso é algo histórico, que já vem de muito tempo, são pessoas com poder e muito dinheiro, posses, que sempre estiveram nesse nível e a maioria sempre em níveis inferiores. O dinheiro seria consequência, até porque, talvez as pessoas nem ligariam muito nisso. Teríamos uma sociedade com outros tipos de problemas, mas, muitos problemas, seriam diminuídos.

Após esse bloco de aulas e essa experiência, apresentamos um outro processo. Diante desse conjunto de questões, reapresento a premissa gramsciana, desta vez, tal como foi escrita: “todos os homens são filósofos”. Após isso, é dito aos alunos, qual o sentido que o filósofo deu para a frase. Com o intuito de melhor explicar e analisar a situação e as questões, e o que se pode levantar diante disto.

Professor: Depois de algumas respostas e de procurar explicar de onde vem esta frase, faço alguns comentários e provocações: “Vamos lá, o filósofo está afirmado que todo mundo é filósofo(a). Isso quer dizer que todo mundo tem uma opinião sobre algo, mesmo que não se dê conta disso, inclusive, mesmo que não exponha o seu pensamento verbalmente, o que já vimos anteriormente; e que todos nós possuímos uma espontaneidade. Tipo, uma opinião que é automática, onde você não refletiu e não se questionou, você repete as coisas que sempre fez, ouviu etc.”

Faço uma intervenção com os alunos, perguntando-lhes: quem já sofreu alguma situação de racismo, bullying, homofobia, preconceito?

Alunos: Preconceito em relação aos pobres, com as pessoas que moram nas periferias, com os "rolezinhos" nos shopping centers, a questão das drogas, por

¹¹ Este momento é referente ao tema das aulas, tanto a aula anterior, como a aula presente.

exemplo, o usuário de drogas que é pobre, é visto como um Nônia, um malandro. Já o usuário que é rico, já é visto como um usuário que usa para se divertir, para pensar, até nisto, vemos a divisão, que falávamos em outras aulas e discussões.

As respostas dos estudantes afirmam tais situações, e o professor continua com as questões. Muitos elementos surgem daí. Como por exemplo: Os alunos citam outros casos, do que já passaram e passam, inclusive dentro da própria sala de aula, da escola. Um senso comum presente ali e utilizado. Dessa forma, a aula vai tomando uma proporção e vai estabelecendo diálogo com a realidade, a partir dela junto à vida concreta dos alunos e do professor. Surge dessa forma uma consciência sobre o preconceito ser comum a todos ali, de alguma forma. Inclusive porque todos moramos em uma periferia. Estas questões vão levando à tal consciência de pertencimento. Ocorre uma percepção dessa realidade comum. Aqui percebemos o espontaneísmo, um senso comum sobre a violência que alguns praticavam e que se estabelecia no meio deles, como absoluta. Em contrapartida a essa apresentação das cenas de violência e preconceito do cotidiano, surge a elaboração de um senso crítico gerando uma crítica e uma consciência ativa por parte dos alunos, questionando tais fatos da realidade, o que foi levado a uma realidade comum. Com efeito, cria-se um senso comum, um bom senso, algo que foi conscientemente questionado, criticado e transformado.

Professor: *Jovens, tais situações que passam ou passaram... essa situação foi legal? E como era ou é passar por aquilo?*

Diante das respostas, a grande maioria acaba afirmando que é algo muito ruim e pesado de se passar ou ver alguém passando. Digo a grande maioria e não a totalidade, porque, por uma experiência de aula, ocorreu um caso de alguns alunos que faziam *bullying*¹² com outros colegas e, que, veio à tona naquele momento. Algo

¹²Aproveitei o tema para outra ocasião. Fizemos posteriormente uma encenação: foi montado um júri com a questão do bullying como um caso. Cada aluno ficou com um papel, interpretaram o juiz, o promotor, as vítimas etc. Montou-se um julgamento de alunos que cometiam bullying. Durante a atividade, alunos interpretando as vítimas do caso relatavam a o que acontecia com eles. Além disso,

que veio a ser discutido e criticado pelos demais alunos: ocorreram discussões entre eles, mas, se chegou a uma consciência por parte dos que cometiam o bullying.

Muitos achavam que era normal o bullying, achavam que não afetava tanto as pessoas e que era um modo de se sentir superior em relação ao outro. O que deu espaço para outros alunos questionarem o colega que tem tais defesas e entrarem em debate e darem exemplos concretos do mal causado por atitudes assim. Aqui temos o senso comum entre eles, os fatos da realidade vivida por eles, o questionamento desse senso comum dos que praticavam o *bullying* e, em seguida, o desenvolvimento da crítica e a mudança de senso comum desses alunos.

O que acabou trazendo à tona uma reflexão sobre essas questões de violência e fez com que muitos ali mudassem o seu ponto de vista. Aquela realidade vivida pelos que sofriam a violência, questionando aqueles que praticavam, fez com que eles se conscientizassem e saíssem daquele senso comum acrítico. Um bom senso. Uma mudança de atitude, novas relações com aquela cultura violenta e opressora.

Após o momento introdutório, coloquei na lousa a seguinte frase, tirada de uma música de Caetano Veloso: “Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é”¹³. Foi pedido aos alunos, em um primeiro momento, na primeira atividade, que escrevessem no caderno, o que a frase dizia para eles. As respostas dos alunos, resumo na seguinte fórmula: “*Cada um sabe o que é tentar ou ser o que na verdade é, que isso é difícil em nossa sociedade, que está cheia de padrões.*”

Depois de mostrar, de modo geral, as respostas dos alunos, passo a coletar, novamente, o senso comum deles sobre a filosofia. Provoco-lhes, baseando-se nas respostas dos alunos e partindo delas. O que percebemos nesta resposta, a partir de uma perspectiva gramsciana, é o grão de bom senso presente no senso comum. Então, faço o seguinte questionamento: Toda a nossa reflexão, as discussões, o que vocês escreveram sobre a frase, tem relação com as respostas que vocês deram, sobre a filosofia na primeira questão? As respostas não são, também, um certo tipo

ocorreu um caso, de um aluno estar fazendo o papel de acusado e, durante as narrativas, acabar pedindo desculpas pelas vezes que praticava tais atos com um colega da sala, que participava como júri popular.

¹³ Trecho da canção “Dom de Iludir”, de Caetano Veloso.

de preconceito em relação a filosofia, ao filósofo (a)? Com efeito, destacamos nesse momento, um preconceito sobre a filosofia e, que, por um lado tem influência do senso comum produzido pela classe dominante, do próprio preconceito da classe dominante em relação à filosofia, por não terem nela algo útil para o seu sistema econômico e, que, muito dessa concepção é assimilado acriticamente pelos alunos da periferia.

A partir dessa apresentação, foi pedido, que relacionassem a mensagem da frase e o que tinham interpretado dela, com algum tipo de preconceito.

Como atividade final, foi pedido aos alunos, que fizessem um texto, analisando cada atividade e os acontecimentos durante estas atividades, destacando a reflexão de cada aluno sobre os assuntos. Sem entrar nesses resultados de maneira direta, ressaltamos que toda a atividade e a intencionalidade dessa primeira sequência didática foi buscar as opiniões sobre a filosofia, relacionar com preconceitos diversos, inclusive os que viviam. Provocar a reflexão, sair de um senso comum utilizado como meio, que através das discussões e exemplos reais elaborados a partir da realidade vivida por muitos; fizessem a crítica, a análise e, fomentando o senso crítico e, questionando, debaterem em busca da construção do bom senso.

3244 Aula dois: Um questionário filosófico

Nessa parte do processo, a proposta é deixar o conhecimento, a opinião dos alunos se manifestarem em relação a determinados assuntos. Foi entregue um questionário aos alunos, a partir de questões da filosofia (e não mais sobre concepções de filosofia, como antes) e, de modo similar ao processo anterior, viabilizar no grupo a manifestação de diversas opiniões sobre os assuntos elencados. Após esse momento, será pedido aos alunos, que escrevam suas respostas. Essa atividade tem o objetivo de levar o aluno a perceber e refletir sobre as diversas influências recebidas pelo mundo em que vive, desde o seu nascimento. E entender melhor, o processo, que faz com que, todos sejamos filósofos. Em busca da saída de um senso comum acrítico.

Questões:

- a) O que você entende por cultura?
- b) O que é a felicidade para você?
- c) O que é o mundo para você?
- d) Por que existem lugares, regiões, com leis diferentes umas das outras?
- e) Você nasceu em um mundo que já tinha tudo isso. De que maneira esse mundo lhe influenciou? Dê exemplos:

Nesta atividade, é realizado um momento de reflexões e discussões conjunta. Após ampla discussão, provoco-lhes com a seguinte questão: *vocês escolheram a cultura, os hábitos, a língua, os valores em geral, a religião etc., que foram inseridos ao nascerem?*

Alunos: *Cultura é aquilo que fazemos pelos costumes que herdamos.*

Felicidade: cada um tem a sua e é um momento de prazer que se tem.

Felicidade é se dar bem na vida, conquistar as coisas, ter as suas próprias coisas, poder comprar, viajar para onde quiser, ser bem-sucedido. O mundo é onde vivemos, as vezes ele é ruim, as vezes ele é bom. As leis são diferentes, cada lugar tem as suas próprias regras. Já nascemos em um mundo que possui tudo isso. O mundo me influencia a seguir a vida, na sociedade, na maneira de ser que está aí. A escola é um exemplo, a religião, os valores, as leis, o modo de viver etc.

Após tais discussões, partindo dessas respostas dos alunos, pergunto-lhes se todos esses elementos podem ser modificados, se essas influências podem ser alteradas por nós. Provoco-lhes a semente de bom senso, citada pelo filósofo Gramsci, em busca da construção do senso crítico. E as discussões ocorrem nesse campo. Com o passar das aulas, é percebido pelo professor, a mudança, a organização, uma reflexão mais apurada de muitas concepções sobre a realidade, que os alunos traziam. Nestas discussões, o professor provoca-lhes com questões a partir da realidade, como: *se pudesse ter escolhido nascer em outro lugar, escolheriam? Se concordavam com todas as leis, só porque são leis. Se a lei é boa, seria para quem? Se ser bem sucedido é ter uma casa, um carro, ter dinheiro? Se a felicidade*

estava ligada com essas coisas; e, se sim, como muitos deles afirmaram e defendem, então, todos os pobres seriam tristes? E os índios?

A partir dessas questões, peço-lhes que elaborem um texto, apresentando o que, segundo eles, de todas essas influências que mencionaram acima, caso pudessem escolher, quais delas não concordam, não gostam e por quais motivos. Neste exercício, grande parte dos alunos traz uma análise das influências, dentre as quais: as religiões, as leis, a sociedade, o modo de vida, o lugar que vivem etc.

Assim, o professor consegue perceber um movimento, uma ação crítica, uma consciência diferente. Pois muitos trazem, como algo certo, que nem religião teriam, caso não tivessem a influência da mãe, do pai. Muitos viveriam em outros lugares, assim como trazem a discordância de leis e a concordância de outras. Neste distanciamento com a realidade cotidiana e suas práticas e costumes, o professor percebe esse movimento, que se torna mais consciente em relação às influências recebidas acriticamente, bem como uma abertura para a possibilidade de modificá-las.

32.4.5 Aula três: Desenvolvendo o senso crítico

Essa parte do processo tem como objetivo levar o aluno, a refletir mais sobre todas as influências e, desenvolver mais um senso crítico, apontar os pontos negativos e positivos das diversas influências recebidas. Fazer uma análise. O objetivo passa a ser atuar sobre o senso comum do aluno com um maior valor crítico, analítico e consciente. Com o objetivo de levar o aluno a ter consciência, que é sujeito da história, sujeito de uma nova cultura, de uma nova e diferente ação. Que o mundo é um produto da ação humana. E somos produtos da ação de outros homens, de outros mundos. Nessa aula, portanto, desenvolvemos discussões mais aprofundadas de modo a levar o aluno a organizar uma crítica.

A proposta da atividade visa o seguinte: o aluno deve, após um debate, escrever um texto com os pontos negativos e positivos em relação com as aulas e os assuntos tratados, que, ele percebe, agora após as discussões e críticas em torno dos temas elencados nas aulas anteriores, o desenvolvimento da escrita, das falas. Dessa maneira, por meio das atividades, os alunos devem entender com um maior senso crítico, os pressupostos de todos serem considerados filósofos.

Portanto, essa etapa tem como objetivo levar o aluno a entender a razão de todas as pessoas serem consideradas filósofas, com o intento de fazer com que o aluno tenha uma maior consciência, em relação, ao fato deles, também, serem filósofos (as): afinal, eles pensam, agem, transformam a natureza, produzem cultura e visões de mundo, possuem opiniões diversas sobre as coisas. Decerto, eles participam de alguma concepção de mundo, sabendo ou não disto. E, sobretudo, a opinião deles sobre a cultura, a ideia de bem, a religião, as crenças populares, etc., está contida em uma filosofia, da qual, é passada de geração para geração sem uma crítica, uma reflexão, uma mudança das relações estabelecidas, crenças de todos os tipos, que permanecem .

Novamente, nesse diálogo com os alunos, coleta-se o senso comum da turma sobre a filosofia, em que se percebe que as respostas ainda se assemelham com a respostas da primeira aula. Um senso comum disperso, mas ao mesmo tempo, tem em si, um senso comum que é presente nos alunos. A sua visão das coisas, o senso comum, que, possui sementes de bom senso.

Mostrar aos alunos que existe um preconceito em relação a filosofia, que vem de um tipo de senso comum reproduzido, automaticamente, por muitas pessoas, sem uma crítica, uma análise, que, deveria ocorrer, dessa forma, uma opinião mais apurada. O professor deve fazer os alunos entenderem, que a filosofia faz parte e está presente em todos nós, em todo os lugares, inclusive nessa postura preconceituosa sobre a filosofia. A ideia de retornar ao mesmo tema, é em um tempo diferente, em outras aulas, isto é feito para verificar uma possível nova postura dos alunos em relação a várias questões tratadas anteriormente, e se ocorrem relações entre os conceitos e as ideias trabalhadas, tais como, a relação do preconceito a filosofia e o preconceito entre as classes sociais, entre o rico e o pobre, o branco que vive na periferia e o negro que também vive no mesmo espaço social, para que possa ser analisado o que e como os alunos elaboram suas análises e suas opiniões.

Mas ela opera não apenas por palavras soltas ao vento, mas pela interpretação delas. Volta-se a ideia da primeira aula, porém, propondo aos alunos, a interpretação mais apurada, com outras respostas e possibilidades, dessa forma, organizando conscientemente um novo senso comum, bom senso:

Professor: *Todas as pessoas, todos os alunos (as) são filósofos (as). Em geral, segue a interpretação dos alunos: “todos pensamos algo”. Pergunto-lhes,*

então: Por que alguns governos não gostam e não querem a presença da filosofia na escola?

Aqui realizamos uma reflexão sobre a capacidade crítica da filosofia, segundo minha provocação: “Vocês, por exemplo, vão pela opinião do que ouvem falar sobre uma pessoa ou vocês buscam conhecer e tirar as suas próprias conclusões? Então, passam a evitar essas pessoas ou fazem de uma outra maneira? A resposta dos alunos é a de que “costumam ir muito pelo que os outros falam”.

A partir disso, proponho-lhes o seguinte exercício:

- a) *relacionem as primeiras aulas, o que foi discutido: a questão dos muitos tipos de preconceito e se em suas respostas, sobre a filosofia, se também, diante das respostas que deram sobre a filosofia, não é algum tipo de preconceito?*
- b) *relacionem os assuntos tratados em todas as aulas, as questões que debatemos, os exemplos, com a frase desta aula.*

a) *Frase utilizada:* “Todas as pessoas, todos os alunos (as) são filósofos (as)”.

Reapresento aos alunos, de maneira dialogada, toda a questão. Baseado nas respostas anteriores e nas que a turma redigiu, demonstro para a turma que, de alguma maneira, somos todos, influenciados pelo mundo que vivemos e que influenciamos também. Temos ideias sobre as coisas, pensamos, temos opiniões como foi demonstrado por meio das atividades: temos crenças, religião, visões de mundo, estamos inseridos em alguma cultura e em um mundo. E que por tudo isso, somos todos filósofos (as). Todos pensamos, mas pensamos acriticamente, sem reflexão, o que nos faz receber o mundo automaticamente, pois, temos toda essa rede de influências. Assim, todos temos uma filosofia que é espontânea, específica, própria de cada um e ao mesmo tempo misturada com outras. Temos um conhecimento sobre o mundo, conhecemos através das experiências vividas, temos um senso da realidade, da política, do bem, trazemos as crenças, filosofias passadas e presentes etc.

Aluna: Um outro texto¹⁴: “A filosofia é o questionamento de todas as coisas. Não existe alguém que nunca tenha questionado algo, seja com alguém, sozinho ou até mentalmente”. Ao analisarmos esse texto, percebemos uma postura crítica da aluna. Ao mencionar ser a filosofia um questionamento de todas as coisas, ela comprehende o fato de todos se perguntarem sobre algo. E buscarmos respostas de diferentes formas.

Trabalhamos o desenvolvimento do senso crítico dos alunos, partindo de diferentes questões e procurando relações de diálogo com as diferentes realidades vivenciadas e percebidas pelos alunos, diante do mundo. Assim, na próxima aula, trabalharemos com os diferentes tipos de ditados populares, identificando o que opera por traz dessas crenças, buscando fazer uma análise e organizar um novo senso comum.

324.6 Aula quatro: Um senso comum presente nos ditados populares

Após inseri-los na concepção gramsciana de que eles(as) também são filósofos(as), iniciamos um novo processo. O objetivo desta etapa é fazer com que o aluno, perceba, por meio de ditados populares, dizeres, crenças etc., que, muitas destas ideias que as pessoas tomam como verdades estabelecidas, não são. Com o intuito de fazê-los perceber, que, tais concepções, sofrem influências de diversas ordens. É demonstrar esse senso sobre o mundo, a vida, que cada um temos.

Realizamos a seguinte atividade: frases do saber popular são apresentadas para a turma. Nesta tabela, seguimos com as frases e as respostas dos alunos:

Frases Propostas pelo Professor	Respostas de Alunos(as)
<i>Deus ajuda quem cedo madruga</i>	<i>é preciso se esforçar para conseguir algo; que o pobre, muitas vezes, está em tal condição porque não se esforçou; é preciso acreditar que Deus vai ajudar.</i> <i>(presença de um senso comum,</i>

¹⁴ Texto produzido pelo aluno em aula.

	associando a pobreza com preguiça, falta de esforço. E a espera em um Deus que virá resolver seus problemas e transformar a sua difícil realidade).
<i>O trabalho dignifica o homem</i>	<i>o trabalho traz respeito, a pessoa que trabalha não é preguiçosa, ela vai atrás.</i> (nem todo trabalho traz respeito)
<i>O sol nasce e se põe em que local?</i>	<i>ele nasce no Leste e se põe no Oeste, nasce no Sul e se põe no Norte</i>
<i>Querer é poder.</i>	<i>você tem que querer, tem que pensar positivo, uma hora você vai conseguir, você quer algo, você pode, se esforce.</i> (senso comum)

Após a leitura das respostas em voz alta, faz-se um breve debate em torno delas. Depois, provoco-lhes da seguinte maneira: Se Deus ajuda quem cedo madruga, porque a imensa maioria das pessoas acordam de madrugada, enfrentam metrô lotado, ônibus lotado, trânsito, enfrentam sol, chuva, violência, humilhações etc. Essa frase não é contraditória? A realidade não é outra? Sendo assim, como Deus ajuda quem cedo madruga, se a grande maioria, acorda de madrugada e nada melhora. O rico acorda cedo porque quer, por costume. É diferente do pobre que, se não acordar cedo, perde o emprego, não paga o aluguel etc. Após questionamentos e análises sobre os argumentos e sobre a realidade, as opiniões ficam mais organizadas e os alunos conseguem responder a mesma questão, com um senso crítico, julgando algo, que antes não percebia.

Após essa reflexão com os alunos, é feita uma outra atividade. É solicitado que os alunos produzam uma resposta a tais questões, observando se ocorreu alguma mudança em sua opinião, em sua reinterpretação. O que ocorre, é uma mudança de interpretação, os alunos emitem outras respostas, com uma maior crítica social em relação à questão, uma melhor análise sobre a realidade.

Em cada pergunta do exercício proposto ocorre o mesmo processo: o professor segue com a mesma intencionalidade, que é fazer com que o aluno mude a sua percepção

filosófica, através da crítica, do questionamento. Como consequência, espera-se que produza no aluno o “espanto¹⁵”, que faça ele perceber e ter uma consciência mais apurada, que ele perceba esse movimento, da sua opinião, da sua filosofia espontânea a um senso crítico dos problemas do mundo, das ações e atitudes para a sua transformação etc.

Na próxima aula usaremos letras de música, poema, entre outros, levando o professor a entender a visão que o aluno tem do espaço em que está inserido e, verificar como o aluno percebe a sua realidade através da arte, da música, se nestes meios existe o encontro e o reconhecimento de um sentido comum, um senso comum a todos, que o levam a identificar-se com a mensagem da letra e a tradução da realidade que vivem. Se é possível utilizar-se da música como instrumento de crítica e elaboração filosófica do senso comum.

3.2.4.7 Aula cinco¹⁶: Um senso comum através da música.

Conforme indicamos antes, nesta etapa é solicitado aos alunos que identifiquem uma letra de música ou poema com a sua vivência no bairro. Essa atividade tem o objetivo de coletar a sua visão do bairro, da periferia, por meio da arte, da música. Sendo assim, é solicitado aos alunos que busquem uma letra de música ou poema, o qual se assemelhe com a visão deles sobre o Campo Limpo, de modo a descrever o lugar que mora. As letras das músicas que eles trouxeram, em sua maioria, são de grupos, bandas de rap¹⁷, sobre as quais tecerei alguns comentários.

As atividades, de alguns alunos foram lidas, algumas letras foram utilizadas para aula. Trago aqui um exemplo:

Trilha sonora do gueto - (o crime não compensa): “A moda nas quebrada era ser função, usava sem maldade a gíria do ladrão”.

¹⁵ Uma mudança de direção, perceber o que antes não percebia. Elaboração, organização consciente da crítica ao senso comum, as verdades estabelecidas.

¹⁶ Assumiremos aqui apenas uma análise com o primeiro dito popular. A aula seguinte a essa sequência (Aulas 6) aprofunda o sentido original desta aula, a saber: uma operação crítica sobre o senso comum mediante frases do dito popular. Deste modo, seguiremos da aula 5 para a aula 7, quando um novo material é introduzido.

¹⁷ Além da que exemplifico, também trouxeram: “Filosofia” (Noel Rosa), “Estou cansado de ser pobre e até pior, eu sou negro” (Tupac- Changes), Racionais, Favela sinistra – Trilha sonora do gueto, Criolo – Boca de Lobo, Favela Vive 3.

Essa frase foi destacada pelo aluno e colocada na lousa para discussão. O aluno fez uma reflexão durante o debate e que se tornou o ponto de partida da aula.

Diz o aluno: “Isso reflete, aqui no Campo Limpo. Onde todo mundo quer ser ladrão, por olhar isso bonito e muitos fazem de tudo, para imitá-los.” O que gerou uma discussão sobre diversas questões do bairro, questões sociais, políticas. As meninas que só querem os “malandros”, os caras que moram na favela, querem andar de carro zero, gastam muito dinheiro para colocar som no carro para ir nos bailes, mas não se importam em ajudar a própria família, a falta de oportunidade para os pobres, e por isso, esse seria um caminho para ascensão social, a falta de exemplos, não tem ninguém para se espelhar, a dificuldade de fazer uma boa faculdade e ter que trabalhar para se manter etc.

A partir da letra, provocou-se um senso comum presente no aluno, utilizado para as aulas, ocorrendo debates em torno do que é ser malandro, das relações de poder existentes nas periferias e o assédio às mulheres, o machismo e o feminismo, o status que ser “bandido” traz na periferia e porquê. A violência como moda, as meninas que são oprimidas pelos traficantes, muitas vezes sofrendo perseguição e ameaça, caso não se relacionem com eles etc. Assim, se foi estabelecendo uma análise de muitas realidades vividas ali, desenvolvendo um senso crítico sobre os valores, as condições, as relações que existem na periferia e a sua crítica em relação aqueles exemplos.

Percebemos que existe um senso comum entre eles, as meninas que reclamam do assédio nos bailes do bairro, do machismo presente entre eles, das meninas que são perseguidas e quase que obrigadas a ficarem com os traficantes. A biqueira do lado de casa, os traficantes, que, inibem os colegas dos moradores, de entrarem na favela, eles perguntam quem é fulano, que é a visita, de onde é etc. Segue-se uma mesma percepção de algumas questões e que são organizadas por meio da música, o cantor, o autor da letra, também está inserido e parte de uma realidade, que é comum a todos eles, que os fazem identificar-se, se reconhecendo. Dessa maneira, mostrando a visão que os alunos possuem do bairro e como trazer isso à tona, sem forçar tal situação, uma visão da periferia, por meio da arte, da música. Um senso comum que é organizado pelo autor e cantor da letra e, que traz uma identificação comum. Podendo ser utilizada como crítica e análise política, social, cultural, enfim, para elaboração de um novo senso comum.

324.8 Aula sete

Aqui será utilizado o *rap*, pois, por meio dele percebemos, pela experiência produzida na atividade anterior, que, existe, em meio às interpretações das letras, feitas pelos alunos, um senso comum que é comum a todos ali na periferia. Ou seja, é a experiência que eles captam e vivem na periferia, e diante dessas diversas ações que vivem, principalmente situações de violência, de todos os tipos e níveis. Portanto, no *rap* você também já capta o senso crítico do aluno, porque ele reconhece a letra e faz a relação com a realidade a sua volta. Não é algo fantasioso, é real e concreto e, com a filosofia em sala, construindo um senso crítico a partir de tais realidades e vivências, desenvolve-se uma consciência melhor apurada filosoficamente, se estabelece o bom senso.

Do ponto de vista que nos interessa nessa pesquisa, a constituição de uma filosofia da práxis, o *rap* tem a força de organizar o senso comum e produzir o senso crítico. Decerto, o *rapper* também está passando a visão de mundo dele, capaz de influenciar os demais que se identificam com suas letras e ritmo, o que faz dele, um intelectual orgânico. Contudo, o *rap* produz um ambiente propício para a palavra crítica. Por meio deste senso comum percebido pelos alunos, a letra de *rap* é o próprio fermento. Através desse conhecimento que cada um experimenta em sua realidade, do seu senso comum em relação à periferia, um conhecimento que faz todos se identificarem, em níveis diferentes. E por meio de senso comum, como dissemos anteriormente, também percebemos as influências e consequências de uma sociedade capitalista na periferia. Percebe-se o impacto capitalista, as suas relações sociais, que faz com que o aluno, ao escutar, saiba o que a letra está dizendo e identificar porque vive aquilo. O aluno começa a perceber que as violências na periferia, em sua maioria, possuem razões próprias à lógica capitalista.

Dessa forma, nesta aula, trouxe para os alunos algumas letras de música. O objetivo era fazer os alunos relacionarem a mensagem da música com a realidade que viviam. Com o intuito de possibilitar aos alunos o exercício e o desenvolvimento do senso crítico sobre a sua realidade e a sociedade em que estão inseridos, criando com a atividade um maior nível de consciência filosófica. Na atividade, solicitei que destacassem algum trecho da música que, traduzia uma concepção de mundo, de bairro, da vida.

Música: Muleque De Vila (Projota)

*Eu falei que era uma questão de tempo
 E tudo ia mudar, e eu lutei
 Vários me disseram que eu nunca ia chegar, duvidei
 Lembra da ladeira, meu?
 Toda Sexta-feira meu melhor amigo é Deus e o segundo melhor sou eu
 Eu tanto quis, tanto fiz, tanto fui feliz
 Eu canto Xis, canto Péricles, canto Elis
 Torcedor do Santos, desse pão e circo eu também quis
 Não sei feliz, mas geral merece não ser infeliz
 Prosperei com o suor do meu trabalho
 Me guardei, lutei sem buscar atalho
 E sem pisar em ninguém
 Sem roubar também, então sei
 Que hoje o meu nome é Foda e meu sobrenome é Pra Caralho
 Deus olhou pra mim, disse assim, escuta “negin”
 Pegue esse caderno e escreve cada folha até o fim
 Eu disse Senhor, sou tão tímido, sinto mó pavor
 Só no subir no palco a perna congelou
 Mas rodei o Brasil, CD na mochila foi cinquenta mil
 Mão em mão, na rodoviária passando mó frio
 Quem viu, viu, Curitiba meu tesouro, foi estouro
 Vinte e cinco mil, tio, DVD de ouro
 Triunfo bombou, Leandro estourou, Michel prosperou
 Dei valor, só trabalhador, homens de valor
 Minha cor não me atrapalhou, só me abençoou
 Quem falou que era moda, hoje felizmente se calou
 Vai, vai lá, não tenha medo do pior
 Eu sei que tudo vai mudar
 Você vai transformar o mundo ao seu redor
 Mas não vacila, moleque de vila, moleque de vila, moleque de vila
 Não vacila, moleque de vila, moleque de vila, moleque de vila*

Já fui vaiado, já fui humilhado, já fui atacado
Fui xingado, ameaçado, nunca amedrontado
Aplaudido, reverenciado, homenageado
Premiado pelos homens, por Deus abençoado
Avisa o Rony que hoje é nós, não tem show, tô sem voz
Se o Danilo não colar, vou buscar de “Cross”
Se o Marques chegar, grita o Magrão, liga, mó função
Tem churrasco, sem fiasco, tira espinha do salão
Já cantei com Mano Brown, com Edi Rock, com Helião
Com D2, com MV, dei um abraço no Chorão
Aprendi fazer freestyle no busão
Hoje é o mesmo freestyle, só que a gente faz no fundo do avião
E hoje eu acordei chorando porque eu me peguei pensando
Será que lá de cima a minha véia segue me olhando?
Será que se me olhando, ela ainda tá me escutando?
Será que me escutando, ela ainda tá se orgulhando?
Hoje tanto faz, putaria tá demais
Mas ninguém se liga mais, mas ninguém respeita os pais
Mas pra mim tanto faz, porque ainda tem Racionais
Pra quem quer um diferente, tem Oriente e Haikass
Raps nacionais, rostos diferentes, mesmos ideais
Salve, Sabota, e todo Rap sem Iorota
Os “mano” gosta de ir no Twitter xingar o Projota
Mas trai a mulher e não abraça a mãe, faz uma cota
Desde os dezesseis tô aqui, outra vez, vou sorrir
Vou cantar, vou seguir
Vou tentar, conseguir
Se quer falar mal, fala daí
Mas meu público grita tão alto que já nem consigo te ouvir
Olha lá o outdoor com o meu nome
Me emocionar não me faz ser menos homem
Se o diabo amassa o pão, você morre ou você come?
Eu não morri e nem comi, eu fiz amizade com a fome

*Vai, vai lá, não tenha medo do pior
 Eu sei que tudo vai mudar
 Você vai transformar o mundo ao seu redor
 Mas não vacila, moleque de vila, moleque de vila, moleque de vila
 Não vacila, moleque de vila, moleque de vila, moleque de vila
 Não vacila.*

Após um tempo para que os alunos pudessem refletir, solicitei que expressassem uma reflexão, mediante uma parte da música que diria algo para eles. Em geral, obtive as seguintes observações, sobre as dificuldades de ser da periferia. Traz um quadro amplo: as pessoas que querem te prejudicar; a questão da cor, da raça; que a sua cor (aqui ele utiliza ‘cor’ como a raça negra), não lhe atrapalhou, mas, que foi algo, que lhe ajudou, apesar de tudo. Outras perspectivas também que operam sobre os sonhos: as dificuldades que passou, mas que sempre acreditou no seu sonho, tinha uma utopia; do respeito e do desrespeito que existe na periferia.

Alunos: A parte da música, que mais falou para eles, foi:

*“Se o diabo amassa o pão
 Você morre ou você come?
 Eu não morri e nem comi
 Eu fiz amizade com a fome”*

Desta letra, elencamos alguns temas:

- a) a questão da desigualdade social e suas consequências;
- b) a maldade de muitos.
- c) os caminhos que cada um vai, o que a pessoa é capaz de fazer para sobreviver.
- d) a periferia oferece alguns caminhos fáceis, como o crime, o que você faz?
- e) para vencer na vida, vindo de uma periferia, você tem, que muitas vezes, passar fome, ou seja, lutar contra as facilidades oferecidas. Não deixar as coisas ruins te abalarem, as coisas que vão acontecer na sua cara, estando em uma periferia.

A questão do significado do verso:

*"Se o diabo amassa o pão
Você morre ou você come?
Eu não morri e nem comi
Eu fiz amizade com a fome"*

Após um breve momento de discussões, os alunos expõem o sentido da parte da música, que mais os tocou, da qual segue-se a explicação, uma síntese do foi apontado.

Alunos: Você morre de fome ou você come o pão que o diabo amassou? Ele responde: eu não morri e não comi o pão que o diabo amassou, eu fiz amizade com a fome. Ou seja, ele fez amizade com as dificuldades para conseguir chegar aonde ele chegou, ele passou por cima do pão que o diabo amassou.

O que percebi, como professor, em meio a esse processo, que existe um lugar comum entre eles, mas, que não costumam falar muito, por medo, por falta de espaço etc. Percebi isso, exatamente, possibilitando as falas, os espaços pertencentes a eles, o discurso, as interpretações, os versos, a música como relação para a aproximação das vidas da periferia, um falar, que, não é exercido, pois, o medo, a opressão, o sistema, a linguagem opressora e conservadora, que, tenta abafa esse falar que está recolhido, escondido por medo de expor algo, que pode ser considerado inferior, sem importância e valor. A fala por meio dessa possibilidade da aula, da música, exerce a função do reconhecimento e assim, ganhando significado para o jovem, as leituras do mundo, se assemelham e portanto, ganham força para serem ditas, faladas, pronunciadas sem medo, mas com organização, com, força expressiva do senso comum reconhecido e percebido, acabam por serem assumidas e faladas pelos alunos.

324.9 Aula oito¹⁸: Desenvolvimento do bom senso.

Novamente, procuramos nessa aula extrair dos alunos um bom senso. Desta vez, partimos da seguinte questão: O que, após esse processo, significa a filosofia para você? Algo mudou? O objetivo é identificar um processo de bom senso por meio das experiências, que, partem do senso comum. Contudo, ao invés dos processos de diálogo, agora utilizaremos as estratégias de escrita. Nesse sentido, solicitei aos alunos a elaboração de um texto.

Fico aqui com a seguinte análise do aluno: “A filosofia fala de tudo e não apenas dos filósofos, como eu pensava. A filosofia faz a gente pensar na nossa vida como um todo, faz analisar a maneira como a sociedade funciona, bem diferente de como eu pensava ser, algo que imagina ser difícil e ter que decorar um monte de texto. A minha visão hoje em dia, é que a filosofia está presente em tudo, em nosso jeito de ser, no jeito que fazemos as coisas, na nossa religião etc. A filosofia na minha opinião, e depois de melhor conhecê-la, é algo essencial, posso aprender muitas coisas sobre a minha realidade, a minha mente está se expandindo e começo a pensar e interpretar mais as coisas. A filosofia está em nossas vidas, em nossas visões de mundo, em nossas ações, na linguagem, a filosofia modifica e transforma o nosso pensamento, não se vê mais o mundo, como antes”.

Ocorre, pois, um movimento: o aluno pensava e tinha uma visão em relação à filosofia, um preconceito, uma postura que ele imaginava, carregada de ideias dadas por uma classe dominante sobre o ensino de filosofia, o aluno tinha a visão de uma filosofia tradicional, que teria de decorar os conteúdos passados em aula, que era para poucos, algo muito difícil e portanto não daria para ele acompanhar. A partir do momento em que ele faz o contato com a filosofia, por meio de seu próprio senso comum, ele começa a ser questionado em sua visão anterior. Pois percebe que não seria algo como pensava, que a visão que tinha era uma concepção influenciada por outros. Por meio do seu próprio senso comum, o aluno passa por um processo crítico filosófico, constroem um senso crítico sobre o senso comum que reproduzia, e passa a ter uma nova opinião, um novo senso comum, algo mais elaborado, crítico e organizado, construindo um bom senso.

¹⁸ Seguimos aqui para a aula 8, uma vez que, na experiência descrita, a sequência da aula 7 reforça os objetivos tratados na sequência didática anterior.

Na próxima aula, traremos alguns filósofos para os alunos trabalharem e colocar em prática, o processo gramsciano, de trazer a história, elaborarmos um senso crítico em relação ao pensamento e construir relações críticas com questões atuais, ou seja, fazer novo partindo do velho. Deste modo, o material filosófico ganha um outro patamar: já não é mais o território distante, mas um elemento que dialoga com as realidades da turma.

324.10 Aula nove: As filosofias e algumas questões.

Propus que os alunos se organizassem em grupos entre 5 a 8 pessoas¹⁹. Cada grupo se encarregou de um tema ou problemas filosóficos, tais como:

- 1- *A “razão”*.
- 2- *“O que é a filosofia? Ela sempre existiu?”*.
- 3- *Logos, os mitos, a pólis, a doxa*.
- 4- *Verdade e a arché*.

Também foram escolhidos pelo professor, filósofos e escolas filosóficas para que os alunos apresentassem seminários. Assim, a turma apresentaria perspectivas filosóficas diversas, tais como: Heráclito, Parmênides, Sócrates, Epicurismo, Estoicismo, Ceticismo. Cada grupo ficou com 2 a 3 assuntos, problemas, filósofos e conceitos. A forma como iriam apresentar ficou livre. Porém, ao iniciarmos, todos preferiram fazer uma roda e ficando sentados na cadeira ou na mesa.

A questão da roda foi um fato curioso, sobretudo porque a proposta veio da turma, que se organizou para tal. Daí, já percebia uma mudança em suas atitudes, organizando-se sozinhos. Conversamos antes e estabelecemos algumas regras, como: esperar o colega falar, levantar a mão para não ficar bagunçado, apenas estabelecido e elaborado isto, para evitar dispersão e ninguém se ouvir, e a liberdade de perguntar e falar qualquer coisa, sem medo nenhum, sendo proibidas as ofensas. Aqui, a ordem do diálogo mudou. Ao invés de uma aula centrada no jogo de perguntas e respostas provocadas pelo professor, os alunos passam a ter maior liberdade de conduzir o diálogo.

¹⁹ Um total aproximado: 35 alunos.

Os alunos queriam saber dos filósofos e suas teorias, querendo entender mais a filosofia e o filosofar. Assim, iniciaram a apresentação. Dentre os exemplos sobre a filosofia e o filosofar, depois de exposições, falas e reflexões, registro nesta pesquisa o texto do aluno, que escreveu o seguinte:

Aluno: *Da série: o que vem primeiro? O ovo ou a galinha? Vem aí: o que se aprende primeiro? Filosofar ou filosofia? Aprendemos a filosofar e nunca a filosofia, uma vez que filosofia é apenas um conceito e filosofar é exercer este conceito. Mas será que filosofia é você falar umas palavras bonitas que no final faça (sic) as pessoas refletirem sobre algo ou criar um conceito concreto, cujo você desenvolveu enquanto buscava o saber? Entretanto e, filosofar? É simplesmente pensar? Como em uma aula de matemática ou pensar sobre algo que muitas pessoas buscam, porém poucas obtiveram respostas. Filosofar não é pensar no saber, mas saber transformar. Mas a verdadeira questão é: eu filosofei ou criei uma filosofia?*

Esse texto produzido pelo aluno resulta do acúmulo de todas as discussões e atividades produzidas até então. Daí, fiz um questionamento aos demais: *se a filosofia era a atividade própria do ser humano, e ao começo, não existia uma filosofia, um filosofar, portanto, o que vem em primeiro? A filosofia ou o filosofar?*

Se analisarmos a resposta desse aluno, percebemos que ele foi capaz de fazer comparações e introduzir um ditado popular como modo de comparação. Diz que aprendemos apenas a filosofar, pois, a filosofia seria impossível, e que o filosofar seria a atividade que faz e produz a filosofia, é na ação de filosofar. Ao final ele termina com uma pergunta, o que torna a sua produção, um material que utilize em outras aulas, como provocação filosófica. Este material apresenta, pois, um exercício do senso crítico do aluno, fazendo uso de conceitos e construindo indagações e questionamentos. Transformando um senso comum, que, antes trazia em relação a filosofia.

Um outro exemplo, de outro aluno, que participou do grupo responsável pela apresentação dos filósofos e a filosofia de Heráclito e Parmênides. Este aluno ficou com Heráclito. Ele começa a apresentação trazendo a vida, o ano de nascimento etc.

Logo observo um rascunho em seu colo, onde ele estava ora ou outra se orientando, estava escrito a mão, em caneta azul, muito rasurado. O texto foi o seguinte:

Título: Influência de Heráclito na Atual Sociedade

"Como este filósofo já havia dito: 'todo o mundo está em uma eterna e ininterrupta transformação, não só o mundo; todavia todos os seres vivos e não vivos também'. Sendo assim, ele nomeou isto como devir e anexou o devir ao fogo, pois, então temos que o fogo é o que faz ocorrer essas transformações a tudo; todavia em contrapartida, ele anexou a Deus, ao céu, a harmonia cuja faz com que essas transformações acabem. Basicamente Deus, uma figura divina, deixa tudo em completa harmonia, deixa tudo estável.

Pois então, a igreja entra nisto, como a igreja não é tola, logo pegou está (sic) tese como base e figurou o inferno e o céu. Como a igreja sempre foi conservadora e nunca quis que seu sistema de doutrina e 'governo' fosse abalado ou abatido, logo anexou o fogo, o vermelho como algo maléfico, pois isto propunha a transformação do sistema. Sendo assim, entra esta figura do inferno que nós temos hoje: completamente em chamas, todo vermelho e com as maiores desgraças possíveis e impossíveis que se podem ocorrer.

E como a igreja tem um poder inimaginável de 'controlar' os seus seguidores, seus fiéis, ela fez com que até hoje temos esta imagem, graças a ela temos que: o satanismo é algo ruim, comunismo é do capeta, o Movimento Rock e o Rock são do capeta, feminismo é do capeta e pertence ao inferno, dentre outras diversas formas de mudança proposta a um sistema ou algo conservador.

Logo, isto ficou estabelecido de uma forma tão inimaginável que, talvez nunca conseguiremos mudar isto, nunca conseguiremos mudar esta imagem do modo que, tais coisas são vistas.

NOTA: Não podemos negar que muitas igrejas (NEM TODAS), muitas das vezes são intolerantes religiosas ou não aceitam tal religião, ou é contra de certa forma".

Quando se começa a explicar Heráclito, o aluno levanta uma série de questões das quais geram muitas discussões em sala de aula e fora dela, tais como: a postura dogmática da Igreja Católica, dos valores morais, do que é considerado certo e errado

pela sociedade, dessa forma, podemos perceber, a questão do devir, o se tornar, o imutável e o mutável, o fluir das coisas, a sociedade que conserva valores, crenças etc. São relações dos conceitos do filósofo para com a história, a sociedade, a religião, a cultura. Nesse conjunto, o aluno problematiza a questão da crença no céu e no inferno e o uso que a Igreja fez e faz dessa ideia, como forma de controlar e oprimir as pessoas, a questão da força que essas coisas tem, quando diz da cor vermelha ter sido ligada ao inferno, por causa do fogo, são as influências das crenças contidas no senso comum. O aluno construiu e fez uma relação com a política, ao falar a questão do Movimento Rock e que, toda essa influência recebida acriticamente pelas pessoas, inclusive as religiosas, as fazem ter uma visão do Rock, segundo elas, como sendo algo do capeta, fazem elas dizer, que o feminismo é do capeta, e é o que muitos repetem e tem como verdades em suas vidas, trazendo uma gama de preconceitos, que alimenta todo um sistema ou algo conservador. E o aluno foi capaz de relacionar, uma filosofia com o contexto atual, dessa forma, renovando e fazendo nova leitura do mundo. O aluno conseguiu construir uma conexão entre verdades consideradas absolutas, por parte da história, das pessoas, das crenças, das religiões, das filosofias e relacioná-las com ideologias formadas por interesses de classes e manutenção de padrões culturais, conservadores. Exercendo a crítica ao modelo conservador e repetido por muitas pessoas atualmente, um senso comum e uma filosofia tradicional. Ao terminar a exposição, peço a todos um texto em que apontariam tais influências de poder. Eles deveriam elaborar uma crítica em relação a sociedade atual. Acreditamos que assim, com o exercício de escrita, a palavra grafada potencializa a crítica ao senso comum.

324.11 Aula dez: Uma interpretação dos textos filosóficos.

Após todas as sequências de atividades. Passamos para outra questão, outro exemplo de atividade. A turma deveria analisar, através de um texto, a seguinte frase de Marx: “os filósofos fizeram até agora interpretar o mundo, é preciso transformá-lo”.

Das respostas, podemos chegar à seguinte formulação dos alunos:

Alunos: *Eu acredito que o autor dessa frase quis fazer uma crítica aos filósofos, referindo-se à necessidade de superar o sentimento de impotência que nos é diariamente imposta por uma série de discursos sobre 'deixar o mundo da maneira em que ele está'. Ou seja, os filósofos (segundo a frase) se limitaram apenas a interpretar o mundo de diversas maneiras, se desviando da tarefa de modificá-lo, de levar suas interpretações para o mundo concreto. É deixar de viver alienado em um plano de ideias pouco ou nada preciso (definido), e ter como base a constante evolução do mundo.*

Este foi um texto produzido pelo aluno, após uma breve discussão sobre a frase. Percebemos um bom senso do aluno, ao notar, um sentido crítico contido nos pressupostos da frase, que contesta aos filósofos tradicionais, que, se acomodam apenas em teorias e não fazem algo para superar questões que são impostas a sociedade. Quando o aluno parte da necessidade de transformar o mundo, partindo da realidade concreta, elabora uma reflexão crítica quanto a própria filosofia.

324.12 Aula onze: A música como conexão para uma análise.

Nesta etapa, foi pedido aos alunos que escutassem a música: *A vida é Desafio* (Racionais MC's), com o objetivo, em um primeiro momento, de interpretar o sentido da música. Alguns alunos conseguiram escutar previamente e já produziram a análise em sala de aula mesmo; outros fizeram posteriormente o exercício em casa. Segue a letra da música da qual foi utilizada para esta atividade:

Música: A vida é Desafio (Racionais MC's)²⁰.

Sempre fui sonhador, é isso que me mantém vivo

Quando pivete, meu sonho era ser jogador de futebol

Vai vendo!

Mas o sistema limita nossa vida de tal forma

E tive que fazer minha escolha, sonhar ou sobreviver

²⁰ Álbum: *Nada como um Dia após o Outro Dia*. Data de lançamento: 2002. Racionais MC's.

Os anos se passaram e eu fui me esquivando do círculo vicioso
Porém o capitalismo me obrigou a ser bem sucedido
Acredito que o sonho de todo pobre é ser rico
Em busca do meu sonho de consumo
Procurei dar uma solução rápida e fácil pros meus problemas
O crime
Mas é um dinheiro amaldiçoado
Quanto mais eu ganhava, mais eu gastava
Logo fui cobrado pela lei da natureza
Vish, catorze anos de reclusão
O barato é louco, ó
É necessário sempre acreditar que o sonho é possível
Que o céu é o limite e você, truta, é imbatível
Que o tempo ruim vai passar, é só uma fase
Que o sofrimento alimenta mais a sua coragem
Que a sua família precisa de você
Lado a lado se ganhar pra te apoiar se perder
Falo do amor entre homem, filho e mulher
A única verdade universal que mantém a fé
Olhe as crianças que é o futuro e a esperança
Que ainda não conhece, não sente o que é ódio e ganância
Eu vejo o rico que teme perder a fortuna
Enquanto o mano desempregado, viciado, se afunda
Falo do enfermo (irmão) falo do são (então)
Falo da rua que pra esse louco mundão
Que o caminho da cura pode ser a doença
Que o caminho do perdão às vezes é a sentença
Desavença, treta e falsa união
A ambição é como um véu que cega os irmãos
Que nem um carro guiado na estrada da vida
Sem farol no deserto das trevas perdididas
Eu fui orgia, ébrio, louco, mas hoje ando sóbrio
Guardo o revolver enquanto você me fala em ódio

*Eu vejo o corpo, a mente, a alma, o espírito
Ouço o refém e o tio que diz lá no canto lírico
Falo do cérebro e do coração
Vejo egoísmo, preconceito de irmão para irmão
A vida não é o problema, é batalha, desafio
Cada obstáculo é uma lição, eu anuncio
É isso aí você não pode parar
Esperar o tempo ruim vir te abraçar
Acreditar que sonhar sempre é preciso
É o que mantém os irmãos vivos
Várias famílias, vários barracos
Uma mina grávida
E o mano 'tá lá trancafiado
Ele sonha na direta com a liberdade
Ele sonha em um dia voltar pra rua longe da maldade
Na cidade grande é assim
Você espera tempo bom e o que vem é só tempo ruim
No esporte no boxe ou no futebol
Alguém sonhando com uma medalha o seu lugar ao sol
Porém fazer o quê se o maluco não estudou
500 anos de Brasil e o Brasil aqui nada mudou
"Desespero aí, cena do louco
Invadiu o mercado farinhado, armado e mais um pouco"
Isso é reflexo da nossa atualidade
Esse é o espelho derradeiro da realidade
Não é areia, conversa, chaveco
Porque o sonho de vários na quebrada é abrir um boteco
Ser empresário não dá, estudar nem pensar
Tem que tramar ou ripar para os irmãos sustentar
Ser criminoso aqui é bem mais prático
Rápido, sádico, ou simplesmente esquema tático
Será instinto ou consciência
Viver entre o sonho e a merda da sobrevivência*

"O aprendizado foi duro e mesmo diante desse
Revés não parei de sonhar, fui persistente
Porque o fraco não alcança a meta
Através do rap corri atrás do preju
E pude realizar meu sonho
Por isso que eu Afro X nunca deixo de sonhar"
Conheci o paraíso e eu conheço o inferno
Vi Jesus de calça bege e o diabo vestido de terno
No Mundo moderno, as pessoas não se falam
Ao contrário se calam, se pisam, se traem e se matam
Embaralho as cartas da inveja e da traição
Copa, ouro e uma espada na mão
O que é bom pra si e o que sobra é do outro
Que nem o sol que aquece, mas também apodrece o esgoto
É muito louco olhar as pessoas
A atitude do mal influencia a minoria boa
Morrer à toa (e que mais?) matar à toa (e que mais?)
Ir preso à toa, sonhando com uma fita boa
A vida voa e o futuro pega
Quem se firmou, falou
Quem não ganhou, o jogo entrega
Mais uma queda em 15 milhões
Na mais rica metrópole, suas várias contradições
É incontável, inaceitável, implacável, inevitável
Ver o lado miserável se sujeitando com migalhas, favores
Se esquivando entre noite de medo e horrores
Qual é a fita, a treta, a cena
A gente reza, foge, e continua sempre os mesmos problema
Mulher e dinheiro 'tá sempre envolvido
Vaidade e ambição, munição pra criar inimigo
Desde o povo antigo foi sempre assim
Quem não se lembra que Abel foi morto por Caim
Enfim quero vencer sem pilantrar com ninguém"

*Quero dinheiro sem pisar na cabeça de alguém
O certo é certo na guerra ou na paz
Se for um sonho, não me acorde nunca mais
Roleta russa quanto custa engatilhar
Eu pago o dobro pra você em mim acreditar
"É isso aí, você não pode parar
Esperar o tempo ruim vir te abraçar
Acreditar que sonhar sempre é preciso
É o que mantém os irmãos vivos"
Geralmente quando os problema aparece
A gente tá desprevenido né não?
Errado
É você que perdeu o controle da situação, sangue bom
Perdeu a capacidade de controlar os desafios
Principalmente quando a gente foge das lição
Que a vida coloca na nossa frente, eu sei, 'tá ligado?
Você se acha, você se acha sempre incapaz de resolver
Se acovarda morô?
O pensamento é a força criadora, irmão
O amanhã é ilusório
Porque ainda não existe
O hoje é real
É a realidade que você pode interferir
As oportunidades de mudança
'Tá no presente
Não espere o futuro mudar sua vida
Porque o futuro será a consequência do presente
Parasita hoje
Um coitado amanhã
Corrida hoje
Vitória amanhã
Nunca esqueça disso, irmão
Acreditar e sonhar*

E sonhar

E sonhar

Dentre as análises, destaco a seguinte:

Aluno: *Pelo que eu pude concluir a música apresenta diversos problemas que nós (a classe baixa) passamos em toda nossa sobrevivência; problemas 'literalmente' impossíveis de serem resolvidos, um ciclo sem fim que nós pobres passamos, uma vida já predestinada: começo, meio e fim. (Até aqui, a música, introduz o aluno e ele processa a informação, um senso comum). Mas apesar dos pesares, a música também nos dá esperança de sonhar, nos faz pensar em prosseguir, em quebrar o ciclo sem derrubar ninguém, apenas fazendo o seu certo, dominando a sua vida sem ser manipulado e, lutando para modificar a realidade, por exemplo, da periferia (partindo do pensamento crítico). Resumindo, como o próprio nome da música diz, a vida é desafio, a nossa vida é desafio, quem não vai à luta, perde a vez. Devemos sempre sonhar, nunca nos conformar com o que é imposto para nós pela sociedade, apesar das dificuldades, bom, acho que é isso que a música quer dizer.*

Compreendo que, ao fazer essa análise, o aluno percebe o campo de ideias que outrora formava seu senso comum. O aluno exerce, então, um bom senso.

324.13 Aula doze: Liberdade, determinismo e as relações com questões sociais e questões da vida.

Ao acabar a aula anterior, solicitei aos alunos que pesquisassem sobre o conceito de liberdade e determinismo – um dos temas elencados para a apresentação anterior. Na aula seguinte, os grupos, expuseram as questões e estabelecemos um breve debate, mediando tais conceitos com a música dos Racionais MC. Muitos alunos consideraram que essa música poderia ser uma resposta bem elaborada para as questões nesse processo como um todo.

Professor: *Começando pelo determinismo e pela liberdade: a música nos diz, ao início, sobre um homem que tinha como sonho ser jogador, mas o 'capitalismo' não determinou assim, e ele era apenas um entre diversos outros*

garotos que tiveram (tem) a mesma história. A falta de liberdade de escolha o fez ser bem-sucedido através do crime e assim por diante... Logo depois vem a frase 'Deus ajuda quem cedo madruga': motivação, mas claro, fazendo a sua parte, indo à luta. E, para finalizar, vem a dissertação a respeito de como a sociedade é e o porquê de ela estar assim, que é o que praticamente toda a letra da música diz. Tudo acompanha com a parte que nos pede uma solução para isso, resposta que o próprio refrão da música nos dá: lutar sempre, união-ação da periferia, da classe trabalhadora. A letra nos fala diversas verdades, que o sistema faz questão de nos esconder, uma espécie de iluminação para mente que nos faz ter consciência, que é nós por nós mesmos, que temos que lutar juntos. Ela nos mostra os diversos problemas, mas também nos dá a solução, não parar de sonhar, e é claro, ir à luta: não se contentar com a vida que temos e sempre buscar querer mais. Daí, pergunto: o que você achava, pensava que era a filosofia e o que você acha, pensa, hoje sobre ela?

Aluno: *Antes de ter a filosofia como matéria escolar, eu não tinha uma base a respeito da própria, não sabia que era algo tão complexo e tão intenso. Acreditava que eram apenas pensamentos lunáticos jogados ao vento, sem pé nem cabeça, início ou fim e por aí vai. Ao longo do tempo, pude compreender que nós vivemos e respiramos a filosofia, ela nos compõe, filosofia é pensar, sentir e agir. É ter empatia, respeitar e entender o próximo. Para mim hoje, filosofia é abrir a mente, buscar a sua verdade, ter os próprios pensamentos, sem que o outro imponha na sua mente, como o próprio nome já diz é amor ao saber.* (percebemos a passagem do senso comum-senso crítico-bom senso).

Em seguida, pedi para que escutassem novamente a música do Racionais: “A Vida é desafio”, e fizessem um texto, com a seguinte proposta: *Relacione a música do Racionais: A Vida é desafio, com o a sociedade atual e com as filosofias do determinismo e da liberdade.*

Alunos: *Essa música retrata a Vida de grande parte das pessoas, onde demonstra como as pessoas agem desde que são crianças até sua vida adulta, em um mundo, em que todos possuem sonhos, mas por algum acaso, acaba desistindo dele ou tentando acelerar esse processo. Partindo de uma vida simples e tranquila, para uma vida repleta de perigo. Esse mundo é onde as*

crianças têm os seus sonhos interrompidos, onde elas têm que decidir se querem sobreviver ou se preferem sonhar com algo que pode não acontecer. Porém, aí está o segredo, você não pode desistir de lutar para cumprir esse sonho, mesmo que você precise esquecer dele por um tempo. Assim que possível, volte a pensar nesse sonho e faça o possível e o impossível, pois a vida é feita de luta, se você não lutar por aquilo que quer e se contentar com o pouco que tem, nunca crescerá na vida. Essa música retrata tanto o determinismo quanto a liberdade, pois, nós, estamos determinados a sempre desistir de tudo que sonhamos, mas, devido a liberdade, nós, podemos quebrar isso que está determinado e real.

Os alunos partem da música, fazem a interpretação e conseguem relacioná-la, utilizam-se dos conceitos filosóficos, partindo da interpretam da letra da música, utilizam-se dos conceitos de liberdade e determinismo, reconhecem aquela realidade e conseguem identificar e expor onde, por exemplo, o determinismo e a liberdade se encontram e de que forma acontecem na realidade. Trazem estas ideias para os problemas vividos por eles, o que faz, com que tomem a consciência de sujeitos do amanhã e ativos na elaboração e percepção da realidade que os circundam, partem de um senso comum, exercem um a atividade crítica ao relacionarem questões práticas, e chegam ao bom senso em relação a uma nova maneira de ver e fazer uso da liberdade, como algo que podem exercer em vista de uma mudança, de uma ação de intervenção na realidade.

324.14 Aula treze: Filosofia: exercício crítico.

Nessa aula, pedi aos alunos, após todas as discussões e debates, que fizessem um texto, utilizando-se das questões da liberdade e do determinismo, com alguma outra questão vista em sala de aula e, que, construíssem relações com os problemas que as letras provocaram e com a sua visão da sociedade. Após alguns debates que surgiram com a exposição do aluno e do professor, acabaram surgindo questões e questionamentos em torno da maneira como a sociedade opera a liberdade humana.

Essa foi a oportunidade para uma atividade de escrita, pela qual pudessem refletir sobre as seguintes questões:

- 1) *Por que na sociedade atual, predomina-se uma certa filosofia, com a crença de que as coisas sempre foram assim e os diversos problemas sociais, culturais, políticos acabam por serem naturais, por que a maioria possui essa visão de mundo?*
- 2) *Qual filosofia predomina?*

Seguem algumas reflexões desses textos.

Alunos: *A sociedade, a meu ver, nunca foi igualitária, desde os tempos antigos, o mais poderoso era o que comandava e aquele que comandava era o único que tinha direitos. E como os demais eram considerados fracos, eles se aliavam a esses poderosos para possuírem algum direito e desde então, tudo começou a girar em torno disso, o mais forte e o mais rico é o que comanda e o restante apenas obedece e serve aos seus desejos, virando um ciclo vicioso, surgindo reis e rainhas, comandantes políticos que faziam as coisas aos seus gostos, ou seja, se eles não gostassem de algo, iam lá e acabavam com aquilo, com apenas algumas palavras e como a população se contentava com pouco, ela não lutava pelos seus direitos e isso ocasiona no determinismo, pois no período de reis e rainhas, caso você nascesse na família desses reis, você seria um dos herdeiros do trono e o povo não podia ser contra, pois se fossem, seriam punido, e assim, se tornava um ciclo quase infinito.*

Desde sempre, o mais poderoso é sempre aquele que reina, mas ele sempre reina porque consegue conservar a população a fazer o que eles querem e a população aceita tudo o que eles propõem, sem dizer nada, ou seja, todo o 'fruto' do reinado é por causa da população trabalhadora. Todo o poder está em nossas mãos, mas, não sabemos usar, assim, tudo que resta é que a população tome um 'choque' de realidade e comece a usar as armas que tem para eliminar essa injustiça e tudo isso será graças ao livre arbítrio, pois, com apenas uma escolha diferente, nós seremos capazes de retirar essa injustiça e tornar o mundo um lugar mais justo para todos.

Somos livres a partir do que a sociedade molda, ou seja, de fato, não somos. Contudo, dentro do padrão social temos liberdade à poucas escolhas.

Nascemos em um mundo pronto, com valores, regras, leis, políticas etc., já estabelecidas por outros e vamos vivendo e aceitando sem pensar, sem refletir sobre essas coisas, o que nos faz viver uma vida no modo automático. Ou seja, abraçamos uma filosofia de modo espontâneo, sem perceber, sem uma noção mais apurada de todo o processo histórico e social da construção da realidade em que vivemos. Por isso, existe uma questão determinante, são coisas já determinadas por outros sim...se não fosse assim, a maioria não estaria nas condições que se encontram...ninguém escolheria ser pobre, não poder ter uma boa educação, uma boa saúde, etc. é preciso lutar para transformar a nossa realidade.

Nesse momento, em meio aos diálogos e trocas de argumentos entre os alunos, o faço um breve comentário:

Professor: *então, podemos dizer, que as condições melhores de uma parte da sociedade, é devido a um permanente e contínuo processo pela história, de uma classe que possuía e possui a dominação das terras, das matérias-primas, etc., e usavam pessoas, faziam e fazem de escravos para terem cada vez mais poder, fazendo uso disso como forma de dominação? É o que você mencionou no começo: até os gostos já vêm pronto, é direcionado, a ideia de felicidade, de beleza, de bem-sucedido, de trabalho, da organização da sociedade etc. É o que você mencionou quando falou do padrão social, que escolhemos dentro de um padrão já estabelecido, tem a ver isso?*

Alunos: *Sim, isso que quis dizer na verdade, temos escolha somente dentro das ofertas que aparecem, dadas por outros. Mas podemos e devemos transformar isso. Temos a liberdade para mudar isso. Com organização e luta, conseguiram e conseguem transformar tais condições de miséria e domínio cultural, econômico, político e social, de uma classe impõe sobre as demais, que acaba sendo uma maioria; ou seja, se juntando e se organizando com um único objetivo em comum, apesar das diferenças entre as pessoas, mas as pessoas que se encontram nas condições de subalternidade, podem e tem liberdade de se organizarem e desse modo, já estarem em ação, para criarem possibilidades para transformar a sua realidade. Por exemplo, o rap, o funk, as*

batalhas de rima etc. que acontecem e nasceram das classes subalternas da sociedade são formas de resistência e um modo de se organizarem, criando e fazendo cultura.

Sobre isso, um comentário de um aluno que participa de movimentos pelo bairro, foi o seguinte:

Eu faço batalhas de rimas no Sesc Campo Limpo, acabo compondo e criando minhas rimas, possíveis respostas etc...mando minha mensagem para a galera, o que acaba depois fazendo muitos virem trocar ideia comigo e acabo virando amigos, onde muitas vezes acontece, da gente só se conhecer de vista, morando perto etc., mas nunca ter se falado, e as batalhas fazem com que a gente se conheça mesmo, ai depois é só rolê...

Buscando finalizar aquele momento, fiz um comentário:

Então, agora você percebe com mais realidade a questão de ser possível a transformação da sociedade e de determinadas realidades que a classe dominante impôs sobre a maioria, por meio de um longo processo histórico, ou seja, da ação de uns poucos e da obediência servil de uma massa. Que sempre existirá um monte de caminhos e trilhas que podem ser construídos e percorridos para a transformação da sociedade e da história que não está dada, não está definida.

Peço então uma segunda atividade: que os alunos escrevam um texto de final sobre os temas tratados para me entregar. Seguem alguns trechos:

Atualmente, ainda somos escravos. Nossos pensamentos estão presos à falsa ideia de felicidade, mas além disso, ainda temos a questão que remete a essa manipulação, dinheiro não é felicidade? Nossa sociedade faz com que o dinheiro compre até mesmo a saúde e a dignidade.

O grande impasse disso tudo é que cada vez mais os favorecidos se favorecem, obtêm o básico e muito além disso. É muito dinheiro para poucas pessoas e muitas pessoas dividindo pouco dinheiro. Todos nós temos o desejo de obter

aquilo que não possuímos, achando que dessa forma, obteremos a felicidade de fato, eternizada em carros, mansões etc.

Todo esse sistema pode ser derrubado com luta, mas não luta de fato, não a corporal. A busca pelo conhecimento e resistência do que o próprio sistema nos impõe pode fazer a total diferença, pois, se temos conhecimento, consequentemente percebemos tamanha desigualdade e não deixamos que esse erro prevaleça futuramente.

Solicito também aos alunos, após as discussões feita em sala, a leitura dos textos produzidos por eles mesmos. Realizamos também discussões em torno dos textos. Como modo de sistematizar as ideias que circulam naquele momento, é pedido a um outro aluno que produza um texto referente a toda a discussão feita em sala e que faça uma comparação, que faça uma leitura da sociedade atual. Segue o que foi produzido:

Tendo em pauta o contexto atual, os burgueses são aqueles que possuem acúmulo de capital, os ricaços, representados por empresários, proprietários de terra e, principalmente pelos políticos. Os políticos usufruem de recursos que facilitam suas campanhas, de forma a conseguirem comprar a população com falsas propostas. Os principais recursos são os veículos de mídia, é através deles que são propagadas as notícias, compartilhadas inúmeras vezes, atingindo uma grande massa da população. Esse já é o início do problema, e o primeiro passo para passar por cima desse sistema é com a informação, a consulta de fontes e a verificação de notícias reais ou fake News. Porém, o contraponto disso tudo é a desinformação, pessoas que não tem, ou se contentam em não ter acesso à informação. Lá vai mais uma mãozinha dos políticos para contribuir com a desinformação, a garantia de que a população seja burra e não tenha atitude para correr atrás de uma vida descente, de que não saibam de seus direitos e acham que devem temer os ricos, de que não sigam com uma revolução em massa contra o sistema em busca de mudanças significativas no País.

'O povo não deve temer seu estado. O estado deve temer o seu povo. A anarquia ostenta duas faces. A de Destruidores e a de Criadores. Os

destruidores derrubam impérios, e com os destroços, os criadores erguem mundos melhores' (V de Vingança²¹).

Todo esse processo finaliza com um poema produzido por uma aluna do primeiro ano. Em uma das atividades propostas em filosofia, da qual, pedia para os alunos, relacionarem uma música ou um poema com a sua experiência de vida, no Campo Limpo. Segue o que a aluna produziu:

Poema no estilo livre: Campo Limpo

*O Campo Limpo sofre com insetos, insetos que são piores que qualquer praga.
Uma praga que só pensa em si, e não sabe conviver com outros grupos.
Praga chamada de ser humano, que emporcalha seu ambiente de vida e suja os ambientes dos outros seres.
E tentam cada vez mais afundar seus iguais, e pensam em resolver suas diferenças com violência.
Como uma guerra civil, onde pessoas que não se odeiam lutam entre si e se matam por pessoas que se odeiam e não se matam.*

Portanto, neste processo de desenvolvimento da prática do ensino de filosofia a partir do senso comum e, ao decorrer do processo com os alunos, percebi como professor de filosofia, que, de fato, um ensino partindo das questões tratadas neste trabalho de pesquisa e seus pressupostos, cria-se possibilidades e meios para a elaboração de um processo do exercício da crítica, do questionamento a realidade vivida, e assim, através da qual, o aluno encontra sentido na filosofia, reconhece a filosofia como algo próximo e visível, que trata das coisas do mundo concreto, político, cultural, econômico, histórico, filosófico e social.. Se reconhece como autor do processo em desenvolvimento, desconstroem e constroem concepções e filosofias. Elaboram por

²¹ V de Vingança é um filme de ação baseado na história em quadrinhos homônima de Alan Moore e David Lloyd, lançada em 1988, e cujo título original é V for Vendetta.

Dirigida por James McTeigue, a obra é uma co-produção dos EUA, Alemanha e Reino Unido. Sua estreia foi em 2006, trazendo à tona a história de uma sociedade distópica no futuro e que é comandada por um ditador fascista.

meio do próprio senso comum, um senso crítico em busca do bom senso, quando reelaboram e transformam o próprio senso comum. Diversas opiniões foram modificadas, organizadas e questionadas. Novas posturas e visões de mundo foram organizadas. Dessa forma, uma prática do ensino de filosofia, que, é uma ação que transforma visões de mundo, uma filosofia que modifica outras filosofias, pensa, questiona e analisa a sua ação em sala de aula.

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao viver e estando como professor de filosofia em uma periferia de São Paulo, toda a realidade vivenciada, sentida e percebida por mim, por meio dessa experiência em que mergulhei, surgiram-me algumas questões, dentre as quais, a problemática que era ensinar filosofia em uma sala de aula, de uma periferia de São Paulo, com todos os seus problemas e as diversas realidades em que viviam aqueles jovens. E começando a conhecer melhor a comunidade, frequentando alguns espaços comuns, conversando e observando, começava a questionar-me sobre como poderia fazer filosofia em um espaço com tantas contradições sociais, culturais, econômicas etc.

Percebi que não poderia vir com discursos autoritários e acadêmicos, mas que teria que partir de algo comum a maioria daqueles jovens. Ao pensar e refletir buscando respostas possíveis, além, por diversas vezes ter tentado pôr em prática alguns modos de utilizar-se da filosofia em sala de aula, não conseguia uma abertura para possibilidades de ensino efetivo. O que me fazia inquieto, pois, as aulas acabavam se tornando desgastantes.

Portanto, em meio a isso, conversando com alguns alunos sobre futebol, fui percebendo que eles tinham diversas opiniões sobre diferentes questões, e ao entrar nas conversas deles, notei que poderia partir disso. E devido às dificuldades, às opressões que se sofre ao estar e viver em uma periferia, teria que partir de algo que conhecesse a opressão e que teria um método para um ensino de filosofia para as classes oprimidas. Além de já trazer certa simpatia pela filosofia de Gramsci, dada a sua ampla complexidade, tentei melhor conhecer sua filosofia, notando a possibilidade de trazê-la como base para meu ensino.

Assim, ao saber do programa do Prof-Filo, fui tentando a elaborar um projeto em cima de toda a dificuldade da realidade que estava enfrentando, mas que já não via muito o que fazer. Ingressei no programa Prof-Filo, embora nada me convencesse de que passaria. Mas, como Gramsci ensinou a lutar sempre, fui a caminho. Chegando até esta etapa do processo, sei que é um processo contínuo. Refletindo e vivendo tudo que foi oferecido, consegui perceber o caminho que quero percorrer, utilizando- se da filosofia, desejo continuar esse experimento, sempre tentando aprimorá-lo e tendo como desafio, o prazer de permanecer com o estudo que comecei.

Organizar o senso comum é também organizar a policromia desorganizada, os diversos tempos presentes ali nas concepções de mundo dos alunos e torná-las uma unidade. Dessa maneira, organizando os tempos, expressando uma vontade coletiva unitária e atuando historicamente e não mais estarem como objetos de ação de outros e sim como autores de ações histórica política.

E o professor atua como um intelectual, que exerce a função de organização. No entanto, o professor deve saber aprender de seus alunos e os alunos do professor, em uma relação que se faz dialética, um intercâmbio, uma troca contínua.

Elaboro assim um sentido de filosofia da práxis como uma filosofia que é uma política em concreto e não só um pensamento ou uma teoria da política. Gramsci se põe ao lado dos subalternos, das massas, das classes. Na concepção da filosofia da práxis, o exercício do pensamento se coloca no ponto de vista essencialmente da possibilidade de mudança, de transformação, de uma práxis que está fundada nas relações, não podendo reduzi-la a nenhuma posição que utilize a essência de toda a fundamentação da razão para justificar uma hegemonia dada e assim, não mudá-la, não inovar.

Diante destas situações, partimos da escola de aprendizado das massas – ou seja, a rede pública de ensino –, como uma sala que precisa ser um lugar de exercício de prática da luta, uma luta pela sobrevivência, pela emancipação, pela educação de qualidade, pela conquista de direitos, pela criação da própria concepções, da própria cultura e de uma tomada de consciência de classe.

É no embate da negação dos aspectos negativos de sua vida, diante de todas as dificuldades que enfrentam, que as massas apreendem, ou seja, através da sua própria realidade. Em meio a todo esse processo, ocorrem crises na economia, crises sociais, conflitos, guerras, embates ao modelo de educação que favorece a elite, problemas de ordem política etc. Todas essas questões entre outras de ordem pessoais, regionais, acabam por modificar a vida das massas, fazendo com que as massas encontrem soluções para poderem sobreviver.

Assim, o senso comum, a postura espontânea, por um lado faz com que as massas achem tudo normal. Daí a importância fundamental de elaborarem um senso crítico e a busca por organizarem-se. Neste campo, o professor tem um papel fundamental, participando ativa e constantemente como um intelectual orgânico do espaço escolar, ajudando as massas a organizar um novo senso comum, para a

elaboração crítica da história, das filosofias, da formação da sociedade, da cultura etc. O professor de filosofia, exerce a sua atividade, desenvolvendo e provocando constantemente um trabalho de organização, senso crítico, bom senso, consciência e colaborando na criação de um novo senso comum.

A importância de refletir e lutar, no sentido de que um outro mundo, outras concepções de mundo e de vida, são possíveis, pensando e agindo para buscar soluções para os problemas da realidade, portanto, de influência direta na construção e na formação de um novo senso de cidadania, de um exercício direto e indireto que produza ações nos jovens e consequentemente na sociedade, a partir da relação dos jovens com o ensino de filosofia, uma filosofia da práxis.

A escola da rede pública de ensino é uma trincheira de luta, como poderia pensar Gramsci (*apud* COUTINHO; 2011, p. 202-230), que também reconhece a escola popular como um espaço para o exercício e a organização das massas populares. As ideias de Antônio Gramsci ajudam a compreender as causas e os efeitos de um senso comum assimilado acriticamente. A causa é um modelo, uma concepção política e social que se distancia dos interesses das classes populares e favorece apenas a pequena parte, uma elite dominante, as concepções capitalista, tecnicista, positivista, que na medida que se expande, impõe a todos tal modelo, transforma as relações sociais, acabando por reduzir tudo e a todos a relações econômicos. E tais concepções afetam direta e indiretamente o senso comum, as concepções de mundo, a cultura, o modelo educacional. O que acaba por manter as classes subalternas dentro de concepções de mundo dirigidas pelas classes dirigentes, a elaboração de um modelo de cidadania “exigido” a ser seguido por meio de inúmeras cartilhas, documentos e orientações que são distribuídas e fomentadas para toda a sociedade. Materiais que servem de modelos elaborados e produzidos pela classe dominante e que servem ao seu próprio projeto de sociedade.

Os professores de filosofia, enquanto membro de uma comunidade escolar e à frente de suas aulas, tratando do ensino de filosofia, pode buscar constantemente, a elaboração e a criação de um novo senso comum, uma reflexão crítica e coerente em busca do bom senso, da atitude filosófica. Neste sentido, este trabalho procurou a intencionalidade de pensar e agir, por meio do ensino de filosofia em sala de aula, um espaço, uma trincheira de luta para a construção e criação de um bom senso, de uma nova concepção. Um exercício filosófico com a possibilidade de pensar, refletir e

construir novas relações com a realidade e com o sujeito histórico, marca constante da filosofia da práxis. Assim, podemos nos organizar com o intuito de buscar um reconhecimento de conjunto com o objetivo de unirmos e construirmos possibilidades e trincheiras de fuga, criando rotas, que disponibilizam ocorrer ações para mudar e transformar determinadas situações de limitações que uma classe dominante impõe sobre a outra.

Em suma, os professores de filosofia devem atuar como organizadores de uma contra hegemonia: o que significa dizer que a função, a ação de uma contra hegemonia é a de se transformar em uma consciência emancipadora. Dessa forma, uma ideia, por exemplo, começa de modo simples e desorganizada. Porém, conforme a dialética social acontece, essa ideia se desenvolve e é aprimorada, ficando clara e com um grau de maior consciência. Com isso, estudantes e professores ganham maior comprometimento e sua ação interferirá com a intencionalidade de transformar a história, uma consciência de classe.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 6. ed. Tradução de Alfredo Bosi. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- BOURDIEU, Pierre, WACQUANT Loïc. **La nouvelle vulgate. Le Monde Diplomatique**, maio 2000, p. 6-7.
- CARVALHO, A. M. P. **Reformas nas licenciaturas: a necessidade de uma mudança de paradigma mais do que de mudança curricular**. Em aberto, v. 1 2, n.54, p. 51 – 63, 1992.
- CARVALHO, José S. **Educação, cidadania e direitos humanos**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- CHAUI, Marilena. **O que é a ideologia**. São Paulo, Brasiliense, 1980. (Col. Primeiros Passos)
- COUTINHO, Carlos Nelson. **O leitor de Gramsci: escritos escolhidos 1916-1935**. Org. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 375.
- FALS, Orlando; BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Aspectos teóricos da pesquisa participante: considerações sobre o significado e o papel da ciência na participação popular**. São Paulo: Brasiliense, 1984, 42-62 pag.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo, SP. Editora Paz e Terra. 2009.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 54^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- GRAMSCI, Antonio. **Introdução ao Estudo da Filosofia. A filosofia de Benedetto Croce**. In: _____. Cadernos do Cárcere. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999. v. 1.
- _____. **Os intelectuais. O princípio a educativo. Jornalismo**. In: _____. Cadernos do Cárcere. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001. v. 2.
- _____. **Maquiavel, Notas sobre o Estado e a Política**. In: _____. Cadernos do Cárcere. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007. v. 3
- _____. **Temas de cultura, ação católica. Americanismo e fordismo**. In: _____. Cadernos do Cárcere. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro,

Civilização Brasileira, 2007. v. 4.

_____. **O Risorgimento. Notas sobre a história da Itália.** In: _____. Cadernos do Cárcere. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002. v. 5.

_____. **Literatura. Folclore. Gramática.** In: _____. Cadernos do Cárcere. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002 v. 6.

_____. **Concepção dialética da história.** 6. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1986.

_____. **Os intelectuais e a organização da cultura.** 5. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1985.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa: o neo-liberalismo em ataque ao ensino público.** Editora: Planta, 2004, 324p.

LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale (Orgs.). **Dicionário gramsciano (1926-1937).** - 1. ed. – São Paulo: Boitempo, 2017, p. 831.

MARX, Carlos; FEDERICO, Engels. **Teses sobre Feuerbach (1845)** – Publicado Obras selecionadas de Carlos Marx e Frederico Engels. Transcrição: Instituto Marxismo-Leninismo. Editora: Progresso – Moscou, 1969, pag. 26-28.

MOURA, José; CHITAS, Eduardo; MELO, Francisco; PINA, Álvaro. **Carta a Joseph Bloch (1890).** Tradução: José Barata Moura: Edições Progresso Lisboa – Moscovo, 1982, pag. 547 – 549.

SAVIANI, Demeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica.** (Col Educação contemporânea). editora: Autores associados. 11. ed. 1996.

TOGLIATTI, Palmiro. Antonio Gramsci, **chefe da classe operária italiana. Problemas** - Revista Mensal de Cultura Política n 25. Março – Abril de 1950. Transcrição: Fernando A.S. Araújo – 2008.

VACCA, Giuseppe. **Modernidades alternativas. O século XX de Antonio Gramsci.** Tradução: Luiz Sérgio Henrique. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira (FAP), 2016.